

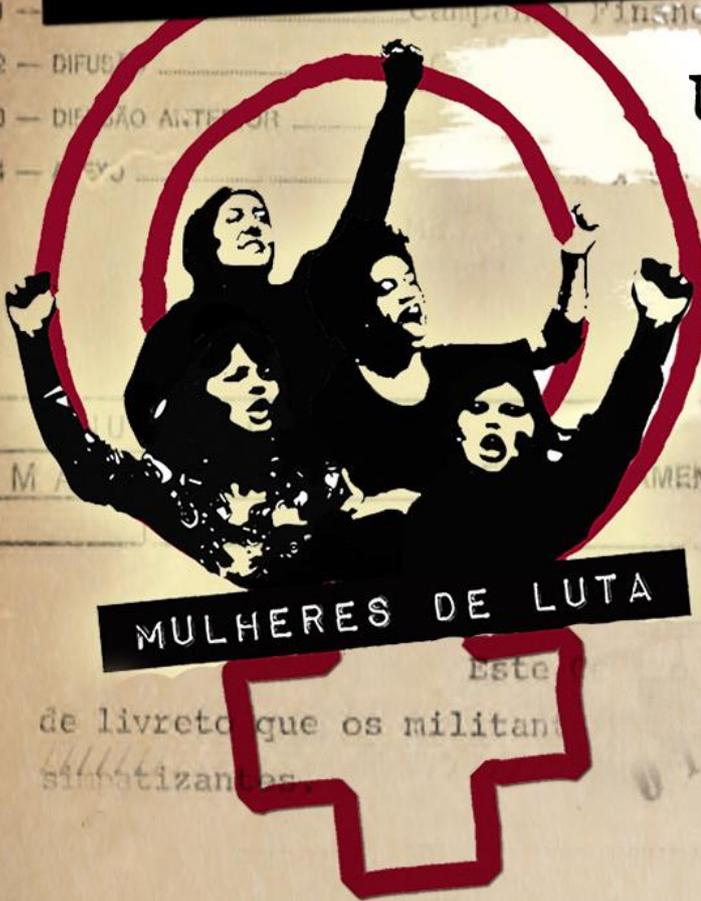
CONFIDENCIAL

# IV JORNADAS DO LEGH

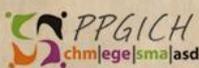
UFSC - C.F.H.

21 e 22 de novembro

- 2019 -



\* Caderno de resumos \*





**Jair Zandoná**

**Morgani Guzzo**

**Silvana Pereira**

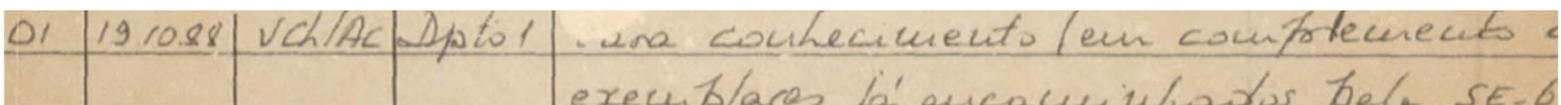
## **IV JORNADAS DO LEGH | CADERNO DE RESUMOS**

## **IV JORNADAS DO LEGH | CUADERNO DE RESÚMENES**

**1ed.**

**Florianópolis  
UFSC**

**2019**





Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

J82q Jornadas do LEGH (4.: 2019 : Florianópolis, SC)  
IV Jornadas do LEGH [recurso eletrônico] : caderno de resumos =  
cuaderno de resúmenes / [organização], Jair Zandoná, Morgani Guzzo,  
Silvana Pereira. – Dados eletrônicos. – Florianópolis : LEGH/UFSC, 2019.  
58 p.

Inclui bibliografia.  
Evento promovido pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História,  
realizado nos dias 21 e 22 de novembro de 2019, na Universidade Federal  
de Santa Catarina, Florianópolis, SC.  
ISBN 978-65-80460-59-5  
E-book (PDF)

1. História. 2. Feminismo. 3. Democracia. I. Zandoná, Jair. II. Guzzo,  
Morgani. III. Pereira, Silvana. IV. Título.

CDU: 396:321.7

Elaborado por Jonathas Troglio – CRB 14/1093

DI 19.10.88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



DISTRIBUIÇÃO INICIAL

Cópias

DPT-1

# IV JORNADAS DO LEGH

21 e 22 de NOV. de 2019 | Ufsc

## Realização

Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH)  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

## Apoio

Instituto de Estudos de Gênero (IEG)  
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH)  
Programa Institucional de Internacionalização (PRINT)  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

## Coordenação-Geral

Prof. Dr<sup>a</sup> Cristina Scheibe Wolff

## Arte e diagramação

Elaine Schmitt

## Comissão Científica

### Coordenadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joana Maria Pedro

Ana Maria Marques  
Ana Maria Veiga  
Anamaria Marcon Venson  
Cintia Lima Crescêncio  
Cláudia Regina Nichnig  
Elizabeth Espíndola  
Gilmária Salviano Ramos  
Gleidiane de Sousa Ferreira  
Jair Zandoná  
Jaqueline A. Martins Zarbato Schmitt  
Lorena Zomer  
Morgani Guzzo  
Paulo Souto Maior  
Rafael Araújo Saldanha  
Rejane Jardim  
Silvana Maria Pereira  
Soraia Carolina de Mello  
Tânia Regina Zimmermann  
Vera Gasparetto

01 19.10.88 VCH/AC Dpt 01 ... conhecimentos (em computadores e  
exemplares de encadernados pelo SE-6



DISTRIBUIÇÃO INICIAL

Cópias

DPT-1

# IV JORNADAS DO LEGH

21 e 22 de NOV. de 2019 | Ufsc

## Comissão Organizadora

Allana Letticia dos Santos

Alina Nunes

Aluá Faria Bassi

Athaysi Colaço

Camila Durães Zerbinatti

Cristina Scheibe Wolff

Elaine Schmitt

Henrique Cintra

Isa Maria Liz

Isadora Durgante Konzen

Ivette Sonora Soto

Jair Zandoná

Janine Gomes da Silva

Joana Maria Pedro

Jorge Luiz da Silva Alves

Lara Lucena Zacchi

Laiza Fuckner

Laura Carvalheira

Leticia Portella

Linaia de Vargas Palacio

Luana Balieiro Cosme

Luisa Dornelles Briggmann

Luiz Augusto Possamai Borges

Maria Adaiza Lima Gomes

Mateus Gustavo Coelho

Morgani Guzzo

Nayara de Lima Monteiro

Silvana Maria Pereira

Vera Gasparetto

01 19.10.2019 VCH/AC Dpt 01 - para conhecimento (em computadores e  
exemplares já encaminhados pelo SE-6



## Apresentação

Este Caderno contém os resumos dos trabalhos apresentados na IV Jornadas do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH). Este evento foi pensado com dois grandes objetivos: ser um momento de apresentação das pesquisas da equipe do LEGH e de reunião de pesquisadoras que já passaram pelo LEGH em outros momentos, seja em seus estudos de graduação, mestrado, doutorado ou pós-doutorado, mas também um momento de discussão e reflexão entre pesquisadoras e pessoas interessadas nas temáticas do gênero e do feminismo por uma perspectiva histórica. No momento em que vivemos, quando os estudos de gênero estão na berlinda de muitos conflitos, este evento adquire grande importância, pois demonstra nossa resistência frente a todas as pressões que as estudiosas do gênero e as ativistas feministas e LGBTQs têm sofrido. Vamos continuar a fazer gênero, a fazer história com perspectiva de gênero, a pesquisar e debater sobre as desigualdades, preconceitos, e as interseccionalidades entre gênero, classe, raça, etnia, religiosidades, gerações.

Nestas jornadas o tema principal é “Mulheres de Luta”, pois estamos aproveitando este evento para o lançamento dos resultados de uma grande pesquisa coletiva que envolveu muitas pessoas do LEGH e também de várias outras universidades. O projeto “Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)” foi realizado entre novembro de 2016 e outubro de 2019, com apoio do Edital Memórias Brasileiras: conflitos sociais, da CAPES<sup>1</sup>. O projeto, interinstitucional e interdisciplinar, teve como objetivo central analisar o feminismo percebendo a especificidade da sua constituição enquanto movimento social e conjunto de ideias no Brasil no período da ditadura e suas interfaces com as organizações e movimentos de enfrentamento da ditadura: partidos, organizações armadas, movimentos de familiares de presos e desaparecidos, grupos de exiladas/os, entre outros movimentos. O projeto teve como resultados concretos um livro e um webdocumentário, lançados durante as Jornadas.

As mesas redondas, a conferência e os Simpósios Temáticos das IV Jornadas do LEGH refletem em certa medida as pesquisas que temos realizado no Laboratório e abrem diálogos com parceiras de vários lugares. A conferência do historiador francês Luc Capdevila, possibilitada por sua vinda como Professor Visitante para o PRINT-CAPES/PPGICH, reflete uma parceria de muitos anos com a Universidade Rennes 2, na França, através de um convênio que já possibilitou muitas trocas. Nas mesas, além de várias pesquisadoras que já participaram do LEGH, há parceiras do Cone Sul e de outros estados. Os Simpósios, como se pode ver neste caderno, tem uma grande amplitude temática, dentro dos estudos de gênero com perspectiva histórica.

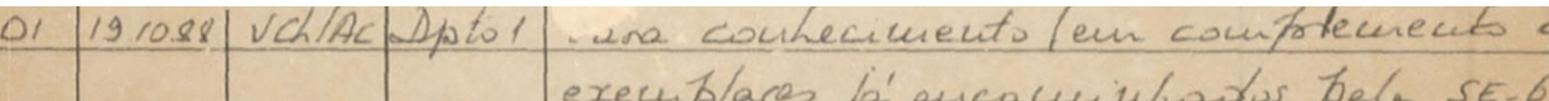
Estas jornadas são um trabalho coletivo, como se vê na nossa comissão organizadora. Todas essas pessoas colocaram a mão na massa: nos resumos, nas inscrições, nos banners e materiais da internet, na configuração da programação, no espaço físico. Os debates, encontros e resultados dessas jornadas se devem a esse trabalho intenso, comprometido e amoroso.

Agradecemos também à UFSC, ao PRINT/CAPES/PPGICH, e à CAPES através do Programa de Auxílio a Eventos no País (PAEP).

Vamos continuar a luta que é de todas, todos, todes.

Cristina Scheibe Wolff  
Coordenadora da IV Jornadas do LEGH

<sup>1</sup> Este projeto foi contemplado pelo Edital 12/2015 Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), do Programa “Memórias Brasileiras – Conflitos Sociais”, Processo 88887.130836/2016-00, sob coordenação geral de Cristina Scheibe Wolff.



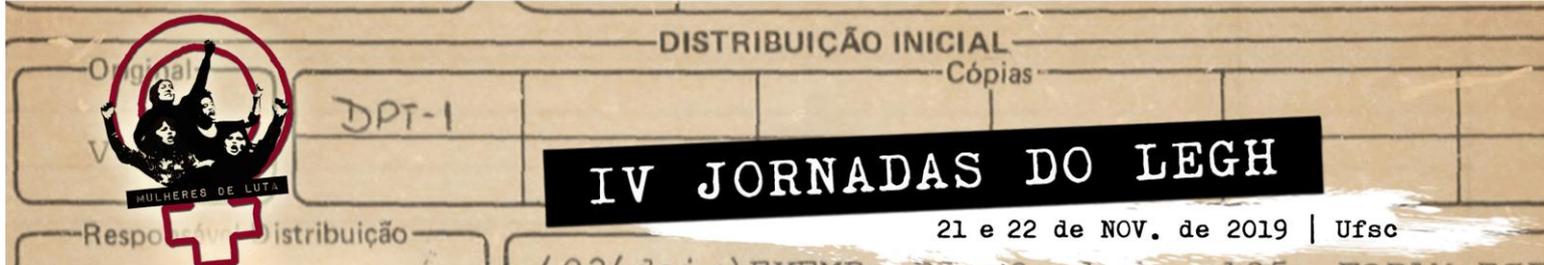


# IV JORNADAS DO LEGH

21 e 22 de NOV. de 2019 | Ufsc

## RESUMOS / RESÚMENES

01	19.10.2019	VCH/AC	Dpto 1	uma conhecimentos (em computadores e exemplares lá encontrados pelo SE-6
----	------------	--------	--------	--



## A

### “Largo ou não largo a caneta”? Subjetividades de uma escritora censurada pelo regime civil-militar

Adriana Fraga Vieira (UFSC)

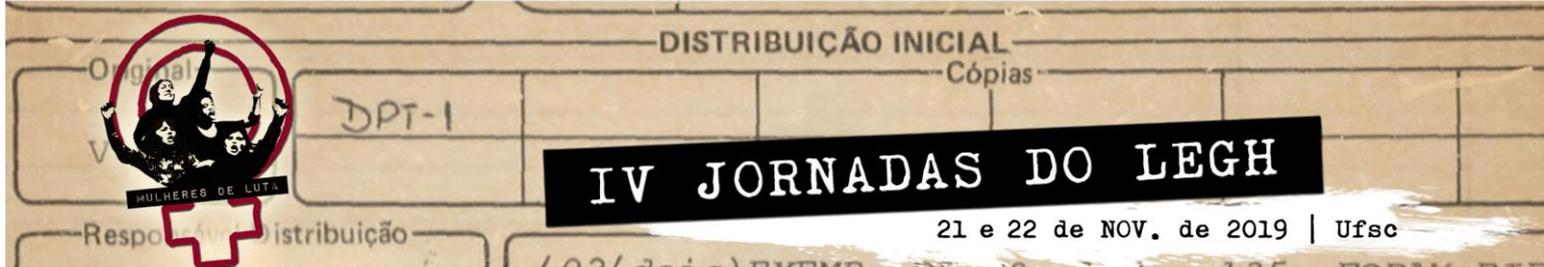
**Resumo:** Adelaide Carraro tornou-se escritora em 1963 com uma autobiografia política polêmica envolvendo o ex-presidente Jânio Quadros. O sucesso comercial tornou-se estímulo para outras produções literárias cujos títulos incendiavam a imaginação e a curiosidade de leitoras/es, mas também chamando a atenção dos olhos vigilantes do poder censório. Escrevia temas fortes e sensíveis ligados a questões sociais e de gênero, seus enredos abordavam com recorrência a situação da mulher nas relações conjugais, na representação do corpo e expressão da sexualidade. Desse modo, a escritora passou a ser um alvo preferencial da Censura, que analisou oficialmente treze títulos, censurando alguns e deixando outros sem parecer nas gavetas esquecidos. O veto dos livros veio acompanhado de violências corporais e psicológicas, levando-a expressar o desejo de “largar a caneta”. Ser escritora era parte significativa de sua vida, ocupação que ia além da sobrevivência material para tornar-se suporte das subjetividades de uma existência carregada de traumas e conflitos. Adelaide transformou sua vida em um livro aberto, contínuo, porém não linear. Em capítulos ou narrativas curtas, em prefácios ou por meio da vida de muitos personagens, ela se deu a conhecer de diferentes maneiras e não escondia os processos de subjetivação que criava do mundo social no qual vivia. Essa literatura foi capaz de afrontar o regime civil-militar em um dos seus dogmas mais caros, a “defesa da moral e dos bons costumes”, e aqui lia-se a manutenção dos valores normativos de gênero e comportamento. Suas narrativas foram lidas pela censura a partir de uma perspectiva pornográfica, mas também pelo tom desabrido e os temas espinhosos que abordou. Por essas razões Adelaide foi marcada para censurar, de forma escandalosa, arbitrária e violenta. Este trabalho investiga as memórias marcadas e as subjetividades expressadas pela escritora diante da violência do Estado de exceção sobre sua vida e produção literária.

**Palavras-chave:** Adelaide Carraro. Literatura. Subjetividades. Memória. Censura.

### Da imagem e do corpo: Maria Antonieta entre a pele e as penas

Adriel Dalmolin Zortéa (UFSC)

**Resumo:** O presente trabalho aborda a construção imagética do corpo da rainha Maria Antonieta (1755-1793). Austríaca, é consenso entre suas atuais biógrafas de que sua dupla condição de mulher e de estrangeira colaborou para torná-la o bode expiatório da Revolução Francesa. Antes da lâmina da guilhotina, a última rainha consorte de França teve o corpo desmontado pela imprensa não-oficial setecentista em panfletos satíricos. Nas gravuras em água-forte analisadas, datadas de 1791-1792, Maria Antonieta adquiriu fragmentos animais, como penas, garras e caudas. O corpo tornava-se imagetamente animal. Para a filósofa Marie-José Mondzain o gesto de retratar a mão hominídea sobre uma rocha cavernosa provocou o eclodir de um regime de separação entre o corpo e a imagem, uma subjetividade desatada: a inauguração, pelo sujeito, de um estrato de liberdade que não seria aceito sem controle. Desumanizar Antonieta em imagem, distingui-la de seu corpo, é atividade possível pelo espaço intermediário criado pela mão hominídea. Metodologicamente, monta-se e desmonta-se o corpo entre a pele humana e as penas, percebendo como a imagem, como postulado por Hans Belting, torna a ausência visível ao transformá-la em uma nova forma de presença: o animal que o ser humano deixou de ser. Alocadas, a gravuras anônimas – muitas vezes impressas no exterior para fugir da censura monarquista – montam o corpo feminino como zoomorfo, contraste com o corpo montado e bem-vestido das imagens de



cunho oficial que permite a observação de como díspares suportes imagéticos produzem diferentes apresentações visuais.

**Palavras-chave:** Imagem. Corpo. Maria Antonieta.

### **Arco-íris em prosa: representações das homossexualidades e de travestis na Ditadura Civil-Militar em reportagens do jornal *A Província do Pará* na década de 1970**

Alana Albuquerque de Castro (UFPR)

**Resumo:** A ditadura civil-militar iniciou em 1964 e teve fim em 1986, durou na história de nosso país por exatos vinte e dois anos, período este que não apenas marcou um turbilhão de mudanças políticas, mas também artísticas, culturais e sociais. Durante esse mesmo período, mais precisamente na década de 1970, a homossexualidade e as travestis ganhavam grande destaque não só no Brasil, como no mundo, o movimento “gay power” trazia à tona uma geração cansada de se esconder e de negar os seus desejos. O presente trabalho propõe através de uma análise semântica do periódico paraense *A Província do Pará* abordar a maneira que o mesmo observava as homossexualidades e as travestis e a forma que eles perpetuavam essa informação ao leitor, não deixando de relacionar com o período da ditadura civil-militar em questão. O intuito é analisar a abordagem e o discurso contido em algumas reportagens do periódico *A Província do Pará*, da década de 1970 sobre a homossexualidade feminina e masculina e as travestis. Jornal este que foi selecionado, por ser um dos jornais paraenses mais significativos da época e que apoiava a ditadura civil-militar. De acordo com Ferreira (2007), os veículos de comunicação da imprensa de Belém, mais expressivos na época, *Folha do Norte*, *A Província do Pará* e *O Liberal*, que mesmo defendendo interesses aparentemente tão diversos no plano local, refletiam uma certa unidade editorial em relação ao plano federal, a partir da opinião de seus articulistas e redatores responsáveis pela edição das páginas que tratavam do noticiário político nacional. Ora mais, ora menos, ora ostensivamente, ora disfarçadamente, a imprensa em geral clamava pelo golpe.

**Palavras-chave:** Homossexualidades. Travestis. Ditadura. Sexualidade. Revolução Sexual.

### **“Uma máquina revolucionária acabou de ser lançada!”: usos feministas do vídeo nos anos 1970 e 1980**

Alina Nunes (UFSC)

**Resumo:** Esta comunicação tem como objetivo elucidar os usos do vídeo como ferramenta para mobilização e resistência feminista no contexto das décadas de 1970 e 1980. Para a melhor compreensão da temática deste trabalho, é importante traçar paralelos entre os usos do vídeo na América Latina e no hemisfério norte, especialmente nos Estados Unidos e na França. Enquanto nesses dois países o vídeo foi difundido nos anos 1970 através de uma promessa de subversão das redes de televisão, na América Latina, nos anos 1980, ele foi vinculado aos novos movimentos sociais, inclusive ao feminismo. É importante pensar o vídeo como uma ferramenta da resistência, compreendendo a potencialidade da arte como discurso de resistência política tanto em contextos de ditadura quanto em contextos de democracia. Além do uso da bibliografia sobre o tema, utilizo como fonte entrevistas realizadas com Rita Moreira e Jacira Melo, duas mulheres que produziram vídeos nos Estados Unidos e no Brasil.

**Palavras-chave:** Vídeo. Feminismo. História das mulheres.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



## O beijo e o tapa: coletivo NEGA na vanguarda do teatro negro catarinense

Aline Dias dos Santos (UFSC)

**Resumo:** A inserção na história da trajetória do coletivo NEGA, único coletivo de teatro negro em Santa Catarina, colabora para a ampliação do debate em torno do teatro negro brasileiro contemporâneo. As mulheres do coletivo colocam em cena espetáculos musicados, dança e performances com variados temas expandindo a percepção do corpo negro, e também em forma de manifesto, tratam de racismo e sexismo. Ao levar para o palco violências vividas no dia a dia das mulheres negras, estas experiências convergem diversos tempos históricos e questiona saberes/poderes historicamente instituídos por narrativas hegemônicas que minimizam as contribuições históricas e artísticas das populações negras no sul do Brasil. O teatro do Coletivo Nega, apresenta movimentos reconhecidamente feminista antirracista, e causam fissuras na hegemonia estética, corporal e filosófica da cidade, abrindo espaço através da desobediência estética para corpos que não estavam sendo reconhecidos, pois foram escondidos sob o véu da colonialidade.

**Palavras-chave:** Teatro. Feminismo. Gênero. História do Tempo Presente. Mulheres Negras.

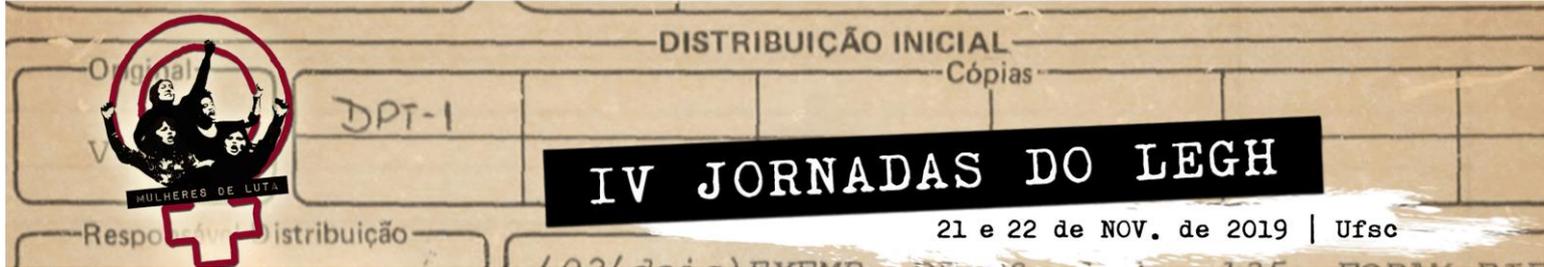
## Mulheres em ação: as relações de gênero dentro da militância de resistência à ditadura

Allana Letticia dos Santos (UFSC) e Sarah Pinho da Silva (UFC)

**Resumo:** A Ditadura Militar brasileira compreendeu um período de luta e resistências políticas, organizadas, predominantemente, pelas esquerdas. Concomitante a esse processo, ressurgiu, no Brasil, os feminismos de Segunda Onda, os quais colaboraram para aprofundar as discussões sobre gênero. Nesse estudo, buscamos entender as relações de transformação ocorridas nesse período, visto que as mulheres passaram a integrar, com maior atuação, as esquerdas. Assim, apreender sobre a inserção feminina, nesse campo político de disputas, no qual os homens têm historicamente o lugar de fala, é perceber qual foi o espaço dado a essas mulheres militantes. Depreender, portanto, da dicotomia masculino/feminino é necessário, pois, o processo dialético, no qual se inserem essas categorias, nos diz sobre a forma de se estruturar uma oposição ao regime militar, em que, muitas vezes, as mulheres foram preteridas por seus companheiros de militância. Nesta pesquisa, utilizamos as fontes orais, levando-se em consideração que o objetivo do estudo é analisar as relações de poder dentro do movimento de resistência, portanto, as narrativas são os principais instrumentos para a construção desse trabalho. Para compreendermos o desenvolvimento dos discursos narrativos, utilizamos a memória como fonte histórica. Analisaremos os processos da memória, utilizando os conceitos de “memória comunicativa” de Aleida Assmann e de “memória coletiva” de Maurice Halbwachs, pois, entendemos a memória como uma concepção não, apenas, individual, mas também, social. A partir da investigação das fontes e da bibliografia consultada, ponderamos que os elementos que estruturaram o “ser mulher militante” estavam influenciados pelas relações de gênero e valores compartilhados no período vivenciado pelas entrevistadas. Verificou-se que os grupos, dos quais as mulheres fizeram parte, mantinham as relações entre homens e mulheres firmadas na hierarquia de gênero comum à época, que era traduzida na divisão sexual do trabalho, cedendo às mulheres os postos de menor prestígio, visibilidade e importância.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar. Memória; Militância. Mulheres.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... um conhecimento (em componentes e  
exemplares) da arquitetura de Belo SE-6



## Um exercício feminista na condução da Prática de Ensino de História

Ana Maria Marques (UFMT)

**Resumo:** A comunicação expõe relatos de experiências embasadas em orientações de referências epistemológicas feministas que conduziram dez anos de trabalho de supervisão do Estágio para graduandos em História na UFMT: as propostas, ao longo dos anos foram se intercalando em diferentes modalidades de ensino: regular, Educação de Jovens e Adultos e em escola de unidade prisional feminina. Os relatos são compostos por ensaios de final de semestre de estudantes, fotos, impressões próprias dos trabalhos e desdobramentos para pesquisa. A experiência mais forte será a mais destacada: em penitenciária feminina, onde a literatura dialoga com a História nos processos de construção das subjetividades e de escrita de si. As práticas com processos de letramento crítico tornam-se iniciativas desviantes da norma que estigmatiza e oprime as mulheres encarceradas.

**Palavras-chave:** Prática de ensino. Epistemologia feminista. Estágio. Pesquisa.

## LGBTs em Quadrinhos: a Representação Trans/Travesti nas décadas de 80 a 90

Ana Paula Bühler Gonçalves (Unespar)

**Resumo:** Esta apresentação tem como objetivo abordar a representação Transsexual e Travesti através das Histórias em Quadrinhos “Sandman” (1989 a 1996) e “Os Invisíveis” (1994 a 2000), pensando no contexto em que as HQs foram criadas, tendo como foco, portanto, as décadas de 1980 a 1990, analisando três personagens, sendo elas, Wanda e Desejo (Sandman) e Lord Fanny (Os Invisíveis). Analisando também, suas origens, influências externas e internas (familiar/social), raça, classe social, desejos, uso dos corpos, religiosidade, como a travesti é vista no Brasil e no exterior, como a construção social de gênero, a configuração física (sexo biológico) e a sexualidade estão (co)relacionadas para a construção dos sujeitos, mesmo daqueles que fogem a norma, a travesti pode ser entendida como um gênero para além do binário homem e mulher? Ressaltando que esta pesquisa está em fase inicial, sendo um fragmento do Projeto de Mestrado a ser apresentado no ano de 2019.

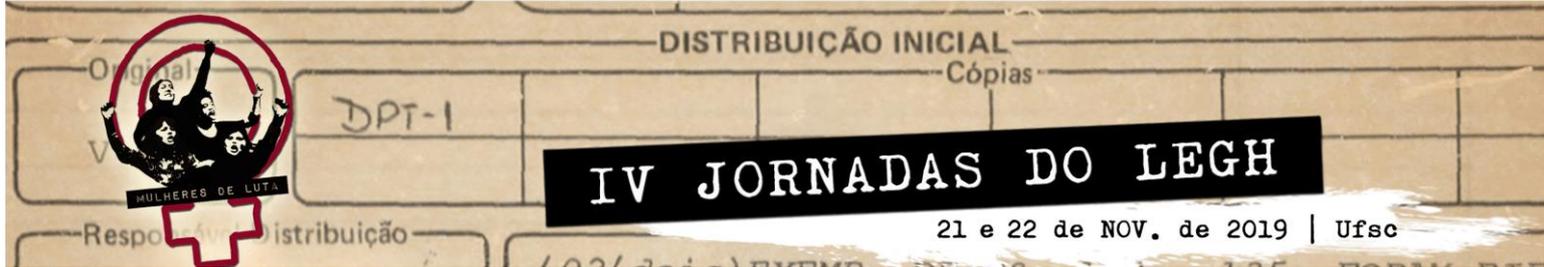
**Palavras-chave:** Gênero. Transexualidade. Representação. História em Quadrinhos.

## Terrorismo de gênero: a arte como máquina de guerra

Ana Paula Jardim Martins Afonso (UFSC)

**Resumo:** Desde 2013 o Brasil assiste, com olhos atentos de todos os ângulos, às investidas consecutivas à frágil democracia instituída em meados de 1985. O efeito político-social dessa configuração é a emergência de forças sociais, que insatisfeitas com a representação política e a atuação do Estado brasileiro nos governos Lula e Dilma, arquitetaram um golpe político-jurídico em 2016 contra a presidenta. Portanto, “um golpe misógino à democracia”. Desde então, estamos em guerra. Este texto objetiva analisar a atuação política de Linn da Quebrada, em resposta à configuração de forças ultraconservadoras que tomam de assalto nosso “horizonte de expectativa” democrático, a fim de implementar sua agenda de reformas e uma política social de desigualdades e hierarquias. Pensar essa atuação política significa compreender a relação entre arte, música e performance. Para tanto, chamo a compor esta análise a categoria de Gilles Deleuze “a arte como máquina de guerra” a fim de pensar Linn da Quebrada enquanto sujeito histórico-artístico que problematiza a heteronormatividade compulsória e as identidades fixas por meio de sua arte-manifesto. A arte é movimento, portanto, história. A arte cria, transforma. A arte afeta corpos, arpeja, paralisa. Aterroriza. Com efeito, Linn nos incita a pensar a categoria “terrorismo de gênero” como tática para criar espaços de resistência ao controle dos corpos nas relações cotidianas; desmontar o amontoado

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



de coisas que silenciam os sujeitos precarizados e violentados pelo Estado. Sujeitos que, por extrapolarem a lógica identitária hegemônica, expõem com maior evidência os mecanismos que tentam capturar as vidas desviadas.

**Palavras-chave:** Ultraconservadorismo. Terrorismo de gênero. Arte. Máquina de guerra.

### **“Homem e mulher os criou”: gênero, sexualidade e política na Renovação Carismática Católica**

André Luís da Rosa e Javier Vernal (UFSC)

**Resumo:** A Renovação Carismática Católica (RCC) tem sido o segmento católico com maior crescimento de engajamento nas disputas eleitorais no Brasil. Este movimento da Igreja Católica realiza uma interpretação da bíblia que compreende a diversidade sexual como contrária à vontade de Deus, bem como reforça as figuras bíblicas de obediência da mulher. Assim, por sua afinidade ideológica, a RCC possui uma aliança política com a Frente Parlamentar Evangélica, defendendo as mesmas bandeiras morais contra os avanços das pautas dos movimentos feminista e LGBTQI+, que são entendidos por tais segmentos religiosos como ‘trevas’ a serem combatidas pela participação política, encarada nos termos de uma “batalha espiritual”. Nesse sentido, a presente comunicação tem por objetivo apontar algumas das principais características da atuação política da RCC em relação as questões de gênero e sexualidade. Para tanto, no primeiro momento, apresentar-se-á a compreensão de gênero e sexualidade do movimento carismático católico e, na segunda parte, como o grupo em questão atua politicamente a partir de suas doutrinas, analisando algumas de suas propostas de lei.

**Palavras-chave:** Renovação Carismática Católica. Gênero. Sexualidade. Política.

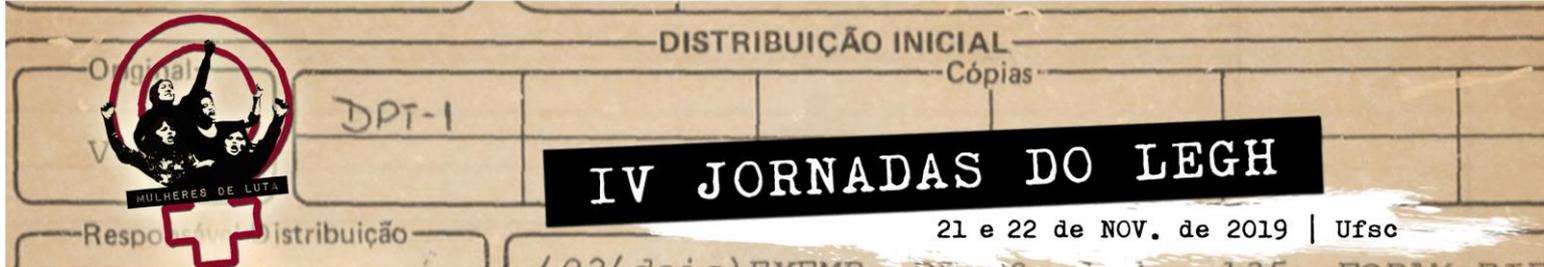
### **Primavera feminista e mídias digitais: a leitura nas margens da vida**

Andressa Spencer de Mello (UFSM)

**Resumo:** O presente trabalho visa discutir a relação entre gênero e leitura, através do relato de nossa pesquisa de mestrado que investiga as práticas de leitura entre jovens de um pré-universitário popular da cidade de Santa Maria – RS, através de uma etnografia. Diante da internet, as práticas de leitura vêm ganhando outras possibilidades a serem exploradas, assim como o movimento feminista. No campo da comunicação, Escosteguy (2019), propõe quatro impulsos nas relações entre os estudos de mídia e questões de gênero; dentre eles a pesquisadora identificou uma “quarta arrancada” como sendo caracterizada pela “primavera feminista”. Escosteguy (2019) entende que a participação de jovens de grupos populares, da mulher negra e da periferia, vêm revitalizando e ampliando as práticas políticas feministas, através das mídias digitais. Através de minha inserção em campo tenho observado que a leitura e a escrita podem ser instrumentos empoderadores para as alunas do cursinho. Caso da interlocutora Bianca, uma jovem negra da periferia da cidade, que sofre com o preconceito de sua família que não aceita a sua orientação sexual. É através das mídias digitais que Bianca escreve poesias marginalizadas; um espaço que proporciona a construção da sua identidade e uma forma de resistir a invisibilidade da sociedade para com as mulheres da periferia e para com a sua orientação sexual. Para a antropóloga Petit (2013), a leitura e a escrita permitem que as leitoras estejam mais preparadas para resistir aos processos de marginalização, pois as ajuda a construir, a imaginar outras possibilidades e a sonhar. Do mesmo modo, o historiador Fischer (2006), também indica que a leitura permite às pessoas compartilharem a diferença e as lembra de que não estão sozinhas. Portanto, identificamos que o ato de ler tem a capacidade de trazer para o centro aqueles e aquelas os quais a sociedade deixa nas beiradas.

**Palavras-chave:** Gênero. Práticas de Leitura. Resistência. Mulheres.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



## **Feminismo, educação e cidadania na Primeira República: Bertha Lutz e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino**

Anna Clara Granado (UFF)

**Resumo:** Este trabalho é uma produção bibliográfica com a análise de fontes empíricas que nos remetem às seguintes temáticas: feminismo, educação e cidadania na Primeira República. Especificamente, meu objeto de estudo são as lutas de ativistas, principalmente como a de Bertha Lutz, e de entidades como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que através dos seus embates e disputas conseguiram conquistar a inserção das meninas nas escolas, respeito ao trabalho feminino e o tão almejado sufrágio feminino. Ao longo deste trabalho, apresento minha observação de que alguns direitos foram duramente negados para parcelas da sociedade brasileira, fazendo com que operárias e intelectuais oriundas das camadas médias urbanas se mobilizassem contra a divisão social e sexual do trabalho, a naturalização do “papel” da mulher na sociedade e a discriminação político-eleitoral. Ao fim e ao cabo, focada no passado, mas atenta ao presente, discuto fortemente a opressão de gênero e outros preconceitos existentes em nossa excludente sociedade.

**Palavras-chave:** Feminismo. Educação. Sufrágio feminino.

## **Clio sai do armário: ensino de História e as sexualidades dissidentes**

Assis Felipe Menin (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho tem por objeto apresentar novos/as sujeitos/as da/na história que não foram estudados/as no ensino de História da Educação Básica. O ensino de História, por vezes, ocultou a mostrar as suas diversidades e sexualidades dissidentes e ao não se falar sobre essas diversidades contribuiu com as discriminações daqueles/as indivíduos que estavam fora das ‘normas’, no dizer de Louro (2014). Essa questão tem mudado nos últimos anos com o crescimento de cursos, movimentos sociais e demandas dos indivíduos que estão nessa escola, a História como disciplina tem tirado do armário personagens que tiveram contribuições importantes em suas épocas e no fazer histórico. Esses personagens são importantes também para esses indivíduos que hoje estão na escola e que podem aprender, entender e conviver com a diversidade e suas diferenças. Se por um lado tivemos uma maior inserção desses temas em sala de aula, por outro lado os tensionamentos provocados pelo uso dessas metodologias parecem ter provocado uma reação conservadora e um pânico moral onde a diversidade parece ser uma ameaça, problemática que este trabalho também procurará demonstrar.

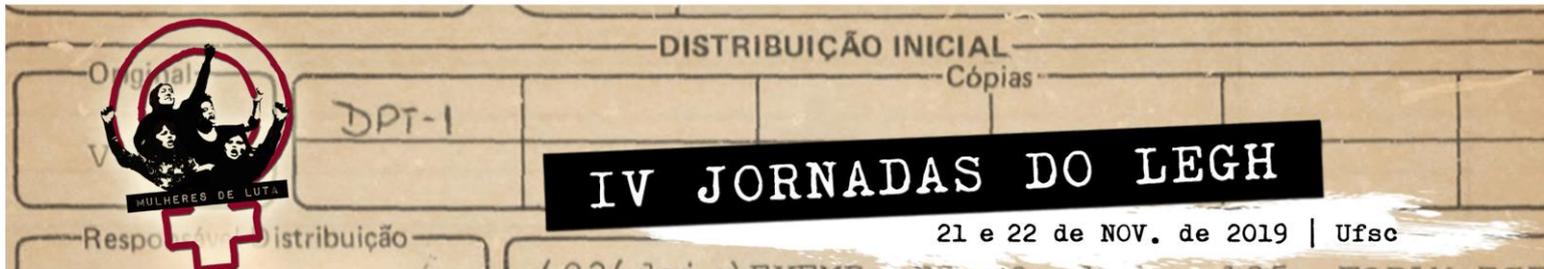
**Palavras-chave:** História. Ensino. Sexualidades.

## **Mães e militantes: a experiência da maternidade durante a ditadura militar brasileira**

Athaysi Colaço Gomes (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho pretende compreender as experiências de maternidades de mulheres militantes no contexto da ditadura militar brasileira a partir de fontes orais, como uma tentativa de contribuir para o entendimento da formação das subjetividades de mulheres militantes que vivenciaram a maternidade em tempos de intensa repressão política e autoritarismo. O objeto aqui analisado tem como recorte mulheres que integraram organizações de luta contra a ditadura militar e que engravidaram durante o período da militância, ou seja, a construção da experiência de mulheres mães militantes na luta contra a ditadura militar brasileira. A repressão vigente durante a ditadura militar tentou coibir os sujeitos que se impeliam às manifestações de rua contra o autoritarismo estatal, mas atingia de modo peculiar às mulheres, pois o exercício de sair às ruas na luta contra a ditadura e de se integrar em organizações clandestinas de

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e exemplares de documentos pelo SE-6



esquerda consistia em uma dupla transgressão para as mulheres: a luta contra a ditadura e pelo direito aos espaços políticos. As denúncias feitas por mulheres sobre os horrores sofridos na ditadura militar perpassam as questões de gênero, visto que as torturas geralmente possuíam um cunho sexual, de desumanizar as militantes e violentá-las pela condição de mulher. O exercício do poder do torturador sobre a torturada apresentava também a condição do poder e do controle dos homens sobre os corpos das mulheres. Estupros, sevícias, desmoralização moral a partir de comentários pejorativos sobre o corpo das mulheres são relatados pelas mesmas em diversos trabalhos que se dedicam a explorar essa temática. Desse modo, a experiência da maternidade e da militância perpassa as relações entre gênero, política e memória. A partir da metodologia da história oral, pretendo atentar para a narrativa das emoções e dos afetos nos relatos das mulheres militantes sobre suas relações com a maternidade e com a luta política.

**Palavras-chave:** Gênero. Ditadura militar. Maternidade.

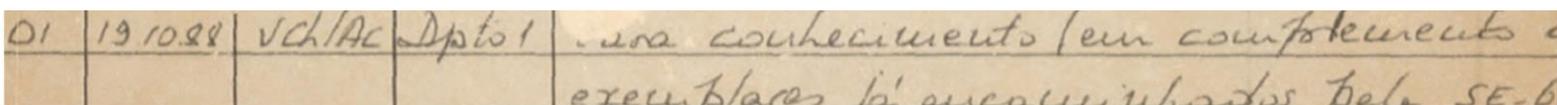
## B

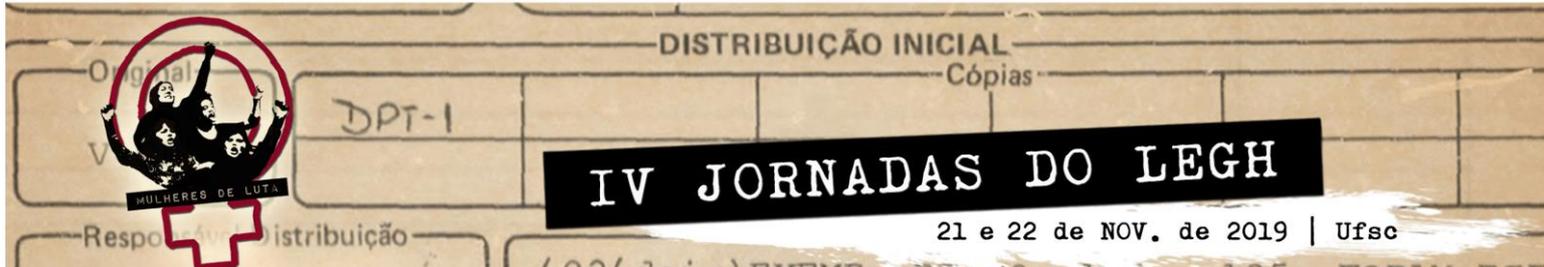
### O escrever-se nas telas: a subjetividade na obra de Adélia Sampaio

Bárbara Brognoli Donini (UFSC)

**Resumo:** Adélia Sampaio é uma cineasta, considerada a primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem no Brasil. O seu filme mais representativo, e seu primeiro e único longa metragem, é *Amor Maldito* (1984); o filme, produzido em um momento complexo da história brasileira – período de transição entre a Ditadura Civil-Militar e a democracia –, é pioneiro. É o primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher negra e o primeiro filme brasileiro a ter como temática principal o amor lésbico. O filme *Amor Maldito* é, talvez, sua obra mais conhecida pelo público e reconhecida pela crítica, mas não é o único filme dirigido por Adélia Sampaio. A cineasta dirigiu outros curtas-metragens antes de dirigir seu primeiro longa e voltou a direção em 2018 com o filme *O Mundo de Dentro*. Seus filmes anteriores a *Amor Maldito* não estão disponíveis para acesso público – os negativos de seus filmes disponibilizados por Sampaio para a cinemateca do MAM sumiram do arquivo do museu –, mas as duas obras citadas estão disponíveis na íntegra no site de vídeos YouTube. Por conta do acesso a fonte, irei utilizar os filmes *Amor Maldito* (1984) e *O Mundo de Dentro* (2018), além de entrevistas com a cineasta e sinopses de mais um filme, *Denúncia Vazia* (1979), para fundamentar as análises neste artigo. Também me baseando em entrevistas com a cineasta Adélia Sampaio, considero sua obra de ficção *Amor Maldito* como uma forma da autora de se representar e escrever sobre si mesma através do discurso cinematográfico. Não pensando na obra da cineasta como uma autobiografia ou um diário, mas sim como uma forma de utilizar a linguagem artística – neste caso a linguagem cinematográfica – para escrever sobre si, alinhando as trajetórias e identidades de suas personagens com as suas próprias. Sua obra está intrinsecamente ligada à sua trajetória pessoal e profissional, que são transpassadas por questões raciais e socioeconômicas. Sua experiência está marcada por sua posição enquanto mulher, mãe, negra e filha de trabalhadora doméstica, que tenta se inserir em uma indústria cinematográfica masculina e branca. E essa experiência também vai marcar toda sua obra, que se torna o encontro entre embates sociais complexos e a subjetividade de alguém que viveu, de várias formas, esses embates. A escolha de tratar sobre questões de injustiças sociais, de violência jurídica – como é o caso de *Amor Maldito* – e da desumanidade causada pelo problema da desigualdade social e de moradia – como na história do casal de idosos que comete suicídio após ser despejado no curta *Denúncia Vazia* – não podem ser ignoradas na escrita da história da cineasta. Os filmes de Adélia Sampaio são registros de sua experiência e de sua subjetividade.

**Palavras-chave:** Adélia Sampaio. Subjetividade. Cinema.





## Construção da identidade lésbica na canção “Amor Verdade” de Maria Beraldo

Bianca Aparecida Gaviolli da Cunha (UFRGS)

**Resumo:** Este trabalho se constrói a partir do estudo da canção “Amor Verdade”, da artista lésbica Maria Beraldo, lançada em seu primeiro disco solo *Cavala* de 2018. A partir de uma análise acerca da construção da lesbianidade da compositora, que se desenvolve em cada faixa. O objeto analisado é uma canção-resposta à “Pai e Mãe” de Gilberto Gil. Em “Amor Verdade” Beraldo se apropria da canção de Gil e trata da questão da aceitação de sua sexualidade e da construção de sua identidade. Ela se apresenta como uma mulher lésbica à sua mãe e ao seu pai, colocando em questão a rejeição familiar que “sair do armário” pode causar. Tal identidade foi construída a partir de um sentimento de inconformismo, manifestado no apego a projetos societários “alternativos” (ALMEIDA; HEILBORN, 2008). Deste modo, a opressão dificulta o processo de construção da identidade do grupo oprimido. Nesta canção Maria traz na composição, e nos arranjos, o aceitar de sua identidade.

**Palavras-chave:** Lesbianidade. Identidade. Construção.

## Mas ela continua: o trabalho de Pilar del Río e o legado da obra de José Saramago

Bianca Rosina Mattia (UFSC)

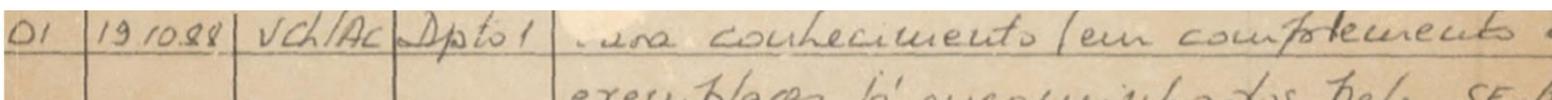
**Resumo:** Escritora, jornalista, tradutora e presidenta da Fundação José Saramago, Pilar del Río cada vez mais tem se destacado como uma presença lúcida e necessária à frente de causas em defesa da democracia e dos direitos humanos. A militância, contudo, não é recente. A postura assumida por José Saramago como cidadão não distante do escritor que foi, amplificou sua voz e sua obra, de modo que sua vida, a qual foi compartilhada com Pilar del Río durante mais de vinte anos, distingue-se não apenas no cenário literário, mas sobretudo no cenário político. *José & Pilar* (2010) não é apenas um belíssimo documentário, mas um casal que se empenhou em defesa da vida humana. Após o falecimento do escritor, em 2010, Pilar del Río seguiu à frente da Fundação e deu prosseguimento ao desejo de Saramago na elaboração da “Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos”, entregue à ONU em 2018. O legado da obra de José Saramago continua por uma mulher de luta. Nesta comunicação, o objetivo é apresentar o trabalho de Pilar del Río, especialmente à frente da Fundação José Saramago, e como isso continua a inscrição histórica de uma obra que transcende o universo literário.

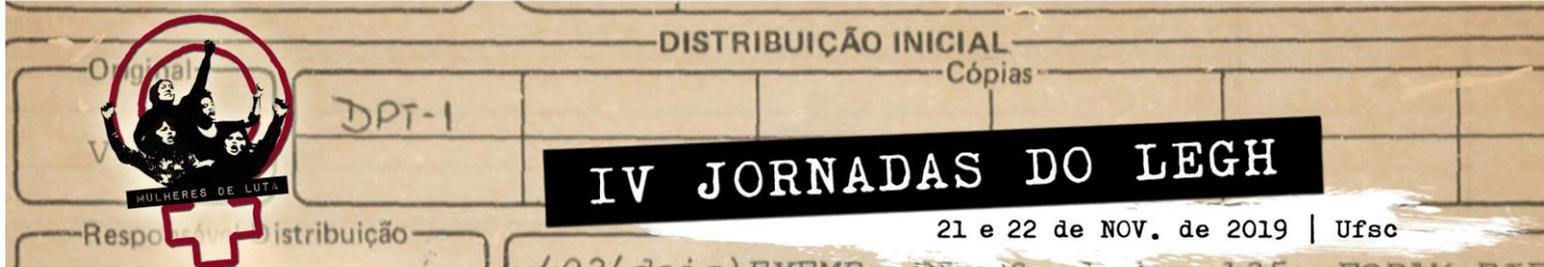
**Palavras-chave:** Direitos Humanos. José Saramago. Literatura. Pilar del Río.

## Arquivos feministas: entre o pessoal, o político e o precário

Binah Ire (UFSC)

**Resumo:** Arquivos feministas se caracterizam por suas relações com o ativismo e a academia, localizando-se ora como acervos pessoais, ora como parte de acervos acadêmicos de pesquisa, ora como fundos de arquivos públicos. Pensar salvaguarda, proteção e preservação num contexto de precariedade dos equipamentos culturais – museus, arquivos e bibliotecas públicas – implica em pensar soluções coletivas e pouco custosas. Penso arquivos feministas como arquivos de base, arquivos de movimentos sociais que se interseccionam com movimentos LGBT+, populares e de esquerda no Brasil. Há uma demanda recente pela proteção desses arquivos, relacionada ao contexto político de perseguição e repressão de movimentos sociais em geral, o que coloca em risco a produção intelectual e ativista destes. Com a escassez de arquivos estruturados para receber esses conjuntos, é urgente pensar medidas de preservação e formas de financiamento de projetos que contemplem a organização, gestão e proteção dos arquivos feministas e de movimentos sociais. Utilizo o Arquivo Edgard Leuenroth e o Centro Informação da Mulher para ilustrar dois





tipos de experiências distintas que se propõem ao mesmo objetivo e que se complementam quando nos colocamos a refletir sobre personalidade, precariedade, proteção e gestão de arquivos. A institucionalização favorece a captação de recursos e estruturação, embora não os garanta. A pessoalização, por outro lado, garante a sobrevivência, mas pode não dar conta das demandas que materiais sensíveis podem ter. A historicização dos arquivos e o estudo destes enquanto objetos de pesquisa, conjuntos permeados pela intencionalidade e contingência, pela necessidade de reflexão sobre sua formação e utilização por pesquisadores no campo da História e ciências humanas. A partir da experiência com o acervo do LEGH (Laboratório de Estudos de Gênero e História), ensaio uma projeção deste trabalho aos arquivos de base dos movimentos sociais e seus conjuntos já institucionalizados.

**Palavras-chave:** Arquivos feministas. Acervo. LEGH. História. Arquivo.

### **A luta na pesquisa e a pesquisa para luta: historiadoras e militantes entre os anos 1974 e 1988**

Branca Zilberleib (USP)

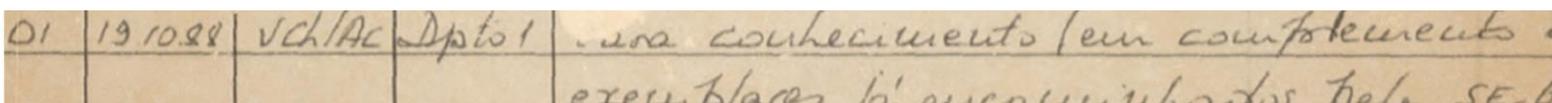
**Resumo:** Para muitxs autorxs, uma das particularidades do feminismo que emergiu no Brasil e em outros países do Cone Sul, durante os anos 1970, foi sua relação com as organizações de esquerda no combate às ditaduras locais, um compromisso político que ultrapassava as pautas consideradas estritamente feministas. Por outro lado, também é considerada característica constituinte deste movimento, a estreita relação que as militantes feministas entretinham com a pesquisa, seja através de grupos de reflexão, seja através de vínculos universitários, como graduandas ou pesquisadoras destas instituições. O objetivo desta comunicação é analisar as relações de pesquisadoras do que hoje se costuma chamar de História das Mulheres, com os movimentos sociais e, especialmente, com as reivindicações feministas. Estas pesquisadoras estabeleceram relações diretas com um e/ou outro? Isso lhes impôs constrangimentos no meio universitário? E no movimento social? De que tipo? Como a participação no movimento social impactou a pesquisa? E ainda, entendem que suas pesquisas contribuíram com as lutas travadas pelos movimentos sociais? Entre 1974 – quando foi feita no Brasil a primeira pesquisa de obtenção de título, no âmbito disciplinar da História, sobre o tema da mulher: a pesquisa de mestrado de Rachel Soihet – e 1988 – quando foi promulgada a Constituição, marco da consolidação democrática e da aquisição de diversos direitos para as mulheres – contabilizamos 13 dissertações e teses defendidas em História sobre vivências e representações femininas, realizadas em seis diferentes universidades brasileiras. Entre os trabalhos, quatro tratam sobre o feminismo e oito sobre trajetórias de mulheres subalternas. O presente trabalho pretende assim, compreender os diálogos e contaminações que pesquisadoras, militantes e suas pesquisas fizeram.

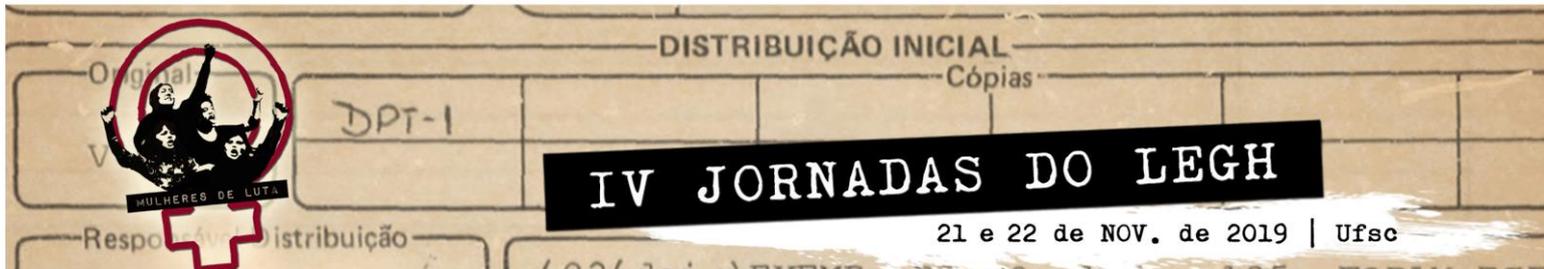
**Palavras-chaves:** Feminismo. Movimentos sociais. História das mulheres. Militância. Pesquisa.

### **“Mujer con Mujeres”: diálogos entre movimentos de mulheres na redemocratização uruguaia (1985-1986)**

Bruna da Rosa Mattos (UFRGS)

**Resumo:** No final da década de 1960 em países da Europa e nos Estados Unidos as mulheres viviam um momento político dinâmico, de reivindicações e lutas por direitos. No Cone Sul, entretanto, golpes militares motivados pelo anseio de acabar com a ameaça comunista e os subversivos que a conduziam já haviam iniciado. No Uruguai, após o golpe que instaurou a ditadura, a vida cotidiana se politizou e a partir dos anos 1980 surgiram novos grupos de mulheres preocupados com os direitos humanos e a subsistência de suas famílias. Esses grupos de mulheres, de forma geral, dizem respeito aos grupos de direitos humanos, de mães, avós, viúvas, irmãs e tias de desaparecidos políticos, aos grupos feministas, às organizações de





mulheres pobres urbanas e às mulheres que se inseriram na esfera política-eleitoral. A experiência ditatorial foi significativa para essas mulheres porque possibilitou um olhar através de outras lentes para a relação entre o público e o privado e temas que anteriormente eram restritos ao espaço doméstico foram levados a público. Partindo, portanto, de que o movimento de mulheres durante a redemocratização nos países do Cone Sul, que inclui o Uruguai, era heterogêneo, busco compreender a reorganização desses movimentos a partir de um coletivo feministas após doze anos de ditadura. Como esta pesquisa está em andamento, pretendo analisar os doze primeiros números da Revista Cotidiano Mujer, publicados entre os anos de 1985 e 1986 pelo coletivo uruguaio de mesmo nome. As mulheres que construíram a revista nessa época se identificavam como latino-americanas e conclamavam por um feminismo latino-americano e em pelo menos doze artigos dos seis primeiros números da revista, analisados até o momento, se referem a esse tema. Por isso, pretendo instrumentalizar esta pesquisa a partir dos debates feministas latino-americanos, como o feminismo decolonial.

**Palavras-chave:** Feminismos. Ditaduras. Uruguai.

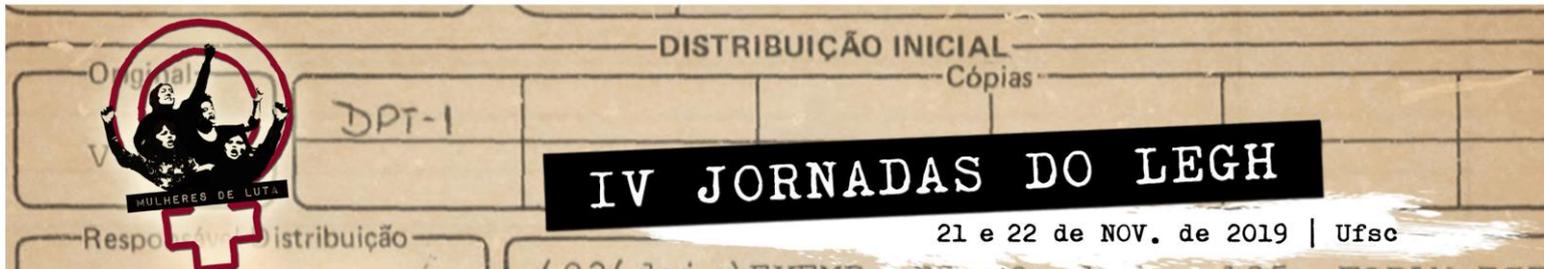
### **Possibilidades de trabalho docente feminista: professoras, feminismos e a narrativa conservadora da “ideologia de gênero”**

Bruna Dalmaso Junqueira (UFRGS)

**Resumo:** Resultante de uma pesquisa de mestrado, o trabalho analisa como professoras da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre relacionam seu trabalho docente com os feminismos. Através dos estudos educacionais críticos, utilizou-se os conceitos de hegemonia e ideologia para compreender a sociedade. A narrativa da “ideologia de gênero” – inventada pelo Vaticano nos anos 1990 buscando interromper avanços dos Estudos de Gênero e feministas – foi disparadora do debate. Em uma aliança entre neoliberais e neoconservadores, esse movimento “antigênero” e “antifeminista” tem-se popularizado no contexto educacional brasileiro. Embora haja debate crescente acerca da temática no campo científico, investigou-se uma perspectiva ainda invisibilizada: a de professoras mulheres (maioria do corpo docente brasileiro da educação básica e, apesar de resistentes como categoria, ainda herdeiras de um trabalho patriarcal/sexista). Em dois grupos focais, observou-se aproximações/distanciamentos dos feminismos com seus trabalhos, via discussão sobre iniciativas “antigênero” e “antifeministas”, como o Movimento Escola Sem Partido. Visibilizando contradições sociais, constatou-se reverberações tanto do conservadorismo quanto dos feminismos nas falas das participantes. A narrativa conservadora se dá relativamente bem-sucedida por causar identificação com o uso do gênero como instância biologizante e com elementos de culpabilização acerca do trabalho. Interessadas em desconstruir estereótipos e problematizar desigualdades, temem estar interferindo negativamente na formação identitária dos/as alunos/as. Constatou-se também a presença de perspectivas feministas quando afirmam buscar acolher/legitimar existências distintas da binária/heterossexual e demonstrar atenção à (re)produção de desigualdades. Mesmo constatando diferenças geracionais/culturais entre elas e alunos/as – efeitos da popularização/institucionalização de demandas feministas e LGBTTT –, manifestam empenho em revisar noções sobre o que é normal. Por fim, contatou-se discurso contraditório acerca da importância de políticas educacionais para o debate de gênero: declaram considerá-las necessárias e, simultaneamente, parecem subestimar sua eficácia. Reconhecendo um contexto que tem progressivamente legitimado pautas feministas e LGBTTT, consideram inviáveis legislações que proibam essa discussão nas escolas.

**Palavras-chave:** Gênero. Estudos de Gênero. Feminismos. Trabalho Docente Feminino. “Ideologia de Gênero”.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



## C

### Rastrear/Tatear a historicidade da categoria inaudibilidade

Camila Durães Zerbinatti (UFSC)

**Resumo:** Busco rastrear (ou “tatear”) a historicidade da categoria de análise inaudibilidade, de papel estruturante na pesquisa de doutorado em andamento - relacionada às obras para violoncelo solo de compositoras brasileiras. Apresento os resultados parciais obtidos até o momento por meio de listagens, organizando as informações encontradas até aqui em três grupos: 1. definições de dicionário; 2. menções em artigos do campo de estudos de gênero e feministas; 3. menções em textos da área da música. As definições da palavra e categoria “inaudibilidade” que encontrei são de dicionários. Rastreio a própria categoria, em um estágio inicial de “escavação”: apresento a introdução de meu percurso de pesquisa com a categoria e articulações entre inaudibilidade e outras categorias relacionadas - principalmente entre autoras/es do feminismo negro - como: silenciamento; silêncio; “lugar de cala”; voz, escuta e “lugar de escuta” (pensando aqui também na categoria “lugar de fala”). Trabalho com a hipótese de que inaudibilidade está em relação ao silenciamento (o quê e quem é impedido/a e/ ou proibido/a, à força, de sequer soar e existir sonoramente, por imposição) assim como a invisibilidade está para o desaparecimento/ extermínio/ exclusão e esquecimento. Me debruço sobre a investigação das relações entre essas categorias, tanto para compreender suas diferenças e usos diversos, como para compreender possíveis articulações entre elas. Me pergunto se é possível pensar, no campo da música, na condição dupla de invisibilidade e inaudibilidade dessas mulheres brasileiras e de suas produções musicais e sonoras. Outra hipótese que emerge é a de que as categorias de audibilidade, escuta, e, de “lugar de escuta”, parecem ser cruciais enquanto categorias que problematizam justamente tanto a necessidade de escuta e audibilidade.

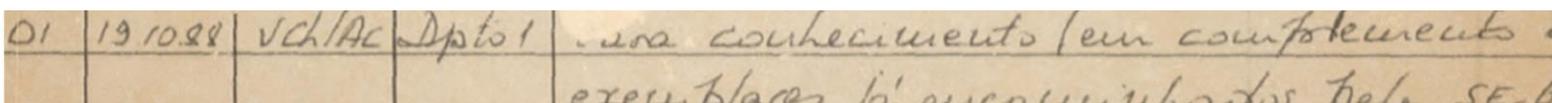
**Palavras-chave:** Inaudibilidade. Não-escuta. Escuta.

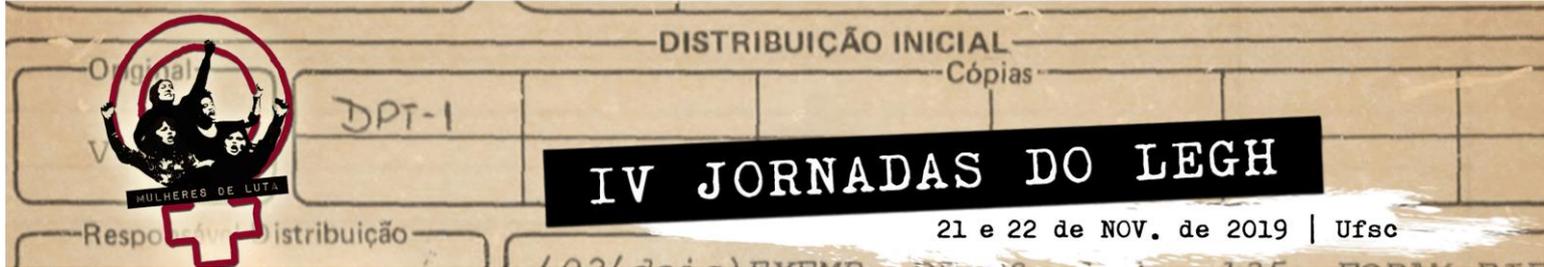
### Mulheres negras e formação de professores em Florianópolis: protagonismo e desafios

Carina Santiago dos Santos (UDESC)

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo divulgar e problematizar os resultados preliminares de pesquisa que apontam para o protagonismo de mulheres negras na formação de professores da Rede Municipal de Florianópolis, desde a configuração da obrigatoriedade do ensino de História afro-brasileira na cidade, passando pela gestão deste processo na rede municipal de educação, até os momentos de formação continuada de professores para o cumprimento desta legislação. Com base em fontes documentais e orais a pesquisa busca evidenciar a relevância das mulheres negras no processo de formação de professores e no desenvolvimento de uma pedagogia e escolha de uma história a ser ensinada e problematizada pelos docentes da referida rede de ensino. Os resultados também transparecem a invisibilidade destas mulheres na escrita da história e a necessidade de ampliação de estudos que as tenham como sujeitos de investigação, priorizando suas memórias e ampliação de vozes neste fazer fundamental para que o ensino para diversidade aconteça permeado de respeito à diversidade racial existente na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Mulheres negras. Formação de professores. Ensino de História.





## As publicitárias e o feminismo: discussões sobre o ativismo no sistema publicitário

Carolina Minuzzi Murari da Silva (UFSM)

**Resumo:** Diante do dualismo entre o movimento social e político do feminismo e o exercício da publicidade, encontra-se algumas profissionais feministas que estão conseguindo subverter a lógica masculina hegemônica do sistema publicitário. Diante disso, este artigo tem como objetivo entender quais são as práticas das profissionais que se consideram feministas, e, o que elas estão criando para tornar o sistema publicitário mais igualitário no que tange as questões de gênero. Entendemos que construir espaços mais saudáveis para as profissionais na instância da produção publicitária é fundamental para melhorar a representação de nós mulheres nos anúncios. Dessa forma, a partir das entrevistas realizadas com duas profissionais da área, partimos para uma pesquisa exploratória para resolver a questão proposta. Desejamos explorar a relação entre o feminismo considerado um movimento majoritariamente anticapitalista, e a publicidade, que está à mercê do sistema mercadológico, fazendo com que as profissionais sejam, quase sempre, classificadas como feministas liberais. Como resultado preliminar, entendemos que há publicitárias que conhecem as diferentes vertentes do movimento feminista e também fazem parte de movimentos, e, optaram por pertencerem ao sistema, pois acreditam estarem lutando pelo poder do discurso publicitário, sendo responsável por construírem novas representações a nós mulheres. Portanto, desejamos trazer as relações de poder a partir de Michel Foucault, que são discursivas, na qual “O discurso não é apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é a coisa para a qual e pela qual a luta existe, o discurso é o poder a ser tomado” (FOUCAULT, 1984, p. 100).

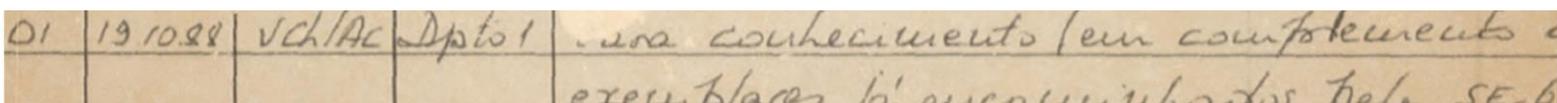
**Palavras-chave:** Feminismo. Ativismo. Sistema publicitário. Discurso publicitário.

## Poéticas e relações interamericanas a partir da obra de Nélide Aurora Oviedo (Argentina-Brasil, anos 1950-1960)

Caroline Aparecida Guebert (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho surgiu a partir de um projeto de Doutorado em História, que atenta para práticas de diálogo cultural que mobilizaram indivíduos, agremiações e repertórios literários e políticos “americanistas”, num contexto particular de estabelecimento de iniciativas de origem estatal, paraestatal e privada que combinavam nacional-desenvolvimentismo e políticas internacionais de integração. O objeto é parte da produção de Nélide Aurora Oviedo, argentina que se notabilizou como crítica, poetisa e mediadora cultural, que publicou textos em diversos periódicos culturais brasileiros, como a *Revista Sul* (Florianópolis - SC), a *Revista Jangada* (Fortaleza - CE), o *Jornal Tapejara* (Ponta Grossa-PR) e o *Jornal Letras da Província* (Rio de Janeiro-RJ). A partir desses textos e das interlocuções que lhes deram lugar, temporalmente situadas entre o início dos 1950 e o início dos anos 1960, buscamos problematizar algumas condições socioculturais de produção e de inserção dessa autora na Argentina e no Brasil, conforme lugares de fala que deram vazão à disposições que eram ativadas e reconvertidas nos circuitos americanistas que integrou em diferentes configurações sociais (inter-relacionadas). Abarcando a dimensão simbólica da vida social e das lutas em que Nélide Oviedo se envolveu, sobretudo pela valorização das escritoras latino-americanas, analisamos práticas de troca, tradução e divulgação, bem como redes de interdependência que foram estabelecidas. Certas conformações de gênero atravessaram as dinâmicas de criação, de circulação e de inserção/reconversão social de autores e autoras, em meio aos contextos de desperonização (Argentina) e de redemocratização (Brasil) em meados do século XX. Tais escritos, da poesia à crítica literária, servem de indício da construção de um horizonte de expectativas coletivo da qual ela fez parte, que esteve associado à certa identidade intelectual “interamericana”, forjada em processos históricos.

**Palavras-chave:** Relações Inter-americanas. Literatura e Política. Nélide Aurora Oviedo. Argentina-Brasil. Periódicos.





## “Mamãe me protege mas não exagera”: humor, relações de gênero e masculinidade na coluna “Super Mãe” da revista *Claudia* (1970-1985)

Cintia Lima Crescêncio (UFMS)

**Resumo:** Ziraldo é um dos principais cartunistas do Brasil. Sua trajetória se confunde com a história do humor gráfico brasileiro. Com passagens pela imprensa alternativa, pela grande imprensa e com ampla experiência na publicação de livros, Ziraldo é lembrado como valoroso gênio do nosso humor. Apontado como um dos perseguidores do feminismo nos anos 1970, através de seu trabalho no O Pasquim, o cartunista contribuiu por mais de uma década com a revista *Claudia*, marco do mercado editorial nacional que se dedicava às donas de casa das camadas médias. Em sua coluna “Super Mãe”, que estreou em março de 1970 na revista, foram apresentados os personagens que habitariam as páginas de *Claudia* por 15 anos. D. Clotildes e Carlinhos, seu filho, protagonizam histórias em que carinho, zelo e proteção são os super poderes da “super mãe”. Explorando as categorias de humor e relações de gênero, o objetivo do presente trabalho é refletir sobre os modelos de masculinidade acionados por Ziraldo em sua coluna “Super Mãe”, da revista *Claudia*.

**Palavras-chave:** Humor. Relações de Gênero. Masculinidade.

## Uma mulher no parlamento: reminiscências e reflexões

Clair Castilhos Coelho (UFSC)

**Resumo:** Este breve relato tem a finalidade de compartilhar minha experiência como vereadora na Câmara Municipal de Florianópolis com todos(as) aqueles(as) que se interessam pela participação política das mulheres. O caso presente se refere à minha atuação parlamentar, político-partidária, pessoal e feminista durante o meu primeiro mandato que foi de 1983 a 1989. Trata das primeiras impressões de minha atuação na Câmara Municipal de Florianópolis por ter sido a primeira mulher eleita em 256 anos de existência do município de Florianópolis. Conta sobre a organização do comitê, a formulação da proposta política, a articulação entre várias forças populares e sociais, a formação de consensos sobre a conjuntura nacional e do município. Formas de arrecadação e atividades e eventos da campanha. Desenvolvimento do mandato e meu crescimento político e da consciência e prática feminista. Descreve as impressões sobre a reação dos vereadores quando da primeira comemoração do dia 8 de março e apresentação da pauta e bandeiras de luta do movimento feminista. Ressalta o quanto é prazeroso participar das instâncias de poder e conseguir implantar coisas interessantes, avançadas e libertárias nesses ambientes rígidos do meio político patriarcal.

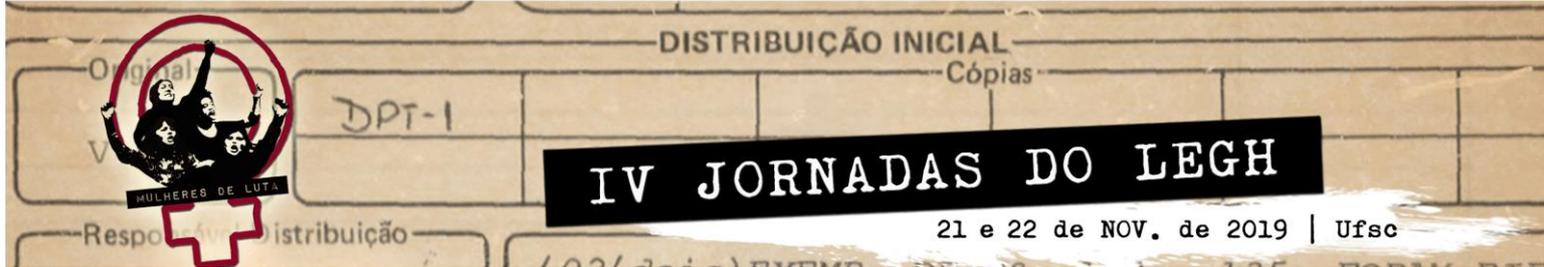
**Palavras-chave:** Câmara municipal. Vereadora. Campanha eleitoral.

## O silenciamento da violência contra as mulheres na guerra do contestado

Clarice da Luz (UNESPAR)

**Resumo:** Esse estudo consiste em uma análise da violência contra as mulheres e o silenciamento da mesma pela História Oficial no contexto da Guerra do Contestado (1912 -1916). São analisados depoimentos de descendentes dos (as) sobreviventes do conflito no documentário “Meninos do Contestado” produzido pelo jornal *O Estado de São Paulo* entre uma série de reportagens feitas para o centenário da guerra. Os depoimentos dos (as) depoentes revelam lembranças traumáticas da violência vivida por seus familiares e presenciada por eles(as) durante a infância e que estão guardadas em suas memórias. Essa pesquisa tem por objetivo contextualizar a violência contra as mulheres que foi silenciada pelas narrativas históricas após o conflito. Neste trabalho pretendo analisar como a História abordou nas narrativas a atuação feminina

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e exemplares lá encontrados pelo SE-6



durante o período de conflito para em seguida buscar compreender as questões pertinentes ao silenciamento da violência sofrida pelas mulheres que desempenharam papel de liderança e lutaram na linha de frente dos embates como a Maria Rosa, a Francisca Roberta (Chica Pelega), a Teodora, dentre outras, que se expuseram à violência física lutando como guerreiras. Em outra perspectiva serão ressaltadas as relações femininas daquelas que desempenharam papel fundamental no cotidiano da Guerra assumindo o sustento de seus lares, cuidando de doentes, feridos, crianças, idosa e defendendo a família e ainda assim sofreram diferentes formas de violência. Por fim, o objetivo principal é buscar que a História da Guerra seja suplementada com informações condizentes sobre as mulheres que protagonizaram e desenvolveram diferentes estratégias de sobrevivência, visto que se encontra uma lacuna aberta e se fazem necessárias abordagens mais expressivas.

**Palavras-chave:** Guerra do Contestado. Violência. Mulheres.

### **Refletindo sobre os estudos de gênero, o ensino de história e as famílias: o gênero e a sexualidade são uma ameaça?**

Claudia Regina Nichnig (UFGD)

**Resumo:** O presente texto visa abordar como em contextos históricos diversos – América Latina e Europa – os estudos de gênero foram transformados em uma ameaça, acusada de uma forma de ideologia por conservadores, principalmente oriundos das igrejas católicas (França), católicas e evangélicas neopentecontais (Brasil), chamado nesse último de ideologia de gênero, mas também sendo abordado em outros países da América Latina sob outras designações, para as quais abordar temas como gênero e sexualidade desestabilizaria normas consideradas tão rígidas e imutáveis principalmente no que se refere a família e a sexualidade. Entendo que se o gênero e seus estudos não fossem importantes não teriam se transformado no grande alvo a ser atingido pelos conservadores através das esferas políticas e educacionais. Por isso, nesse texto, minha proposta é refletir alternativas e estratégias para o ensino de história e gênero no Brasil, mesmo que estes estudos estejam sob ataque.

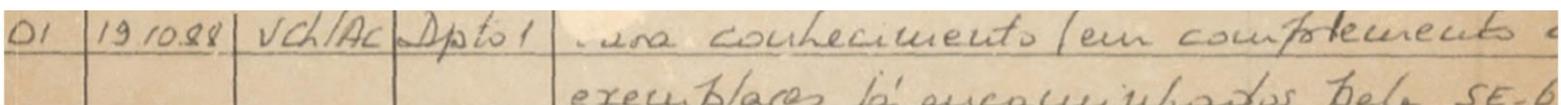
**Palavras-chave:** Estudos de Gênero. Ensino de História. Família. Ideologia de gênero.

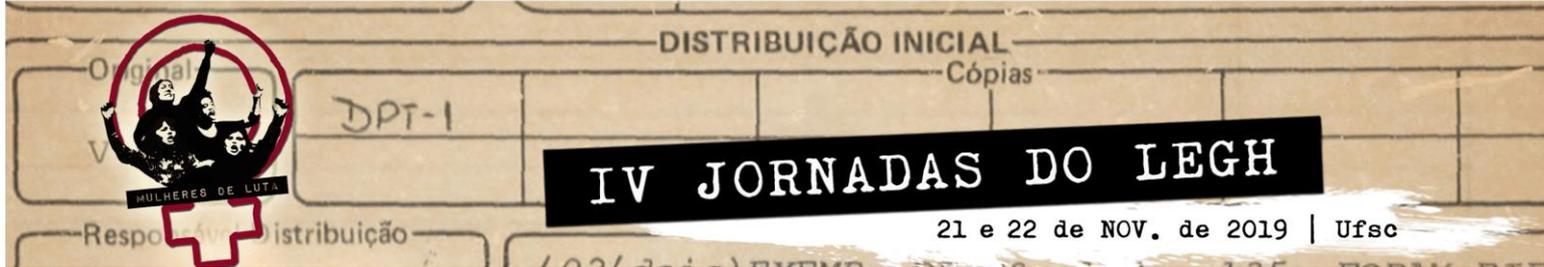
### **Às “amáveis leitoras”: a imprensa do século XIX como instrumento de educação e instrução para mulheres**

Cristiane Garcia Teixeira (UFSC) e Tamy Amorim da Silva (UFSC)

**Resumo:** Durante o século XIX as mulheres brasileiras foram marginalizadas no precário sistema escolar do Império. Mesmo as advindas de famílias economicamente mais abastadas não tinham de fato uma educação básica em casa. No entanto, muitas mulheres resistiram a essa marginalização, movimentando-se de maneira muito inteligente nessa estrutura que as oprimiam. Muitas mulheres organizavam grupos de leituras, onde se lia em voz alta os periódicos que circulavam na Corte e províncias do Império. Este artigo tem como objetivo analisar a partir desses periódicos e discussões aventadas por investigadoras/es, o papel da imprensa na alfabetização, instrução e moralização do público feminino no século XIX, principalmente partir de 1830. Para tanto, focaremos nossa atenção em demonstrar características da imprensa oitocentista, questões acerca da educação de mulheres vinculadas à circulação de impressos, assim como evidenciar como o gênero também foi um fator importante na elaboração das revistas desde o formato a temas abordados.

**Palavras-chave:** Educação. Mulheres. Século XIX. Impressos.





## D

### “O lar ideal”: ambiguidades de uma mulher adventista na vida política

Daniel Fernandes Teodoro (UNASP) e Lucas Almeida dos Santos (UNASP)

**Resumo:** Em 1979, ano marco para o feminismo no Brasil e ainda durante o governo militar, a Revista Adventista, periódico oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, iniciou a seção “Família/Lar Ideal”. Com intuito de abordar assuntos relacionados ao âmbito familiar e responder indagações de seu público, a seção se opôs claramente aos ideais de luta do movimento feminista. Nesse contexto político, toma posse no Senado Federal, Eunice Michiles, adventista do sétimo dia e primeira mulher a ocupar o cargo na República. Com isso, o presente trabalho busca explicitar as ambiguidades entre a narrativa adventista e a luta feminista por representatividade da mulher na vida pública, através da atuação política de Eunice Michiles e da análise na seção da Revista Adventista em 1979. Numa discussão teórica para compor a trajetória biográfica na vida pública da senadora, utilizou-se Barbosa (2006), Souza (2017) e Bresciani (1992). Por meio de Cruz (1982) e Sarti (2004), foi possível compreender o feminismo brasileiro nas décadas de 70 e 80. Por fim, identificou-se que, apesar das ambiguidades do imaginário adventista, reafirmador do ideal feminino restrito ao âmbito privado, Eunice Michiles fez parte da luta por representatividade na vida política e dos direitos em defesa da mulher no período militar.

**Palavras-chave:** Adventismo. Representatividade feminina. Eunice Michiles.

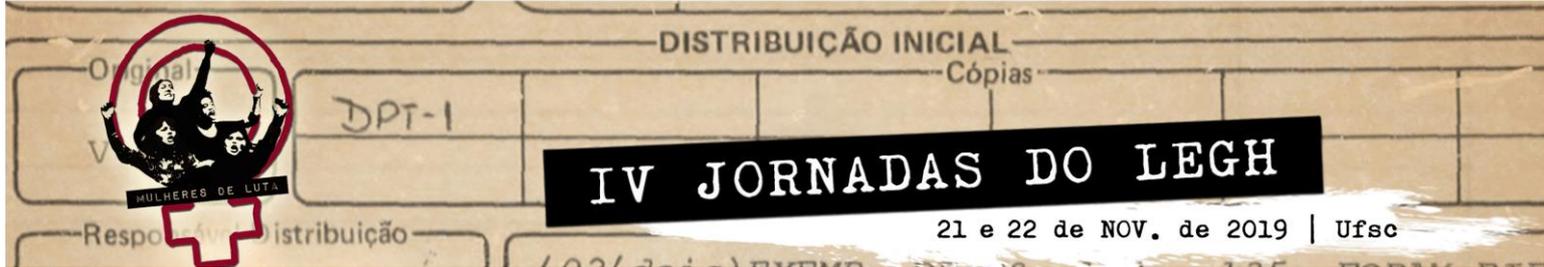
### “Loucas e criminosas”: uma reflexão sobre o papel do Estado na história do enclausuramento feminino nos manicômios brasileiros

Dienefer Madruga Vianna (UFSM)

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre o enclausuramento feminino nos manicômios como uma política de controle do estado. É importante ressaltar que essas instituições foram criadas na passagem do século XIX para o XX com o intuito de resolver o problema dos indivíduos considerados perigosos e que tiveram sua sanidade mental questionada, seus atos criminosos analisados e atestados como sem sentido racional ou passional. Todavia, podemos constatar através do estudo da historiografia sobre o tema, que o aprisionamento desses sujeitos não possuíam intenções de tratamento e sim os condicionavam ao isolamento social. Para a construção desse trabalho apresentamos o recorte de gênero, na tentativa de compreender os processos sociais que levaram ao confinamento dessas mulheres, tendo em vista que a cultura patriarcal define diferentes papéis sociais e quando desviam do padrão estabelecido, muitas vezes esses sujeitos são etiquetados de doentes mentais. As mulheres são as mais apontadas pelos seus comportamentos tidos como desviantes, a construção estrutural sobre as diferenças entre os gêneros e a narrativa que as inferioriza, relacionando diretamente os problemas femininos ao seu sistema reprodutivo e as adjetivando como um ser “instável”, “emotivo” e “irracional”, argumentando que por esse motivo as mulheres seriam mais suscetíveis a loucura. Nesse sentido é que propomos uma reflexão sobre o significado do aprisionamento dessas mulheres, o papel do Estado nesse controle e na construção dos padrões dominantes e na narrativa da loucura. O presente trabalho é financiado pela CAPES.

**Palavras-chave:** Mulheres e loucura. Enclausuramento Feminino. Controle Social.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em comportamentos e exemplos de enclausuramento pelo SE-6



### Feminismos e mídia: trajetórias e perspectivas

Djenifer Samantha Marx (UFSC) e Raquel de Barros Pinto Miguel (UFSC)

**Resumo:** As novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) perpassam as discussões atuais sobre gênero e subjetividade. Ao ultrapassar fronteiras de tempo e espaço, as TICs - e em especial a internet -, vêm mudando as formas de interação humana e, conseqüentemente, o modo como nos constituímos sujeitos através da relação com o outro. O ativismo online e a criação de vínculos através de redes sociais, portanto, são questões importantes para as discussões feministas e para os estudos sobre o ciberfeminismo. Diante desse cenário, a presente pesquisa busca apresentar um panorama a respeito da forma como o feminismo tem se apropriado das mídias atualmente, especialmente de sua aproximação com o meio digital. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura nas bases Scielo, Scopus, Capes (teses e periódicos), bem como buscas informais em blogs, sites e redes sociais, buscando compreender a relação entre mídia e feminismo no período que algumas pesquisadoras chamam de “Quarta Onda” feminista. Cabe ressaltar que para compreender a relação entre mídia e feminismo atualmente, se fez necessário retomar a trajetória dessa relação ao longo da história do movimento feminista. Até o momento, foi possível verificar discussões que se debruçam sobre uma possível mercantilização do movimento feminista, onde suas pautas são utilizadas como meio para atingir um público consumidor que se interesse por tal temática. Por outro lado, percebe-se que, apesar de tal pasteurização do movimento, o fato de o feminismo estar sendo pautado em diferentes veículos midiáticos, traz visibilidade às agendas feministas.

**Palavras-chave:** Feminismo. Mídia. Meio digital.

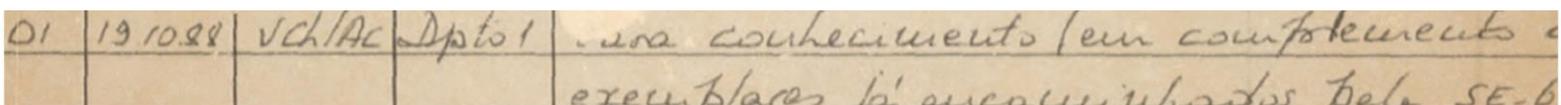
## E

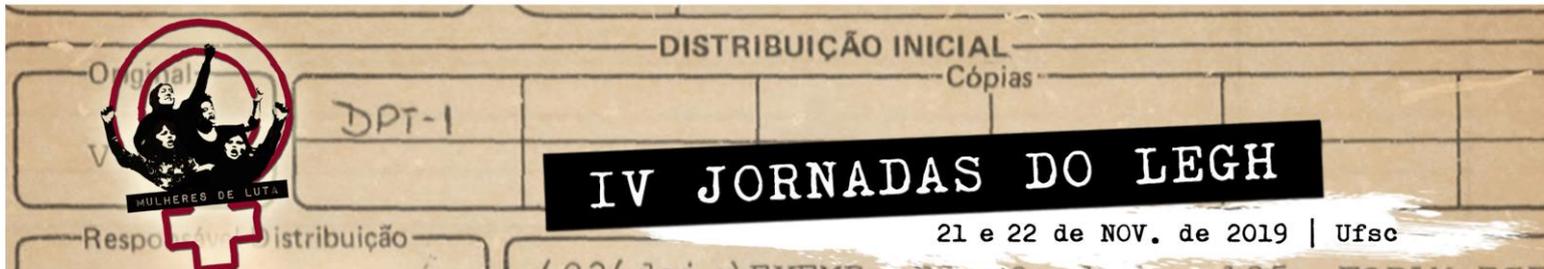
### Leolinda Daltro: “santa aureolada” à “mulher do diabo”, memórias de uma “missão mais que espinhosa”

Elaine Cristina Florz (UNESPAR)

**Resumo:** As mulheres brasileiras do século XIX eram cercadas pela sociedade patriarcal. Foram consideradas frágeis e insuficientes para exercer cargos que não fosse exclusivos à plena dedicação ao lar. É nesse contexto que, Leolinda de Figueiredo Daltro, uma jovem professora, decidiu sair da cidade do Rio de Janeiro rumo à uma missão em direção aos sertões de Goiás. Sua ambição era de catequizar indígenas através da educação laica. Leolinda passou a ser alvo de diversas críticas por deixar seu marido e seus filhos na capital e prosseguir com seu objetivo em auxílio aos indígenas. A viagem se tornou ainda mais perigosa depois que os frades que atuavam nas regiões indígenas implicaram com a presença e ousadia de Daltro em implantar uma educação laica. Daltro pretendia alcançar o cargo de diretora geral dos indígenas, que nunca havia sido ocupado por uma mulher, mas não consegue. A partir do momento em que Leolinda se identifica como oprimida pelas questões de gênero, passa a agir através da educação e do campo político para contornar a situação. A viagem de Leolinda resultou em uma obra denominada *Da catechese dos índios no Brasil: Notícias e documentos para a História (1896-1911)*, que será a fonte de pesquisa do presente trabalho. O livro comporta uma diversidade de documentos que variam entre afeições e críticas referentes a Leolinda. É através essencialmente do prefácio “Explicação Necessária” que é possível identificar aspectos extremamente relevantes para analisar a trajetória de Daltro através do campo da História das emoções.

**Palavras-chave:** Leolinda de Figueiredo Daltro. Gênero. História das emoções.





### Possibilidades entre fotojornalismo e feminismo desde a ditadura militar brasileira

Elaine Schmitt (UFSC) e Cristina Scheibe Wolff (UFSC)

**Resumo:** Este artigo reflete sobre as divergências impressas na construção do olhar fotojornalístico atravessado pela lógica cultural normativa e binária, que se divide entre masculino e feminino. Mas haveria alguma diferença, de fato, no modo de fotografar? A partir de produções fotojornalísticas de Rosa Gauditano e Evandro Teixeira, realizadas durante a ditadura militar brasileira de 1964, e de depoimentos de outras fotojornalistas brasileiras – tanto do mesmo período quanto contemporâneas –, provocamos uma releitura interdisciplinar sobre a possibilidade de tal divisão em cotejamento com os textos de Veiga (2012), Hall (2006), Alvarez (2016), além de outros e outras. Os resultados preliminares revelam a existência de um elemento possivelmente transformador no processo de produção de mulheres fotojornalistas brasileiras: a influência dos movimentos feministas e a defesa radical de uma posição de sujeitos no mundo.

**Palavras-chave:** Gênero. Fotojornalismo. Feminismo. Rosa Gauditano. Ditadura militar.

### Neobarroco, ditadura e o que nos dizem *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles

Elton da Silva Rodrigues (UFSC)

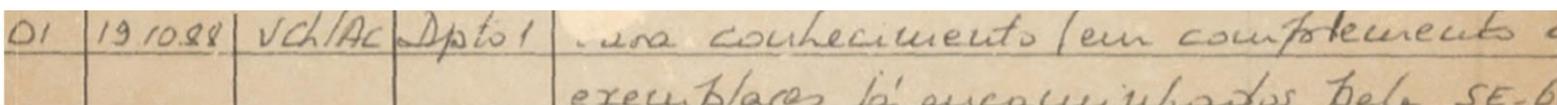
**Resumo:** No início da década de 1970, Lygia Fagundes Telles publicou seu terceiro romance, *As meninas* (1973), marcado pelo foco narrativo cambiante e pela diversidade das vozes que o narram. Ao entrelaçar essas vozes no decorrer da narrativa, a autora capta a atmosfera de um Brasil que vivenciava o auge da ditadura por meio de uma escrita de alta complexidade, que possibilita ao leitor vislumbrar os conflitos da juventude durante o regime militar. Contudo, sem simplesmente se limitar nos efeitos da ditadura no cotidiano das narradoras, a leitura do romance vai além e nos permite visualizar a pluralidade e a coexistência de diferentes ideias em um período autoritário e repressivo, que impunha o silêncio a diversas vozes. As protagonistas, Ana Clara Conceição, Lia de Melo Schultz e Lorena Vaz Lemes, nos apresentam suas diferentes vivências, que vão desde questões da sexualidade feminina e o consumo de drogas ao engajamento e à militância contra a ditadura. A fim de driblar a censura, Lygia Fagundes Telles adotou diferentes estratégias narrativas, como a alternância de foco narrativo e uma linguagem metafórica, ricamente adornada em alguns pontos, que permitiram a publicação do livro sem grandes complicações. Além dessas estratégias, o romance apresenta uma série de características que fazem parte daquilo que se tem percebido como um “gosto” ou “estilo” neobarroco (CALABRASE, 1988), como a polifonia, a intertextualidade, uma linguagem erótica, ornamentada e ambígua. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo observar os traços neobarrocos que o romance apresenta e o que as vozes das meninas dizem sobre a ditadura, considerando o seu contexto de publicação, a fim de perceber como, em seus discursos, elas denunciam e/ou enfrentam o regime ditatorial.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Neobarroco. Ditadura. Lygia Fagundes Telles.

### Mapeamento do corpo técnico em laboratórios de produção audiovisual: significação e apropriação da tecnologia

Emanuely Vargas (UFSC)

**Resumo:** O mapeamento que será apresentado e discutido neste trabalho faz parte das investigações feitas para meu trabalho de dissertação, onde busco compreender o processo de apropriação de tecnologias em laboratórios de produção audiovisual presentes nas universidades. Este mapeamento nos permite discutir a presença das mulheres nos espaços de produção midiática, e salienta a relação de poder estabelecida através da tecnologia e do gênero. A mídia tem um papel fundamental na experiência vivenciada pelas





mulheres na sociedade contemporânea, reforçando as significações de ser mulher através de narrativas cinematográficas, jornais, livros, peças publicitárias e outros meios. Os espaços de produção midiática são marcados pela presença de tecnologias como câmeras, lâmpadas, cabos, e tripés, tecnologias essas que entendemos a partir de Judy Wajcman (2006). Apropriar-se das tecnologias significa compreendê-las como um campo de disputa de poder (LAURETIS, 1994), pois o processo de apropriar-se trata de tornar incluso no seu cotidiano estes objetos de forma material e simbólica (PROULX, 2016) e (NEÜMAN, 2008). Como percebemos através dos dados de (LAUZEN, 2016), o espaço de produção dessas narrativas são ocupados majoritariamente por homens. Ao observar os Laboratórios de produção audiovisual universitários e a composição do seu corpo técnico os resultados não são muito diferentes. Através desta compreensão buscamos discutir os dados encontrados pelo mapeamento e a relação entre significação das tecnologias no campo do masculino e apropriação das mulheres a estes espaços e estas tecnologias.

**Palavras-chave:** Gênero. Apropriação. Tecnologia. Mídia.

### Fotografia e fadas: o caso das fadas de Cottingley

Everson Antunes Costa (UFSC)

**Resumo:** Neste estudo, tenho como objetivo principal pesquisar o caso das fadas de Cottingley; quando entre os anos de 1917 e 1920, duas jovens mulheres do Reino Unido produziram uma série de fotos em que contracenavam com seres que supostamente seriam fadas. Na época, muitas pessoas acreditaram nas fotografias - principalmente aquelas que eram envolvidas com sociedades espiritualistas como a Teosófica - entre elas o conhecido criador de Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle. Ele escreveu o livro sobre o episódio: *The Coming of Fairies* em 1922, que serviu como uma das fontes para esse trabalho, bem como as cinco fotografias das meninas Elsie Wright e Francis Griffiths. As fontes foram analisadas na perspectiva das Teorias da Imagem, em que utilizo os autores Walter Benjamin, Marie-Jose Mondzain e André Rouillé e também na perspectiva das relações de gênero e seus efeitos sobre a sociedade Teosófica e as fotografias.

**Palavras-chave:** Fotografia. Imagem. Veracidade. Fadas.

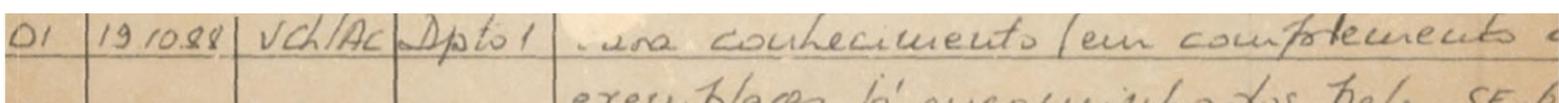
## F

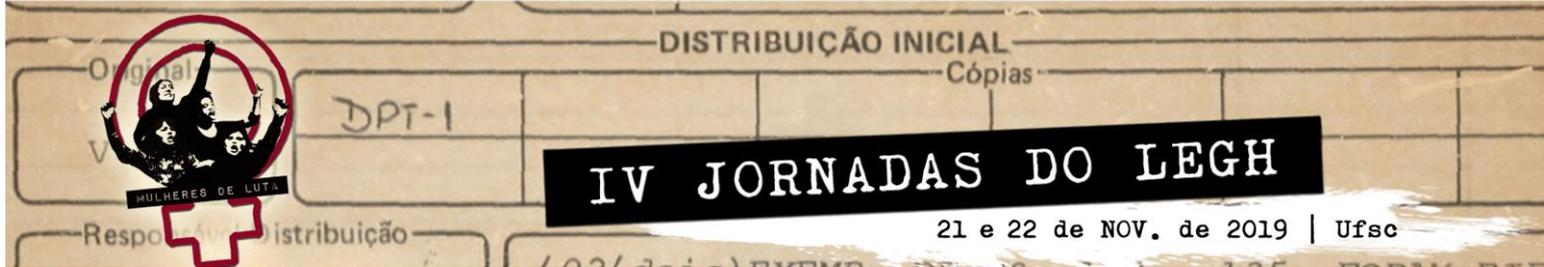
### O boletim *ChanacomChana* e o movimento de lésbicas na década de 1980

Fanny Spina França (UFSC)

**Resumo:** O presente trabalho se propõe a investigar a organização das mulheres lésbicas nos anos finais da ditadura civil-militar brasileira, tomando como fonte o folhetim *ChanacomChana* publicado pelo Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF), entre os anos de 1981 a 1987. As mulheres lésbicas foram alvos de diversas perseguições policiais, onde a sua luta pela liberdade de expressão da sua sexualidade se interseccionava com a luta pelo fim do regime militar.

**Palavras-chave:** Resistência Lésbica. Ditadura e Homossexualidades. Imprensa Alternativa.





### As divisões de gênero e o silenciamento dos profissionais LGBT da educação

Fernando Oliveira Ornelas (UFG-Catalão)

**Resumo:** As relações de gênero e profissões infelizmente são marcadas por problemáticas culturais que foram construídas na sociedade ao longo da história, por exemplo, as divisões de trabalho entre homens, mulheres e o uso da mão de obra infantil ocorridas durante a Revolução Industrial e a necessidade de cuidados das crianças enquanto as mães trabalhadoras passavam grandes jornadas de horas nas fabricas. As divisões de trabalho e o uso de mão de obra específica em algumas funções dos processos de produção foram estereotipando homens e mulheres e que, ainda nos dias de hoje, são afetados no exercício de algumas profissões e profissionais no que diz respeito às definições, atribuições e ocupações de alguns cargos e exercícios, assim como também nos salários, características pessoais, físicas e emocionais que são fatores considerados como relevantes e ou necessários em alguns setores. A normatização das polarizações dos gêneros provoca discriminações aos profissionais da educação, discriminações essas que são alimentadas pela construção de um discurso político sobre ideologia de gênero praticada nas escolas. Mas a realidade tem provocado exclusões e discriminações e alguns casos lutas representatividades defendidas de pessoas e suas habilidades profissionais como ocorrem nos dois casos noticiados pelo site UOL, os quais são fontes de análises para compreendermos as dimensões da homofobia construídas sobre um processo de exclusão dos profissionais da educação.

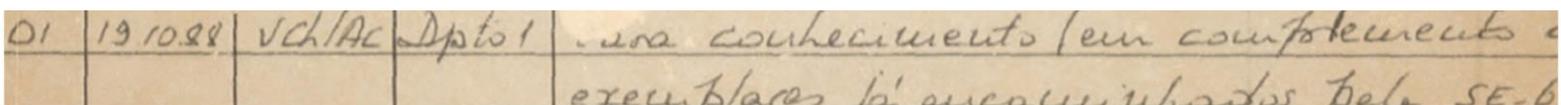
**Palavras-chave:** Educação. Gênero. Masculinidades. Feminismo. Profissões.

## G

### Conferência Livre “Pela Vida das Mulheres” e as reivindicações dos movimentos feministas em Pernambuco

Gabriela Maria Farias Falcão de Almeida (UFPE)

**Resumo:** Este trabalho é parte da discussão que desenvolvi na tese de doutorado em Sociologia, defendida em fevereiro deste ano, em que, por meio da observação participante, estava interessada em como eram construídas os discursos de representantes do governo e da sociedade civil nos Conselhos de Direitos da Mulher do Recife e de Pernambuco quanto à realização das Conferências de Políticas para as Mulheres, que aconteceram em 2015. Acompanhei também as atividades de um dos principais movimentos feministas do estado, o Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) e pude perceber que, ao não conseguirem a hegemonia diante dos sujeitos governamentais nos espaços de conselhos, as militantes constituíram o seu próprio discurso sobre o que acreditavam que deveriam constituir as conferências de políticas para as mulheres através da realização de um evento feito apenas pela sociedade civil. Através das análises feitas por meio da Teoria Política do Discurso, trabalhada pelos autores pós-estruturalistas Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, chego às considerações de como a Conferência Livre “Pela Vida das Mulheres”, realizada no Recife no dia 07 de dezembro de 2015, constituiu um posicionamento político dos movimentos sociais frente a processos discursivos governamentais hegemônicos, que ocultaram suas pautas, sobretudo, sobre saúde, violência e contexto político. Discutir sobre qualquer um desses temas, para as ativistas, significava falar, sobretudo, dos problemas que as atingiam cotidianamente e que eram concretos em suas vidas, como o transporte público e sistema de saúde precário, os constantes casos de violência contra a mulher e diversos outros. O evento foi realizado pelo FMPE em parceria com quatro entidades e levou 162 mulheres oriundas de 24 municípios. Diante disso, analiso o processo preparatório para compreender que discurso foi construído em torno do sentido de se realizar a referida Conferência e de se debater em torno do significativo políticas públicas para as mulheres.





**Palavras-chave:** Movimento feminista. Políticas Públicas. Mulheres. Articulações. Hegemonia.

### “Cura Gay”: sexualidades em disputa no campo da Psicologia

Gilmara Jaonol Ardnt (UFSC) e Raquel de Barros Pinto Miguel (UFSC)

**Resumo:** A Resolução 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia estabelece aos profissionais normas de atuação no tocante a questões de orientação sexual. É por meio desta normativa que psicólogos são proibidos de oferecer “cura”, “tratamento” ou “reversão” de homossexualidades. Não por acaso, a Resolução 01/99 é a mais questionada dentre as normativas lançadas pelo CFP. Desde sua criação, foram várias as tentativas legislativas e judiciais de anular seus efeitos legais, sendo o exemplo mais recente o da Ação Popular ajuizada contra o Conselho Federal de Psicologia em agosto de 2017 por 23 profissionais - projetos que passaram a ganhar destaque na mídia, sob a alcunha de “Cura Gay”. Assim, temos como proposta para este trabalho, apresentar um panorama daquilo que constitui o contexto de “cura gay” no Brasil, com seus principais representantes no cenário político e midiático. Para isso, faremos uma exposição dos projetos legislativos de maior destaque (PDC’s de 2009/2011/2014/ 2016) relacionados ao tema, tendo como foco problematizar as noções de gênero e sexualidade que estão em disputa em tais projetos. Neste cenário, merece atenção também a articulação entre Psicologia e Religião/Cristianismo, sendo representativas as participações de psicólogas cristãs evangélicas que, ora reivindicando uma identificação profissional, ora referindo-se a suas filiações religiosas, já são reconhecidos na mídia, sobretudo, por suas posições polêmicas a respeito das pautas LGBT. Esperamos que este trabalho possa contribuir para o processo de historicização daquilo que compõe um projeto político/religioso de patologização de sexualidades não-normativas; bem como para o fortalecimento do debate em defesa dos direitos da população LGBTQIA+.

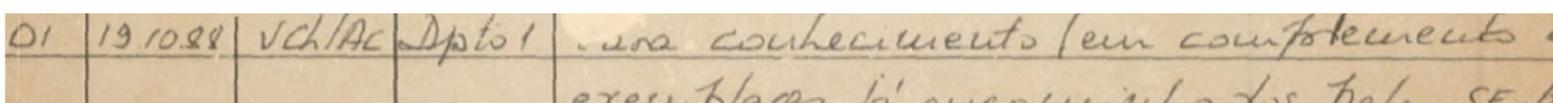
**Palavras-chave:** “Cura Gay”. Psicologia. Sexualidade. Gênero.

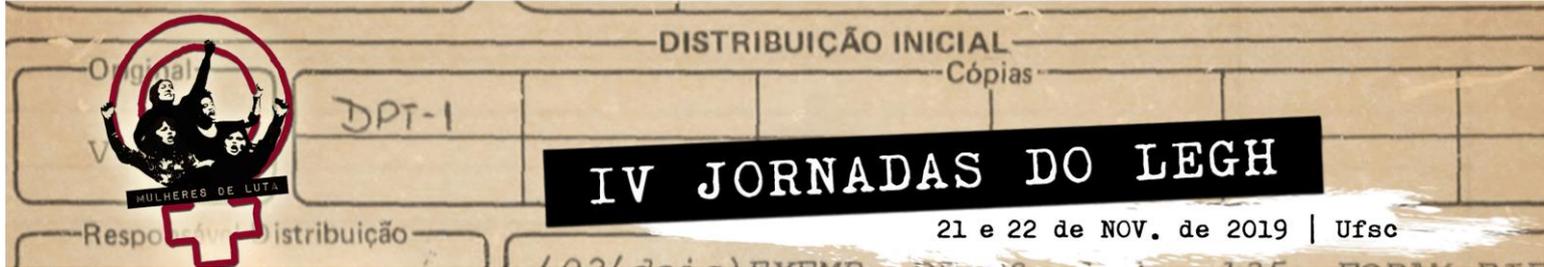
## H

### Voguing: linguagem e potencialidades

Henrique Cintra Santos (UFSC)

**Resumo:** A cultura dos “Ballrooms” surge nos anos 1970 em Nova York e após alcance “mainstream” no início dos anos 1990, volta a observar cobertura midiática nos últimos anos. Trata-se de uma cultura LGBTQIA+ de competição e performance em que novas possibilidades de identificação de gênero e sexualidade são forjadas e a aliança entre indivíduos em estruturas de apoio social e pessoal são constitutivas de suas atividades (LAWRENCE, 2011). Tais práticas têm sido projetadas dentro de processos de transnacionalização, sendo o Brasil um dos principais expoentes no exterior. A linguagem sustenta um papel crucial no grupo no que concerne as competições, as performances e a (re)construção de identidades. Percebe-se em sua constituição um tratamento discursivo que visa ressignificar as injúrias as quais são direcionadas a tais indivíduos na sociedade hegemônica. É no tratamento linguístico engajado pelos grupos que é evidenciada a linguagem não apenas como forma de violência, mas também de sobrevivência. Ou seja, assim como a violência é promovida pela linguagem, é exatamente na arbitrariedade linguística que há a possibilidade de subversão. Deve-se, no entanto, refletir se tal (re)apropriação linguística por esses grupos resulta em um ato de abalo às amarras da hegemonia ou se reconfirma a eficácia injuriosa (BUTLER, 1997). Além das potencialidades a priori subversivas da linguagem, é também nela que os processos de transnacionalização (CAPONE, 2004) dessa cultura se veem submetidos





a certas amarras. Segundo Venuti (1998), como em toda tradução há domesticação, tem-se jogos de poder que perpassam esse processo. É no almejo por validação dos grupos de “Ballrooms” estrangeiros por parte dos estadunidenses em que o trato linguístico se encontra atrelado. Assim, observa-se uma limitação das possibilidades de subverter e de forjar identidades conformes às necessidades locais. É no estudo do evento “Vogue Fever” de Belo Horizonte que se darão as discussões neste trabalho.

**Palavra-chaves:** Linguística. Gênero. Performance.

## **Direitos Humanos, Identidades LGBTQIA+ e Ocidentalismo: uma reflexão sobre a influência ocidental na produção de identidades dissidentes**

Hugo Rosa Alves Almada (UFRJ)

**Resumo:** Presenciamos um movimento de crescimento da visibilidade e do conhecimento sobre as questões relativas aos indivíduos que possuem sexualidades e identidades de gênero dissidentes. Esta luz lançada sobre estes temas provoca uma reivindicação mais forte dos direitos deste grupo social. No contexto da produção de conhecimento e luta por direitos de identidades LGBTQIA+, pode-se notar uma centralidade nas narrativas e experiências ocidentais. Não raramente identidades não heterossexuais e não cisgêneras que fogem destes padrões dominantes perdem protagonismo no movimento. E, nesse sentido, necessidades específicas desses indivíduos podem não ser apreendidas no momento de formulação de políticas públicas e defesa de direitos LGBTQIA+. Deste modo, faz-se necessária uma reflexão sobre como o ocidentalismo influencia a produção de direitos humanos relativos à sexualidade e identidade de gênero num mundo multicultural e plural em vivências e corporeidades. Este artigo traz uma análise teórica da desconstrução da imagem cis-heteronormativa presente na sociedade e, a partir desta análise, há a exploração de experiências não ocidentais que também fogem à essa norma. Essa abordagem objetiva trazer visibilidade a estas identidades não dominantes e, assim, trabalhar possíveis invisibilização e marginalização que atingem estes grupos identitários.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+. Ocidentalismo. Direitos Humanos. Identidades não Ocidentais.

## **“She Loves Control”: uma leitura sobre autora e representação feminina em Camila Cabello**

Igor Lemos Moreira (UDESC)

**Resumo:** Lançada como faixa integrante do Álbum *Camila*, “She Loves Control” é uma das canções da cantora cubana Camila Cabello que tematiza a figura feminina, destacando seu empoderamento, a partir da relação entre subjetividade, memória e projeção biográfica. Marcada pelas experiências que constituem a própria artista, e pelas representações de si, essa canção foi composta pela artista que desde 2017 tem se afirmado na indústria como cantora e compositora. Esta comunicação pretende analisar a canção a partir de sua composição, a relação com uma elaboração de narrativa (auto)biográfica, os usos da memória e, os usos no contexto no qual foi produzida. Através de “She Loves Control”, pretende-se refletir sobre a construção de uma representação acerca do feminino e do ser compositora, relacionada à quebra de determinadas estruturas ligadas à uma visão bastante masculina da indústria fonográfica na qual a imagem do compositor é geralmente associada ao homem. Deste modo, será possível compreender também os mecanismos que envolvem a autoria feminina, sua relação com as temporalidades e, principalmente, as

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



diferentes representações de empoderamento feminino, que no caso de Camila Cabello atravessam, por meio da interseccionalidade, sua identificação latina.

**Palavras-chave:** Camila Cabello. Autoria Feminina. História do Tempo Presente. Representações

### Gênero, infância e subjetividades nas cartas dos irmãos Bertaso (1914-1930)

Isabel Schapuis Wandling (UNIOESTE)

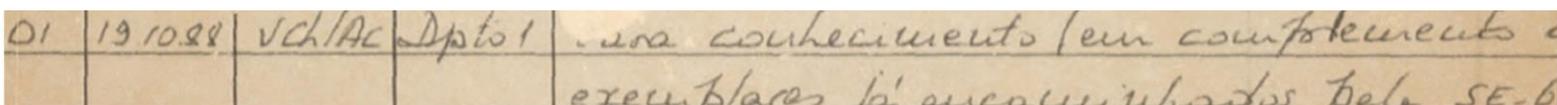
**Resumo:** As crianças no Brasil que tiveram a oportunidade de estudar em colégios, tanto públicos como privados, tiveram em seu currículo matérias que exigiam a prática de escrita, em especial, de escrita epistolar. Os irmãos Elza, Serafim e Jayme Bertaso tiveram oportunidade de estudar em colégios católicos, proporcionada pelos pais Ernesto e Zenaide Bertaso, devido a isso, estes escreveram muitas cartas aos pais, tanto em momentos sob a vigilância da escola, como também em momentos mais privados. É importante esclarecer que a família Bertaso nesse momento estava em ascensão financeira e social, Ernesto Bertaso foi colonizador e vendedor das terras de Chapecó-SC e região a partir de 1922. Dessa forma, a família propunha uma educação julgada apropriada para meninas de famílias das elites da época para Elza e, para os meninos Serafim e Jayme, uma educação que seguisse os padrões de masculinidade aceitos pela sociedade da elite brasileira do século XX. As cartas dos irmãos Bertaso foram escritas durante a infância até a juventude, período em que estiveram em colégios internos. A seguinte pesquisa com a finalidade de compor a dissertação de mestrado busca analisar a escrita autobiográfica e a correspondência dos irmãos Elza, Serafim e Jayme Bertaso, por meio de suas cartas, a fim de perceber as diferenças de gênero e subjetividades que constituem cada um dos sujeitos. As cartas selecionadas compõem o acervo da família Bertaso, compreendendo cartas remetidas pelos jovens para amigos e família permitindo um olhar sobre diferentes correspondentes e diferentes relações de escrita. Tendo consciência da formação educacional e contexto familiar, busca-se perceber, a partir da escrita íntima, os processos de formação de identidade de gênero pelos quais passaram Elza, Serafim e Jayme. Por meio de uma detalhada análise da escrita, nas formas de relações com o outro e escrita de si, é possível perceber os processos e mudanças aos quais passaram os irmãos Bertaso, além do reconhecimento e percepções sobre si e seus lugares ou funções futuras na sociedade.

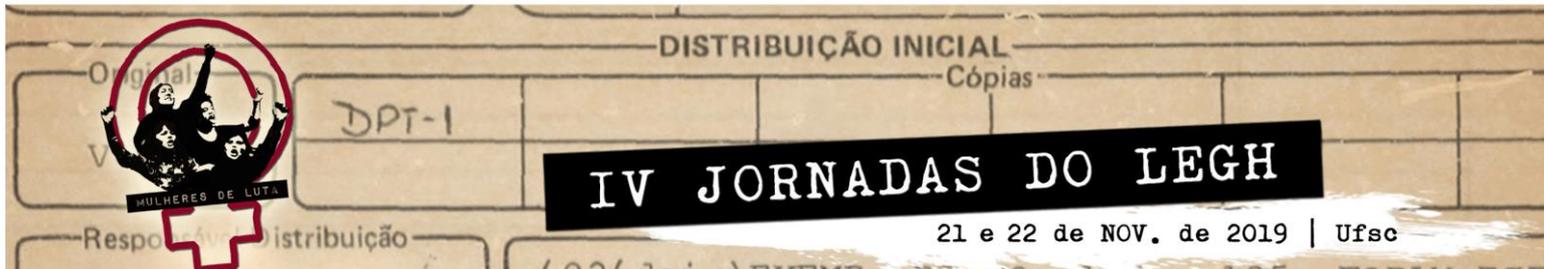
**Palavras-chave:** Gênero. Infância. Escrita epistolar. Subjetividades. Escrita infantil.

### Imagens de paz e liberdade nos impressos de mulheres (1974-1979)

Isabela Marques Fuchs (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho diz respeito a um excerto de minha pesquisa de doutoramento. Pretendo apresentar as representações femininas atreladas aos conceitos de paz e liberdade divulgadas em periódicos e cartazes entre os anos de 1974 e 1979, e como se articulou imagetivamente as questões de democracia e direitos humanos reivindicadas por estas mulheres em conjunto com questões particulares (aborto, prisões arbitrárias de mulheres militantes, lutas populares por creches e direitos das donas de casa). A partir do pressuposto didiherberiano de que diante da imagem estamos diante do tempo, e de que as imagens não refletem uma determinada cultura, visto que são partes constituintes dela e, ainda, do próprio contexto histórico, este trabalho pretende apresentar a articulação entre memória, imagem, história das mulheres e história política no Brasil durante a vigência da ditadura Geisel. As imagens aqui apresentadas não serão tratadas enquanto ilustrações ou apêndices historiográficas, mas sim enquanto documentos e rastros que venham propiciar novos horizontes interpretativos sobre as realidades culturais e políticas da época, assim como suas circunstâncias.





**Palavras-chave:** História da Imagem. Memória Gráfica. Representação de mulheres. Ditadura Geisel.

### Lugar de mulher: histórias orais da formação política de mulheres do Movimento Estudantil da UFSC

Isabela Tosta Ferreira (UFSC)

**Resumo:** Como atividade avaliativa da disciplina de História de Santa Catarina, foi construído um artigo que embasa o presente trabalho. É uma produção sobre a atuação política de mulheres no movimento estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), campus Florianópolis. Compreendendo as contribuições da história oral para a historiografia, foram realizadas entrevistas com estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, de modo a investigar a trajetória dessas mulheres na vida política da universidade e como as relações de gênero foram percebidas por elas ao longo das suas experiências. Através das entrevistas mediante análise do movimento estudantil dos últimos períodos, pretende-se historicizar a luta das mulheres militantes por sua própria formação política e pela garantia de que suas vozes sejam ouvidas dentro dos espaços em que atuam. Por este trabalho se pretendeu, em primeiro lugar, ouvir alguns agentes desses processos: as fontes do artigo são companheiras do Movimento Estudantil da UFSC que me concederam entrevistas onde falam de suas experiências e como enxergam o mundo em que se inserem. A segunda intenção é analisar, a partir desses relatos, como se dá e se deu a formação política dessas mulheres nos seus locais de atuação na Universidade Federal, além de observar como é, para elas, ser mulher e ter que lutar diariamente contra o papel social que foram socializadas para ocupar. Para finalizar, se visa compreender como as particularidades dessas mulheres, ou seja, o que foi vivenciado por elas, as insere na universalidade do contexto estudado, ou seja, o movimento estudantil da UFSC como parte da sociedade, e não como uma “bolha”, um lugar isolado.

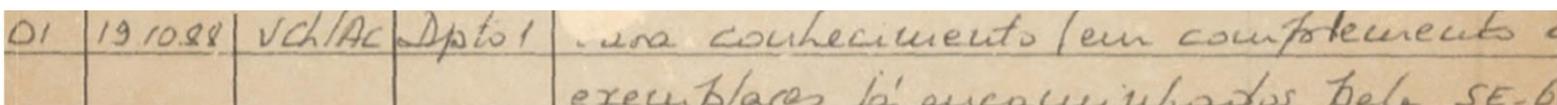
**Palavras-chave:** Mulheres. Militância. UFSC. Movimento estudantil. História Oral.

### Mariblanca Sabas: protagonista y voz del feminismo cubano

Ivette Sonora Soto (UFSC)

**Resumo:** Mariblanca Sabas se inscribe dentro del movimiento por el sufragio y el feminismo, lideradas por las mujeres cubanas en búsqueda de su participación en el debate político y de las corrientes filosóficas contemporáneas de entonces. En este trabajo se realiza un acercamiento a la obra analítica de esta periodista activa dentro de las filas del feminismo, defendió desde los periódicos y las revistas Carteles, Social, la posición y las luchas de las mujeres cubanas en la búsqueda de su reconocimiento y aceptación social como ciudadanas dentro de la República, en su batalla contra la discriminación. Escribió contra todo aquello que estigmatizara esta presencia significativa de la mujer dentro de la sociedad.

**Palavras-chave:** Feminismo. Periodismo Feminista. Movimento Feminista.





# J

## A construção da cidadania no ensino de história a partir da perspectiva de gênero: revisitando a proposta curricular de Santa Catarina (PCSC 2014)

Jaqueline Pelozato (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho se refere a uma pesquisa em andamento e tem por objetivo investigar a relação entre Ensino de História e cidadania, a partir da perspectiva de gênero na sala de aula. A concepção de cidadania que será analisada é a que é defendida na Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), entendendo este documento como um dos suportes norteadores para as ações dos professores/as de História. Assim, a investigação pretende compreender como os/as professores/as da rede pública estadual de Santa Catarina percebem e desenvolvem essas questões de gênero na sua sala de aula, também investigando o quanto conhecem acerca da legislação que garante o direito à diversidade e a diferença na escola. Também proponho perceber como os alunos/as percebem as questões de gênero no contexto escolar em que estão inseridos. Partindo do pressuposto de que a escola é um lugar plural onde podemos construir, desconstruir, repensar padrões e desnaturalizá-los, principalmente para criar um espaço de respeito ao outro e conseqüentemente cidadania, refletir a partir da perspectiva de gênero, no Ensino de História, se faz necessário, porque a escola não é um espaço neutro, pois vivemos em uma sociedade, levamos visões de mundo próprias para dentro da sala de aula e essas visões se transformam e nos transformam.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Gênero. Cidadania.

## Gênero e Ensino de História no convívio com a desinformação: um estudo em Três Lagoas/MS

Janaí Harin Lopes (UFMS)

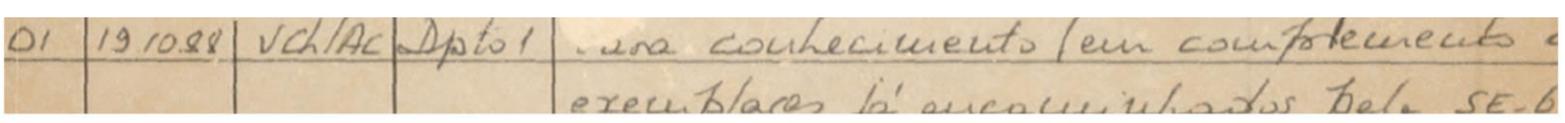
**Resumo:** Considerando que o discurso atual contra a chamada “ideologia de gênero” nas escolas ganha popularidade e é veiculado por meios não-científicos, o objetivo desta pesquisa é historicizar e fundamentar a inserção dos estudos de gênero nos documentos que referenciam as diretrizes educacionais no Brasil, no propósito de reafirmar a importância da transversalidade entre gênero e ensino de história, e seu protagonismo na luta por uma educação democratizada, que garanta direitos fundamentais. Para além dos documentos basilares da educação nacional que se referem aos estudos de gênero de alguma forma, como fonte serão analisadas respostas obtidas em formulários preenchidos pelas/os professoras/es de história das escolas estaduais de Três Lagoas/MS, a fim de perceber, a nível prático, se as/os docentes do município estão pautando (ou não) estas discussões em suas aulas, e quais suas referências.

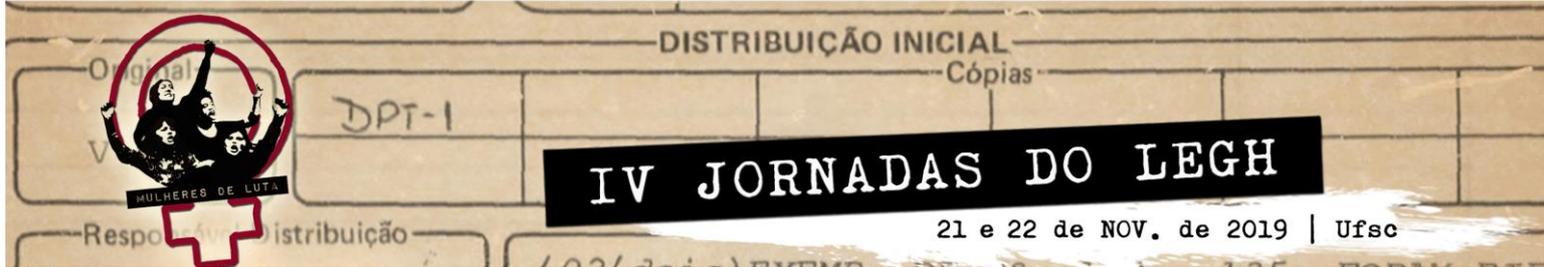
**Palavras-chave:** Gênero. Ensino de História. Prática Docente.

## “A jovem loura”, outrora “Vênus”: representações de feminilidade sobre mulheres indiciadas na Belém, de 1940 a 1950.

Jessica Maria Pastana Moreira (UFPA)

**Resumo:** O presente trabalho segue como extensão à monografia intitulada *Loura Vênus e outras mulheres assumidas por Beatriz da Conceição, em Belém (década de 1940)*, considerando que a partir da pesquisa inicial, foi possível investigar e analisar com base nas posturas e escolhas da personagem central - Beatriz da Conceição -, a multiplicidade de mulheres existentes e resistentes que compõem uma mulher. Por fim, o





trabalho permitiu constatar a necessidade de um estudo ampliado sobre a atuação da mulher, junto à uma compreensão de seus marcadores sociais. Contudo, o campo de estudo foi pensado de forma mais abrangente devido às novas fontes encontradas (jornais) referentes ao caso de Beatriz da Conceição, o projeto agora propõe uma análise dessa múltipla atuação da mulher e a percepção da sociedade com base nos padrões de feminilidade, considerando os crimes em que Beatriz esteve envolvida. Posto que, diante de suas atitudes que confrontavam uma sociedade moldada por valores que visavam limitar a conduta da mulher, o caso de Beatriz, pode ter ido além, representando vozes que tentavam fugir ao silenciamento, podendo configurar ainda a tentativa de libertação de corpos aprisionados pelas amarras sociais, que visavam reduzir seus passos e ações. Logo, as mulheres que compunham a “Loura Vênus” (como Beatriz foi retratada nos folhetos de cordel) gerariam eco nos jornais, desconcertando a ordem na cidade de Belém. Para esta pesquisa, serão considerados: o processo crime do ano de 1947 - Autos de diligências policiais do homicídio de que foi vítima Beatriz Afonso Colares; Folhetos de Cordel (Arinos de Belém): “Crime da Praça da República”, volumes I e II; Notícias dos jornais. No mais, a partir da análise desses discursos, pode-se verificar valores, normas e os padrões da sociedade. Assim, essa investigação terá como referências basilares Natalie Zemon Davis e Tânia Regina de Luca.

**Palavras-chave:** Atuação da Mulher. Padrões de Feminilidade. Indiciadas.

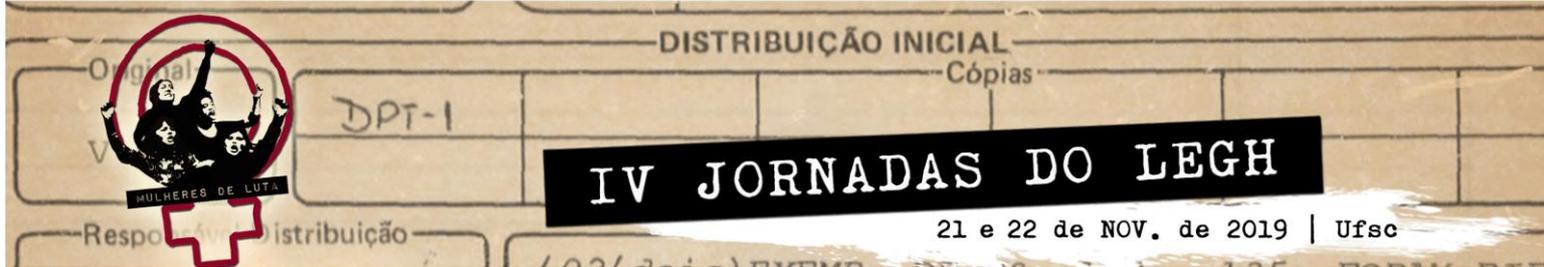
### Entre o divino e o feminino: a trajetória intelectual de Aimee Semple McPherson (1890-1944)

Joana Gondim Garcia Skrusinski (UFPR)

**Resumo:** Entendemos que a participação das mulheres nos acontecimentos históricos, não se restringiu somente a vida doméstica. Diferentemente, as mulheres dispunham de funções distintas na sociedade, apesar de seu papel fundamentar-se em grande medida nas atividades domésticas voltadas ao desenvolvido da educação dos filhos (as) e em grande medida nas obrigações religiosas, como aponta Habner, “o universo feminino era para ser doméstico. Mesmo as mulheres das classes privilegiadas não podiam entrar no mundo “masculino” da política. Apesar de algumas mulheres certamente exercerem, por baixo dos panos influência sobre os homens que ocupavam cargos de relevo [...]. (HABNER, 2013, p.47- 48). Essa prática diferenciada pode ser encontrada nas atividades da canadense Aimee Semple McPherson, que no final do século XIX projeta a International Church of the Foursquare Gospel em Los Angeles, com capacidade para mais de cinco mil pessoas, viaja o mundo levando o que chamou de “Evangelho da Salvação” dirigindo um carro ou pronunciando seus sermões na “mais poderosa estação de rádio KFSC, de propriedade da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular” (HANGEN, 2002, p. 57), justifica uma singularidade em seus discursos religiosos e caminha para entendermos historicamente a aproximação entre o feminino e o divino presente em seus sermões, poesias e músicas/hinos e que de certa forma pode nos conduzir para responder nossa hipótese de que utilizava-se de uma prática educativa baseada em um “imaginário de salvação” para a educação de seus fiéis. Nessa direção, o presente projeto ainda em construção, caminha na direção de apresentar a trajetória intelectual de Aimee Semple McPherson objetivando compreender seu papel como produtora e difusora de um ensino cristão a partir de seus discursos, durante seu percurso como evangelista que percorrem o período de 1880 até 1944.

**Palavras-chave:** Aimee Semple McPherson. Feminino. Intelectual. Protestantismo. Religião.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



## Para além da colonialidade acadêmica: relações universidade-sociedade e o ativismo intelectual de Djamila Ribeiro

Jocieli Decol (UFSC)

**Resumo:** É preciso transcender o ambiente engessado da academia e olhar para novas formas de compreender os distintos conhecimentos e as relações que podemos estabelecer entre eles. Percebemos na trajetória da ativista intelectual Djamila Ribeiro a tentativa de aproximação entre reflexões teóricas e a realidade de grupos marginalizados. Assim, através de publicações acessíveis e debate pelas redes sociais, a autora tem contribuído para a decolonização do conhecimento e a ascensão de epistemologias silenciadas, além de provocar reflexões acerca da distante relação entre academia e sociedade no Brasil. Para compreender essa dinâmica, a pergunta que guiará a pesquisa é “como o ativismo intelectual de Djamila Ribeiro tensiona as relações entre universidade e sociedade no Brasil?”. O estudo é dividido em três seções. Na primeira seção, apresentamos como a epistemologia dominante ocidental se constrói sob um pensamento abissal, o qual sufoca diferentes saberes causando o epistemicídio. Na segunda seção, analisamos o caráter produtivista das universidades, que visualiza o conhecimento como mercadoria, levando ao adoecimento do espaço acadêmico e ao afastamento da universidade da realidade social da maioria da população. Na terceira seção, apontamos o ativismo intelectual de Djamila Ribeiro como um exemplo de transgressão da lógica produtivista acadêmica através da aplicação empírica do conceito de práxis de Paulo Freire.

**Palavras-chave:** Universidade. Colonialidade. Epistemicídio. Feminismo negro. Djamila Ribeiro.

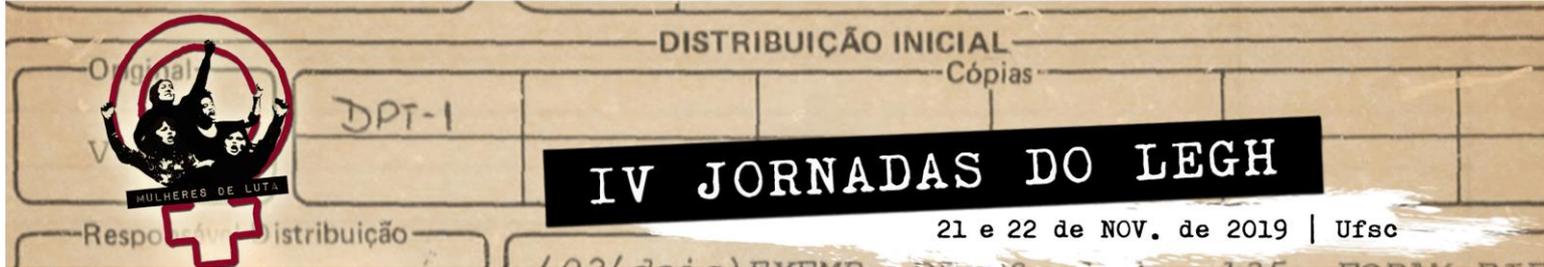
## O Historiador e as fontes digitais: uma análise do Tinder e do Grindr e suas intersecções

Jorge Luiz da Silva Alves (UFSC)

**Resumo:** Este artigo pretende analisar as possibilidades apresentadas pelos aplicativos “Tinder” e “Grindr”, em relação aos estudos historiográficos, que possuem enfoques sobre gênero e sexualidade, ao realizar essa discussão, esse trabalho procura abordar a utilização das fontes digitais no ofício do historiador. Todavia, ainda, são poucas as pesquisas históricas que utilizam a Internet ou seus derivados como fonte primária. É notório que, após o advento da Internet, os historiadores, em especial os pesquisadores do Tempo Presente, passaram a contar com um aporte quase inesgotável de novas fontes. Por isso, este trabalho será dividido em duas partes: primeiramente é analisado o atual panorama da historiografia e sua relação com as fontes digitais, com maior atenção à utilização da Internet como fonte primária no ofício do historiador e seus aspectos metodológicos. Em seguida, iremos ressaltar as possibilidades que os aplicativos “Tinder” e “Grindr” possuem como fontes digitais interseccionais entre raça, gênero, classe e sexualidade. Sendo assim, essas fontes apresentam variadas possibilidades que podem auxiliar profundamente na produção de uma história do presente que, realmente, contemple corpos abjetos esquecidos nas malhas de uma historiografia cisheteronormativa. Logo, esse trabalho visa discutir a relação entre fontes digitais e historiografia, levando-se em consideração aspectos metodológicos, que requerem problematizar as possibilidades e limites de se explorar variados pontos do universo digital, como fontes históricas adequadas, para se compreender os fenômenos contemporâneos da memória, da narrativa, das temporalidades e, em específico, os ligados às questões de raça, classe, gênero e sexualidade

**Palavras-chave:** Fontes digitais. Intersecções. Tinder. Grindr.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... os conhecimentos (em computadores e  
exemplares de documentos pelo SE-6



## Gênero e ensino: propostas educacionais para adolescentes no Paraná durante a década de 1970

Jorge Luiz Zaluski (UDESC)

**Resumo:** Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 (LDB 1971) as escolas de todo o país tiveram que desenvolver o ensino voltado para a formação para o trabalho. No processo de implementação dessa proposta, cada Estado ficou encarregado de desenvolver o currículo para melhor atender os objetivos apontados na LDB de 1971. No Paraná, o Serviço de Orientação Pedagógica foi um setor desenvolvido com o objetivo de identificar possíveis aptidões profissionais e encaminhar os/as adolescentes para a formação que melhor correspondesse aos interesses de cada estudante. Entretanto, a orientação pedagógica se manteve firme às distinções e desigualdades de gênero, de forma a fortalecer modelos e atividades convencionais de gênero. Diante dessa breve identificação, como um estudo de caso, o objetivo deste texto consiste em analisar os exames de aptidão da Escola Tiradentes, localizada em Curitiba-PR, dos quais foram desenvolvidos para os/as estudantes de 5ª a 8ª séries ao longo da década de 1970. Acredita-se que por meio da análise desses documentos é possível compreender as intencionalidades do ensino desenvolvido e parte das concepções sobre a infância e adolescência da época.

**Palavras-chave:** Adolescente. Ensino. Gênero. Trabalho.

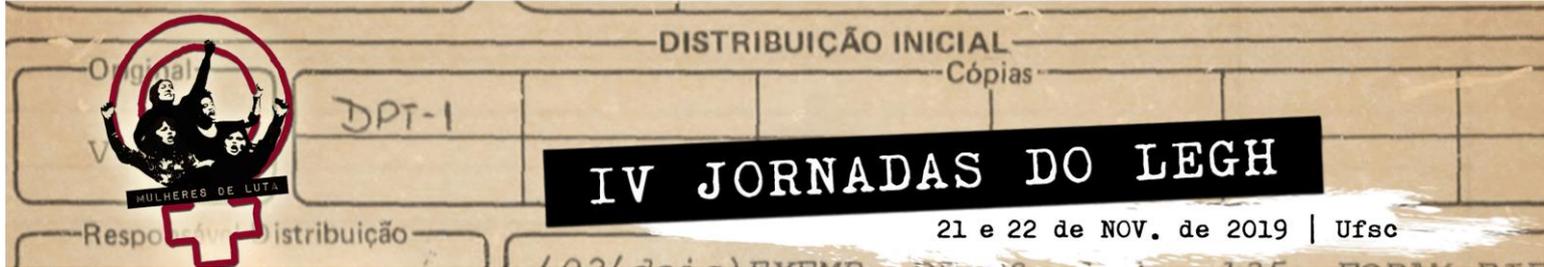
## Entre silêncios e rodapés: as mulheres nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental II

Joyce Pinto Almeida Carvalho (USP)

**Resumo:** O presente texto se refere à parte da pesquisa e tese, ainda em construção, para a obtenção do doutorado em Educação no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Ouvindo a pergunta “Professora, e as mulheres?” me volto para a sala de aula e me deparo com uma série de olhos femininos esperando um conteúdo no qual as mulheres sejam devidamente representadas, por livros que as mostrem como parte do processo histórico, por uma História na qual as mulheres não apareçam como exceção em pequenos quadros. Partindo da minha busca por livros didáticos que de fato tratem das mulheres, deparei-me com uma ausência nesses materiais das pesquisas relacionadas às mulheres que têm sido produzidas em todo o mundo. Buscando também livros de décadas anteriores, notei que nossos livros seguem um padrão, guiado pelo mercado, que muito pouco se alterou nos últimos 40 anos. Assim nasceu essa pesquisa que objetiva estudar como os livros didáticos do 9º ano do Ensino Fundamental II retratam (ou não retratam) as mulheres e como ocorre o diálogo entre livro didático, professor e aluno. Para traçar um panorama do que foi rompido e do que ainda continua e aparecer (ou a não aparecer) nos livros didáticos, tenho mapeado o conteúdo de 10 livros didáticos com as seguintes datas de produção: 1932, 1949, 1969, 1973, 1984, 1987, 1992, 2008, 2011 e 2015. Destaco que as obras foram escolhidas levando em consideração a datas próximas de mudanças na legislação referente à educação, a tiragem dos livros e disponibilidade para acesso na biblioteca da Faculdade de Educação da USP. Através dessa pesquisa, espero contribuir para a discussão relacionada às mudanças urgentes nos livros didáticos e a necessidade da construção de um material que integre as novas pesquisas para a construção de um ensino de história de fato democrático.

**Palavras-chave:** Mulheres. Ensino. Livro Didático.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



## Lesbianidade, feminismo e democracia: as contribuições do Grupo de Ação Lésbica Feminista

Julia Aleksandra Martucci Kumpera (Unicamp)

**Resumo:** Na presente comunicação oral, pretende-se analisar as relações entre o movimento feminista e as ativistas lésbicas na cidade de São Paulo ao longo década de 1980, a fim de refletir sobre as contribuições da lesbianidade para o feminismo e as concepções de democracia. O Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF), apesar das tensões que atravessaram os encontros com o feminismo, participou de diversos espaços do movimento, problematizando a invisibilidade das demandas políticas lésbicas, que traziam à tona a necessidade de discussão sobre a sexualidade, a matriz heteronormativa do sexismo e a naturalização da heterossexualidade. Os boletins *ChanacomChana*, produzidos pelo GALF entre 1981 e 1987, constituíram um espaço de reflexão e debate a respeito das disputas na arena política, em um contexto atravessado por efervescentes debates sobre a redemocratização do Brasil. O grupo não esteve alheio a estes processos, estampando nas páginas dos boletins suas impressões sobre as transformações em curso, o otimismo perante a Constituinte e as reivindicações a respeito da participação das “minorias sociais” na construção do novo regime político. Neste íterim, as lésbicas feministas buscaram tensionar os significados da democracia, apontando que, para sua verdadeira efetivação, torna-se necessário enfrentar o preconceito e a discriminação contra as lésbicas na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Lésbicas. Feminismo. Redemocratização.

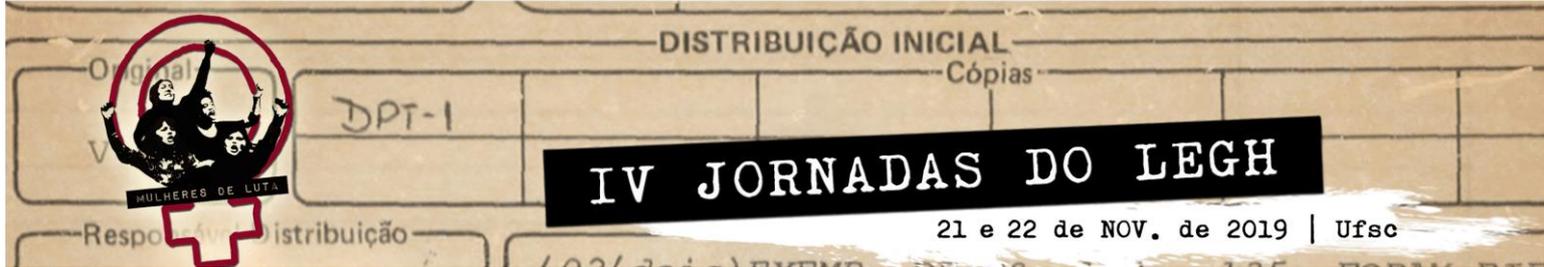
## Os desafios teórico-metodológicos de uma historiografia trans\*

Juno Nedel Mendes de Aguiar (UFSC)

**Resumo:** Historicizar a transgeneridade implica desestabilizar as categorias que frequentemente tomamos como naturais e pré-discursivas, analisando-as em sua contingência histórica, social e cultural. O interesse científico pelo fenômeno da transgeneridade não é novo e ganhou força a partir da metade do século XIX, sobretudo em países europeus como Inglaterra, França e Alemanha. No Brasil, entretanto, este é um tema incipiente, bastante tido como identitarista e de pouca relevância, em particular no campo da história. Tomando como ponto de partida as dificuldades teórico-metodológicas de assumir um objeto de análise cujos contornos não são bem delimitados, este estudo busca contribuir com reflexões sobre os desafios de produzir uma historiografia trans. Com este objetivo, contestarei três perspectivas comuns, seja no meio acadêmico ou fora dele, quando nos propomos a estudar sobre transgeneridade: 1 – A ideia de que a transgeneridade é um fenômeno novo, que só alcançou a atenção midiática e o entendimento do público de maneira geral com a chegada do século XXI; 2 – A visão de que a ausência de pesquisas históricas sobre transgeneridade deve-se à inexistência de fontes primárias ou secundárias sobre o assunto, ou ainda que, se essas fontes existem, são de volume irrisório; 3 – A pressuposição de que as discussões sobre gênero e transgeneridade são de teor acadêmico e extremamente complexas, fazendo com que sejam inacessíveis para o público não-acadêmico. Para isso, tomarei como referencial teórico as contribuições da teoria transfeminista, do pensamento decolonial e dos estudos transgêneros.

**Palavras-chave:** Transgeneridade. Historiografia. Transfeminismo.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



## K

### Deve ou não a mulher trabalhar? Clarice Lispector em entrevista para a revista A Época (1941).

Kaona Sopelsa (UFGD)

**Resumo:** O governo centralista e autoritário do Estado Novo trouxe para a imprensa brasileira o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939, com responsabilidades como o controle e a censura de conteúdos. A fonte utilizada é parte da compilação realizada por Aparecida Maria Nunes intitulada Clarice na cabeceira: jornalismo (2012), que traz uma publicação de Clarice Lispector para a revista A Época, pertencente ao corpo discente da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, curso que Clarice fazia parte. Observando o contexto global de sua atualidade – Iª e IIª Guerra Mundial -, é possível observar como Clarice utiliza desse momento de incentivo ao trabalho feminino “fora do lar” para corroborar em favor da luta pelo direito feminino ao trabalho remunerado. A análise dessa fonte midiática, através da História das Mulheres e da História da Imprensa, revela a articulação da escrita e das entrevistas de Clarice para um desfecho favorável aos Direitos Femininos, mas também indica como o pensamento patriarcal, moralista e ditatorial incentivado pelo governo varguista se fazia presente na sociedade. Assim, no início da carreira, ainda que Clarice trabalhasse para o DIP, encontrava meios de colocar-se a favor da luta feminina, mesmo em momentos de censura e controle estatais sobre a imprensa brasileira.

**Palavras-chave:** Direitos Femininos. Estado Novo. DIP.

### De Helena Greco a Dona Helena: o Ato da Universidade Federal de Minas Gerais em 1977

Kelly Cristina Teixeira (UFSC)

**Resumo:** O presente artigo visa discutir uma manifestação política no período da Ditadura Militar em Belo Horizonte no ano de 1977 e a repercussão desta na trajetória de Helena Greco. A manifestação ficou conhecida como o “Ato da Medicina”. Sob forte aparato policial, alunos, professores, religiosos e apoiadores, em um total de cinco mil manifestantes, se reuniram no campus para discutir as atrocidades cometidas pelo aparato repressor. Entre os manifestantes uma dona de casa pertencente a uma elite social renega sua geração e chama os manifestantes para a luta. Neste momento seu percurso tomará novos rumos e ela será conhecida na historiografia mineira como Dona Helena, a defensora dos Direitos Humanos.

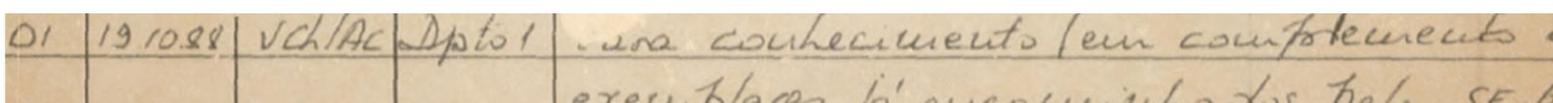
**Palavras-chave:** Biografia. Política. Ditadura militar.

## L

### Ana Arruda Callado: experiências no jornalismo brasileiro

Laís Dias Souza da Costa (UFMT)

**Resumo:** Em 1957, Ana Arruda concluiu o curso de Jornalismo na Universidade do Brasil, antigo nome da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Questionada sobre o porquê de ter escolhido o jornalismo como profissão, ela respondeu à Alzira Alves de Abreu que isso ainda era um mistério. Entre protestos do pai (ele achava que jornalismo era para quem não dava para mais nada) e de uma professora, ela não teve





dúvida e foi estudar jornalismo. Naquele período, as mulheres eram minoria nas redações de jornais e revistas brasileiras. Mais raro ainda encontrar profissionais com graduação na área, já que o autodidatismo era a característica predominante. O primeiro emprego como jornalista, na função de repórter, foi conquistado após uma entrevista com os editores e chefe de redação do *Jornal do Brasil*. Ana Arruda tornou-se uma das melhores repórteres do *Jornal do Brasil* e ganhou o Prêmio “Herbert Moses”, em 1958, após a publicação de uma série de reportagens sobre a reforma agrária. Ela também foi a primeira chefe de reportagem de um jornal da grande imprensa brasileira, o *Diário Carioca*. Em 1977, formalizou sua união com o escritor Antônio Callado e adotou o sobrenome do companheiro profissionalmente. De “vedete” do *Jornal do Brasil*, tornou-se alvo da repressão e foi detida no mês de fevereiro de 1978, identificada no prontuário como “mulher de Antônio Callado” e “antiga militante comunista, na área do Rio de Janeiro”. Foi acusada de inserir “nas partes vazias, artigos e notícias tendenciosas” nas páginas da Tribuna da Imprensa. Sua trajetória no jornalismo, nas redações e como professora universitária, é fundamental para compreender mudanças na profissão e no âmbito político, no Brasil. A partir da entrevista realizada com a jornalista, busco compreender as experiências dela no ambiente de trabalho, especificamente a redação, a partir dos estudos de gênero.

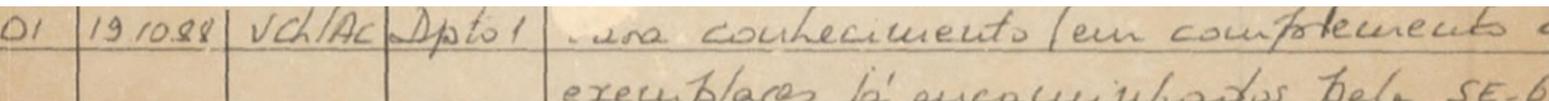
**Palavras-chave:** Experiência. Feminismo. História da imprensa.

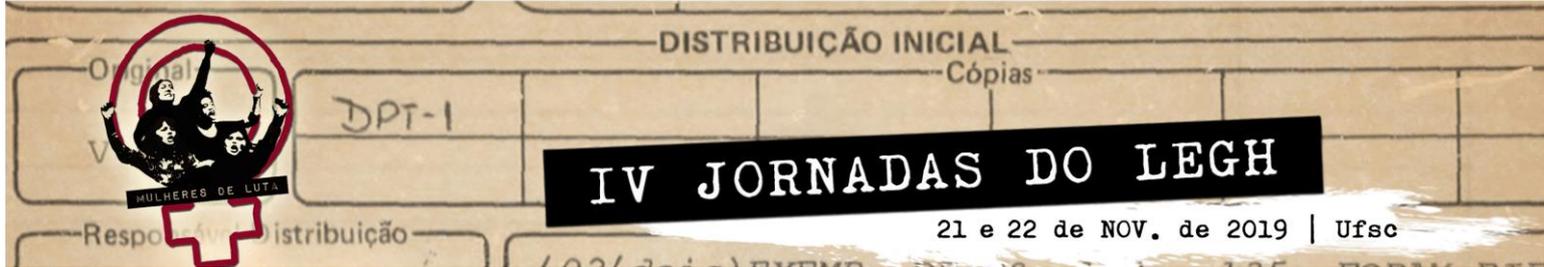
**Ressignificando memórias: marcas da violência de gênero na ditadura em testemunhos de mulheres**

Lara Lucena Zacchi (UDESC)

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar as retomadas e ressignificações de memórias de mulheres sobre as violências de gênero do período da ditadura civil-militar brasileira vivenciadas por elas entre 1968 e 1980. Também, pretende-se aqui estabelecer um paralelo entre as lutas e as conquistas feministas desencadeadas nas últimas décadas com a retomada dessas memórias no tempo presente. As memórias analisadas estão vinculadas ao capítulo 10 do Relatório da Comissão da Verdade, intitulado “Violência sexual, violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes” (2014), importante fonte histórica para o entendimento da ditadura brasileira. Através da metodologia da História Oral, dos estudos de gênero e da História das mulheres, este trabalho propõe compreender o modo como esses testemunhos demonstraram tentativas de construção de memórias individuais e coletivas de mulheres acerca das violências de gênero que marcaram a repressão ditatorial, traduzindo-se em formas de lutas e resistências no presente. Ressalta-se que os mecanismos sistematizados de repressão da ditadura foram estabelecidos pelas relações de gênero e deixaram marcas nas memórias de todo um coletivo social. Nesse sentido, o passado recente da ditadura brasileira continua reverberando suas consequências nas subjetividades de mulheres no tempo presente. Inseridas nessa perspectiva, as retomadas e publicizações dessas memórias emergem diante da necessidade de denúncia dos modos como essas experiências de violência política afetaram – e afetam – as relações sociais, políticas e culturais, deixando marcas nos corpos e almas dessas mulheres até os dias de hoje. Por fim, destaca-se que muitas dessas mulheres que vivenciaram distintas torturas enquanto presas políticas só reivindicaram o aspecto de gênero presente nas violências atualmente. Portanto, o entendimento da retomada dessas memórias é também relevante para a compreensão da influência das lutas feministas e resistências de mulheres no decorrer da história brasileira, bem como confrontar as contínuas opressões de gênero dos dias atuais.

**Palavras-chave:** Violência de gênero. Memórias de mulheres. Ditadura civil-militar brasileira.





## Mulheres sem nome: reflexões sobre invisibilidade e mulheres indígenas em fontes escritas

Laura Oeste (UFSC)

**Resumo:** A proposta da comunicação é abordar a invisibilidade da mulher indígena na documentação hispano americana produzida por agentes coloniais diversos ao longo do Séc. XVIII. A intenção é analisar e refletir de forma crítica sobre a produção desses escritos e, a partir disso, apresentar alguns estudos de caso para a região fronteira do rio da Prata. O período do Setecentos caracterizou-se por profundas transformações sociais e econômicas que influenciaram as dinâmicas entre a coroa espanhola e as populações indígenas locais. Entre os objetivos, está trazer as experiências de algumas mulheres indígenas que, por motivos variados, transgrediram essa “barreira”, como também, pensar nas ausências, estereótipos e nomeações/categorias produzidas pelos sujeitos envolvidos sejam eles indígenas ou não. A eleição dos homens como interlocutores privilegiados pelos poderes coloniais é importante para compreender as ausências das indígenas, característica que funcionou dentro dos interesses da colonização e contribuiu para uma maior presença masculina nas fontes. Nos dedicaremos a documentação publicada no final do Séc. XIX e início do XX organizada em diversas compilações que reuniram transcrições de fontes primárias na Argentina e no Brasil. Dentro da discussão proposta sobre invisibilidade das mulheres indígenas é necessário trabalhar com as formas de silenciamento presentes nessas fontes, principalmente, sobre as populações indígenas, sendo importante pensar desde sua produção e organização até as análises realizadas a partir desse corpo documental. Uma análise aprofundada dessas publicações é relevante, pois elas tiveram grande influência na produção historiográfica sobre os povos indígenas e, conseqüentemente, sobre as mulheres indígenas.

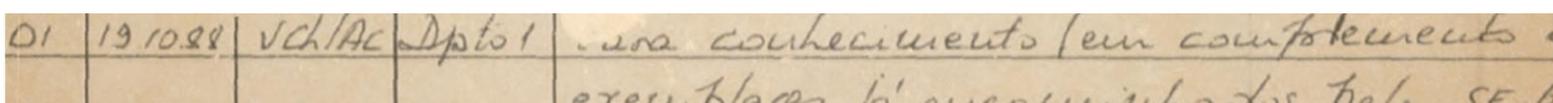
**Palavras-chave:** Mulheres. Indígenas. Invisibilidade. Silenciamento. Fontes escritas.

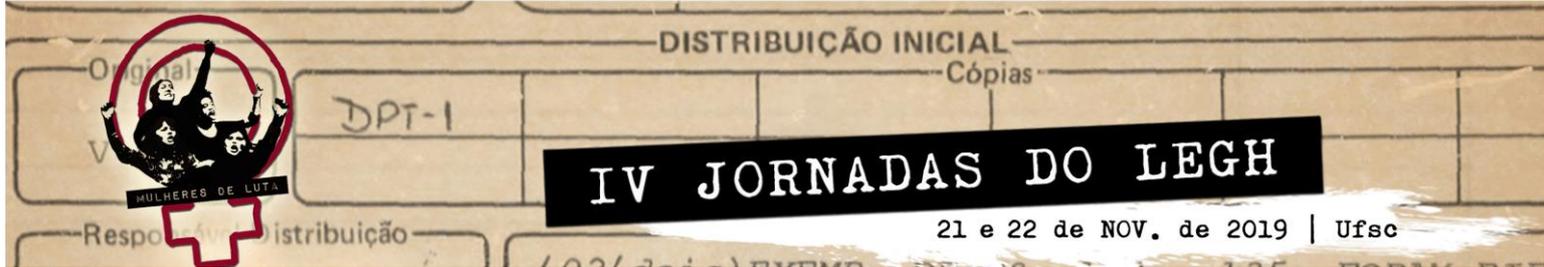
## Gênero e memória: narrativas sobre a atuação feminina em organizações de oposição à ditadura militar

Letícia Viana de Moraes (USP)

**Resumo:** Durante o regime militar, especialmente, a partir do início dos anos 1970, centenas de militantes políticos foram torturados e presos pela ditadura. Uma parcela expressiva das militantes foi encaminhada para o presídio Tiradentes, em São Paulo, alocadas num setor batizado pelos militantes políticos como “Torre das Donzelas”. A convivência forçada, após sistemática violência estatal, marcada por inúmeras formas de tortura, criou um espaço de solidariedade e reflexão sobre o feminino. Esta comunicação propõe uma análise sobre as entrevistas produzidas por quatro dessas mulheres – Lara Prado, Lenira Machado, Márcia Mafra e Nair Kobashy –, registradas pela pesquisadora Janaina de Almeida Teles, entre 2008 e 2010 e integradas ao Acervo *Intolerância e Resistência: Memórias da Repressão política no Brasil (1964-1985)*, do Diversitas/USP e do AEL/Unicamp. Meu objetivo é, portanto, interpretar os elementos apresentados nas entrevistas que apontam questionamentos sobre o papel da mulher nas organizações contra a ditadura militar. Nesse sentido, analisarei como a divisão de tarefas nas organizações políticas discretamente seguia as compreensões sociais sobre as habilidades femininas, dado que às mulheres eram atribuídas tarefas “de apoio” – acolhimento, alimentação, transmissão de informações; a associação das mulheres ao universo masculino como forma de valorização, por vezes pela referência vinculada ao parceiro amoroso – “a mulher do cara” –, por outras pela masculinização das companheiras – “mulher macho” – narradas como características frequentes das poucas mulheres que ocupavam cargos de decisões dentro das organizações; as influências da maternidade e do casamento na militância feminina.

**Palavras-chave:** Gênero. Memórias. Mulheres. Organizações Políticas. Ditadura Militar.





### Marcos identitários e o conceito de "mulher" no projeto editorial de *Brasil Feminino*

Linaia de Vargas Palacio (UFSC)

**Resumo:** Na década de 1930 a revista *Brasil Feminino* registrou, pela autoria das escritoras que nela contribuíram, concepções e ideias de um grupo de mulheres da elite do Brasil. Os temas variavam entre aqueles referentes à esfera pública e os referentes à esfera privada de nossa sociedade. Neste trabalho será analisada como a identidade dessas mulheres ficou assinalada nesses escritos no que se refere a suas concepções do conceito de "mulher". Para esse enfoque, será considerada uma perspectiva interseccional em que classe e raça (aqui entendida pela abordagem crítica do conceito de branquitude) compõem o estudo.

**Palavras-chave:** Imprensa. Mulheres. Branquitude. Imprensa feminista.

### As mulheres na escrita de Guido Rodríguez Alcalá: representações de gênero nos contos no período stronista (1954-1989)

Lorena Zomer (UEPG)

**Resumo:** Esse artigo traz considerações sobre uma pesquisa desenvolvida sobre o contexto ditatorial de Alfredo Stroessner no Paraguai (1954-1989), com base na análise de fontes literárias e documentais do jornalista Guido Pedro Rodríguez Alcalá. As fontes foram organizadas entre os anos de 2008 a 2014 e fazem parte do acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), da Universidade Federal de Santa Catarina, cujo objetivo é ampliar os estudos historiográficos sobre as ditaduras militares do Cone Sul. Os temas têm propiciado novos olhares, especialmente a respeito de feminismos, de resistências, de relações de gênero e sobre estudos comparativos/ou não entre os diversos países do Cone Sul. Com base nas fontes (contos e *Nunca Más*), essa comunicação explora as representações e as relações de gênero presentes e marcadas pela escrita de um autor em um contexto ditatorial. Nesse viés, é possível perceber uma cultura corporal e de gênero nesse contexto, gerando sentidos que devem ser problematizados.

**Palavras-chave:** Literatura Paraguaia. Ditadura Militar. Gênero.

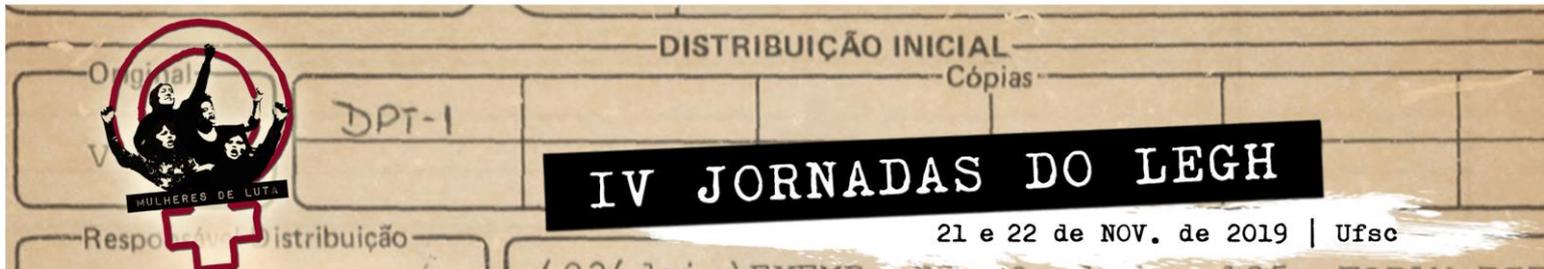
### Mulheres quadrinistas brasileiras no gênero de fantasia

Luana Balieiro Cosme (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo principal problematizar os apagamentos e silenciamentos das produções das mulheres nos quadrinhos brasileiros durante a década de 1990, dentro da categoria da produção direcionada ao público adulto e fantasia. Encontrei poucas mulheres no levantamento realizado na maioria dos números das revistas do gênero como *Brazilian Heavy Metal* e *Metal Pesado*, todas foram publicações em português. Nomes como: Cynthia Carvalho, Dadí, Cláudia Lévy, Claudia Braga, Telumi Helen, Eliane Bettocchi, Márcia Széliga, Patrícia Villalba e Anna Kelma Gallas são praticamente inexistentes nas antologias de quadrinhos, nas mídias especializadas, nos estudos acadêmicos e até mesmo nas memórias dos "leitores". A partir desses nomes fiz uma discussão sobre os silêncios da história e o que eles nos dizem, tendo como referência *As mulheres, ou, os silêncios da história* de Michelle Perrot (2005) e *Silencing the past: Power and the production of history* de Michel-Rolph Trouillot (1995).

**Palavras-chave:** Quadrinhos. Silenciamentos. Mulheres. Metal Pesado.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



### As militâncias feministas das mães da plataforma “Cientista Que Virou Mãe”: sujeitos de transformação social

Luana Borges Lemes (UDESC)

**Resumo:** As mulheres da plataforma “Cientista Que Virou Mãe” narram em entrevistas suas vivências feministas na maternagem e no entorno social, em que reconhecem suas formas de militâncias, afetos e desafios decorrentes desse posicionamento político. As relações de gênero encontram a História Oral neste trabalho para contar histórias de mulheres em diferentes realidades vividas pelo Feminismo Matricêntrico, conforme as mães da “Cientista Que Virou Mãe”. Objetiva-se analisar as narrativas de como elas se identificam feministas e como praticam suas militâncias. Nesse sentido, há uma nova geração que pode se tornar feminista a partir dessas mães? Elas respondem sobre essa possibilidade e ponderam perspectivas sobre redes e personas feministas que dialogam em movimentos sociais ratificando a necessidade de pensar e praticar a igualdade de gênero. Também, identificam suas motivações para se descobrirem feministas e as dificuldades da militância feminista para as mulheres mães. Tais reflexões contribuem para consolidar um importante debate na História das Mulheres e dos Feminismos, a fim de perceber na maternagem feminista um novo sentido de poder social transformador, bem como um campo de conhecimento e de militância em contínua construção.

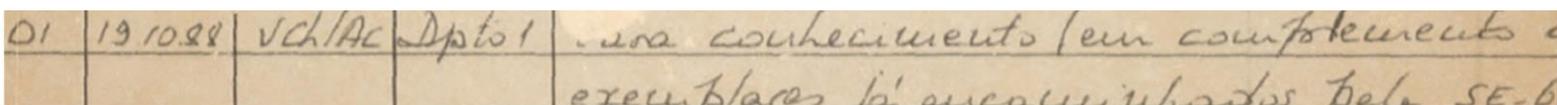
**Palavras-chave:** Gênero. Maternagem. História Oral. Feminismo.

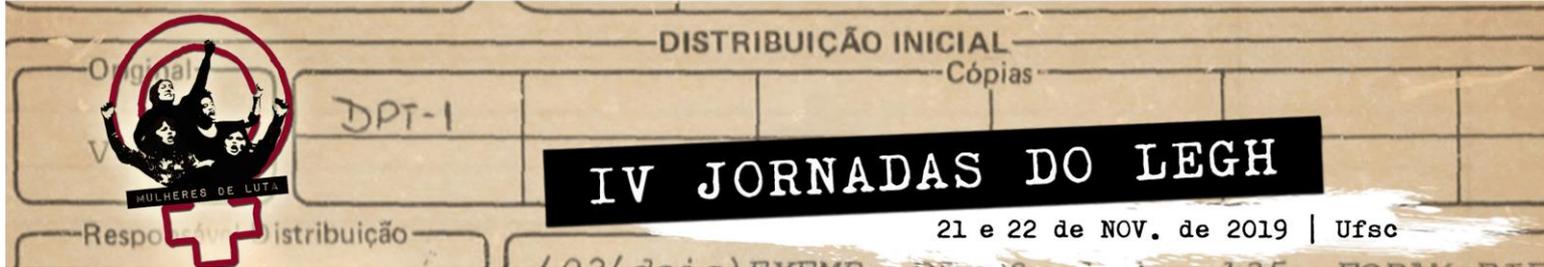
### Uma análise histórica sobre maternidade compulsória no jornal integralista *A Offensiva* (1936-1937)

Luana Dias dos Santos (UFMS)

Os fascismos foram movimentos políticos ultranacionalistas, autoritários e que rechaçavam o mundo pós-iluminista. O primeiro movimento emergiu na Itália, no fim da década de 1910, e posteriormente se espalhou para outros países, com características próprias. No Brasil, um dos principais movimentos inspirados nos fascismos foi a Ação Integralista Brasileira (AIB), que atuou entre os anos de 1932 a 1937, congregando cerca de meio milhão de filiados. Possuía elementos singulares, como a forte influência católica e certa permissividade quanto à participação das mulheres no âmbito da militância de rua. Conhecidas como blusas verdes, as mulheres cerravam fileiras ao lado dos homens, nos cotidianos desfiles e manifestações de rua da AIB. O movimento também sustentava que o papel principal das mulheres estava relacionado ao “destino biológico”: era de extrema importância que as mulheres fossem boas mães e esposas. Dessa forma, a ideia da maternidade compulsória, defendida pelos integralistas, por meio dos discursos que circulavam dentro do movimento, atribuía papéis sociais diferenciados a homens e mulheres: às mulheres caberia o papel de garantir o futuro do movimento, gerando, cuidando e educando filhos dentro dos princípios integralistas. Analisando a maternidade a partir de Simone de Beauvoir, entendemos que esta é uma construção social, pois não são todas as mulheres que buscam por meio da maternidade a realização pessoal. Em contrapartida, na visão dos integralistas, a maternidade é função divina da mulher. Diante desse contexto, neste trabalho, proponho analisar os discursos do jornal integralista *A Offensiva* (de circulação nacional), durante o ano de 1936, com foco especial em coluna destinada às mulheres, espaço de idealização do comportamento de uma boa blusa-verde. Para isso, analiso a disseminação dos discursos de controle sobre as mulheres a partir dos estudos de gênero, proposto por Joan Scott (2009).

**Palavras-chave:** Integralismo. Mulheres. Maternidade. Gênero.





### **Lutas sindicais feministas: a organização das trabalhadoras bancárias a partir do Novo Sindicalismo**

Luciana Carlos Geroleti (UFSC)

**Resumo:** Desde fins da década de 1970, no Brasil, as mulheres e os trabalhadores ressurgiram na cena política brasileira através do feminismo, do movimento sindical e dos movimentos sociais, pressionando pela abertura política e por direitos. Neste período, as trabalhadoras bancárias não ficaram alheias às discussões sobre seus direitos nos bancos, muito menos ficaram alheias ao ressurgimento do movimento sindical. Assim, o objetivo da presente comunicação é discutir a atuação sindical e feminista das bancárias no Departamento Feminino do Sindicato dos Bancários de São Paulo entre 1978 e 1983, decisiva para as denúncias sobre as condições que as mulheres enfrentavam nos bancos: demissão de mulheres grávidas, falta de creches, discriminação e assédio. Inicialmente, discuto a organização sindical bancária e o Novo Sindicalismo. Em seguida, trato do feminismo militante das bancárias do Departamento Feminino do Sindicato dos Bancários de São Paulo, atuação que esteve em sintonia com a organização dos movimentos de mulheres e feministas da cidade de São Paulo durante a década de 1980.

**Palavras-chave:** Mulheres. Sindicalismo. Feminismo.

### **Internacionalização e mobilidade científica de brasileiras: a viagem acadêmica como elemento estruturante de um projeto intelectual**

Luciana Rodrigues Gransotto (UFSC)

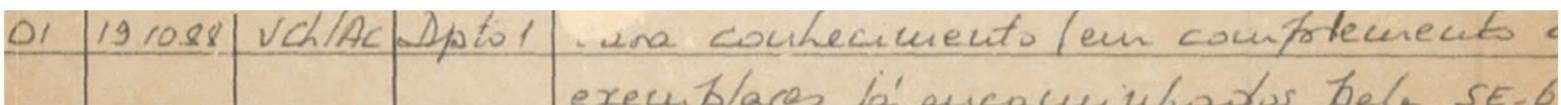
**Resumo:** A pesquisa, situada a partir da perspectiva dos estudos feministas, tem por objetivo refletir a respeito da mobilidade científica de mulheres intelectuais da área das ciências humanas, através do processo acadêmico de internacionalização, sobretudo a partir década de 1990, no Brasil. Aproximando as articulações entre gênero e ciência, esses deslocamentos, como projetos intelectuais emancipatórios, contribuíram para um movimento de colaboração e trocas, estimulando e abrindo espaço para rupturas epistemológicas, transformando o modo de 'ser' historiadora. É importante considerar, nesse processo, conforme indica Thais França (2016), os privilégios envolvidos nos trânsitos internacionais, as intersecções e os marcadores de diferença e as práticas e as relações hierárquicas estabelecidas nas instituições acadêmicas durante as experiências de mobilidade. Dentro dessa discussão, apresentaremos parte da trajetória dos deslocamentos da historiadora brasileira, Sandra Jatahy Pesavento (1946-2009), importante referência da História Cultural no Brasil, apontando o contexto e o campo acadêmico brasileiro em que ela estava inserida.

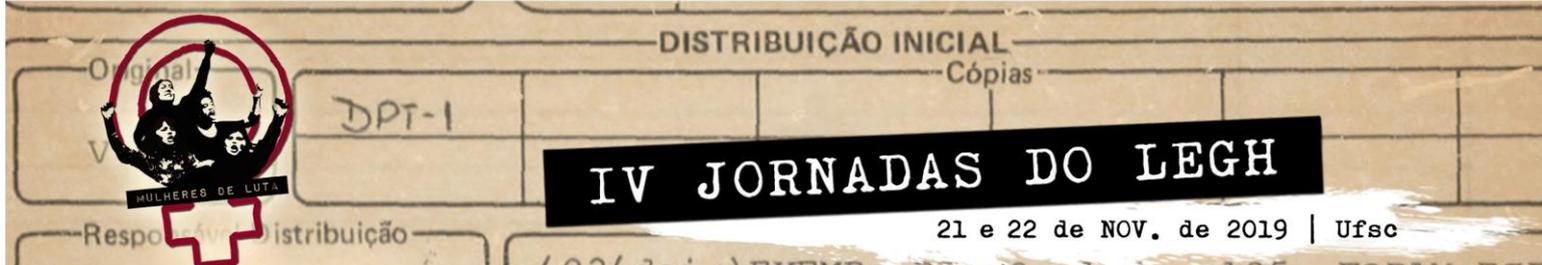
**Palavras-chave:** Internacionalização e Mobilidade Científica. Mulheres Intelectuais. Gênero e Ciência. Estudos Feministas. Sandra Jatahy Pesavento.

### **Amar em tempos de ódio é um ato revolucionário: casais militantes na ditadura brasileira**

Luisa Dornelles Briggmann (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar a presença de casais militantes na resistência contra a ditadura brasileira, entre os anos de 1964 e 1985, buscando entender a complexidade dos afetos e das relações de poder e de gênero que os constituíam e rodeavam. Viviam-se tempos de revolução: nos costumes, nas sexualidades e nos relacionamentos. É neste período de efervescências, onde as jovens buscam a quebra de valores conjugais como a superioridade do marido sobre a mulher, e passavam a valorizar o matrimônio como um espaço amor, gratificação sexual e companheirismo, que estes casais ousaram resistir juntos à ditadura que assolava o país. Neste trabalho busca-se perceber o efeito de "ser





casal” na militância: na divisão de tarefas, nas ações, na clandestinidade e na prisão. Assim como, através dos testemunhos orais, dos livros de memória e das autobiografias, observar o uso da emoção e do gênero nos discursos produzidos acerca destes casais.

**Palavras-chave:** Gênero. Casais militantes. Ditadura.

### Entre lutas, afetos e emoções no Brasil: movimentos de liberação homossexual (1964-1985)

Luiz Augusto Possamai (UFSC) e Jair Zandoná (UFSC)

**Resumo:** Considerar os afetos, as emoções e as lutas como partes intrínsecas e indissociáveis das e nas experiências de pessoas cujos corpos sejam considerados dissidentes potencializam as possibilidades de discussão e de reflexão sobretudo se considerarmos o período da ditadura civil-hétero-militar no Brasil (QUINALHA, 2018) como pauta. Esta comunicação oral busca tomar os centros urbanos como espaços possíveis para desencadear complexidades, explorar subjetividades, repensar sociabilidades e produzir resistências múltiplas – a partir da análise de documentos e de entrevistas realizadas –, e que permitem alargar o olhar que se tem desse período e mobilizar vozes e experiências obliteradas desses corpos (FERNANDES, 2018; GREEN, 2018; MACRAE, 2018; OKITA, 2015; TREVISAN, 1986). Os/as vários/as personagens e grupos organizados homossexuais, os quais passaram a estabelecer estratégias de resistência para garantirem suas existências durante a ditadura, começaram a lutar e a ocupar espaços – apesar das opressões –, mobilizados/as por diferentes demandas. Esses movimentos de liberação homossexual estabeleceram importantes alianças com outros grupos e movimentos sociais com o intuito de tencionar e reivindicar direitos (SIMONETTO, 2017). Nesse sentido, este trabalho considera esses corpos, perpassados por afetos e emoções, como estruturantes de um movimento político de gênero e de sexualidade em várias cidades do Brasil e que irradiou para outros espaços e em diferentes regiões do país.

**Palavras-chave:** Movimento Homossexual. Feminismos. Interseccionalidade. Emoções. Afetos.

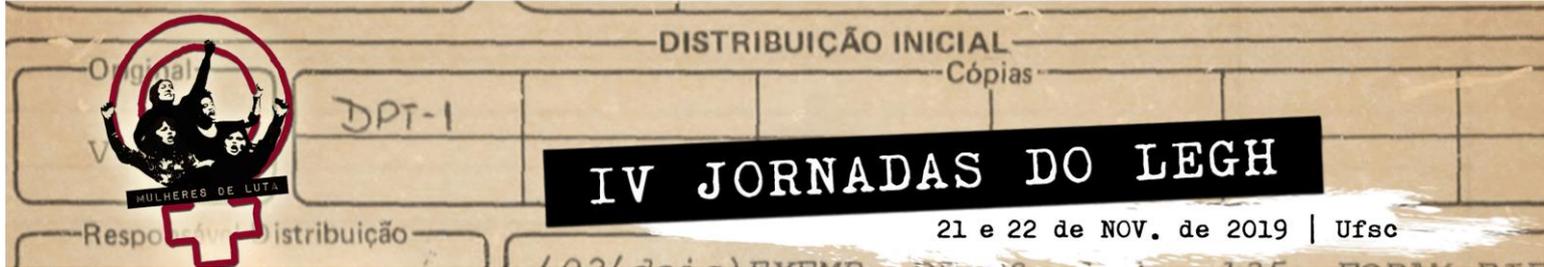
## M

### Força-V: Marvel e o “feminismo” nos quadrinhos como solução de mercado (2015)

Maria Adaiza Lima Gomes (UFSC) e Reverso Nascimento Paula (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar o quadrinho *Força-V*, buscando perceber de que modo problemáticas relacionadas aos feminismos são nele representadas, a fim de problematizar sua produção como uma estratégia de mercado por parte da editora Marvel Comics. *Força-V* foi uma série de quadrinhos lançada em 2015, escrita inicialmente pelas roteiristas Gwendolyn Willow Wilson (mas conhecida como G. Willow Wilson) e Marguerite Bennett, que trouxe como protagonistas um grupo composto exclusivamente por super-heroínas, formando o primeiro grupo de Vingadoras (equipe tradicionalmente formada, em sua maioria, por homens) e que lideravam um território chamado Arcádia. Analisamos o primeiro arco deste material com o intuito de notar, a maneira como, se utilizando dessa linguagem (escrita e imagética), a editora trouxe à tona temáticas ligadas às relações de gênero nos quadrinhos, utilizando-se do feminismo como forma de atrair consumidores/as.

**Palavras-chave:** Gênero. Feminismos. Quadrinhos. Mercado.



## Lugar de mulher é na rua: fotógrafas da cidade de São Paulo da década de 1940

Maria Clara Lysakowski Hallal (UFPEL)

**Resumo:** Lugar de mulher é onde ela quiser. Frase constantemente utilizada na atualidade e extremamente verdadeira. Contudo, na década de 1940, as mulheres fotógrafas, por exemplo, não eram bem aceitas nas ruas das cidades. Eram “bem vistas” ou comumente aceitas nos estúdios, onde na segurança do seu estúdio tiravam fotografias de moças e famílias. Porém, nesse cenário, um grupo de mulheres fotógrafas subverteu o que era esperado e, talvez, até mesmo por serem estrangeiras e pensarem um pouco diferente, fotografaram a cidade de São Paulo, mais especificamente, os atores sociais que constituíam essa urbe. Assim, esse trabalho se dedica a estabelecer e analisar as relações de gênero entre Hildegard Rosenthal, fotógrafa suíça-alemã e Alice Brill de também origem alemã. Assim, ambas judias, fugidas das perseguições, desembarcaram no Brasil e registraram a cidade de São Paulo, saíam às ruas, com todas suas nuances, personagens e paisagem, e nesse momento, as imagens que retratam a presença das mulheres no contexto urbano é que serão analisadas, para entender a relação fotógrafa-fotografadas e como o gênero influenciou no processo de obter as imagens.

**Palavras-chave:** Fotografia. Hildegard Rosenthal. Alice Brill. São Paulo. Gênero.

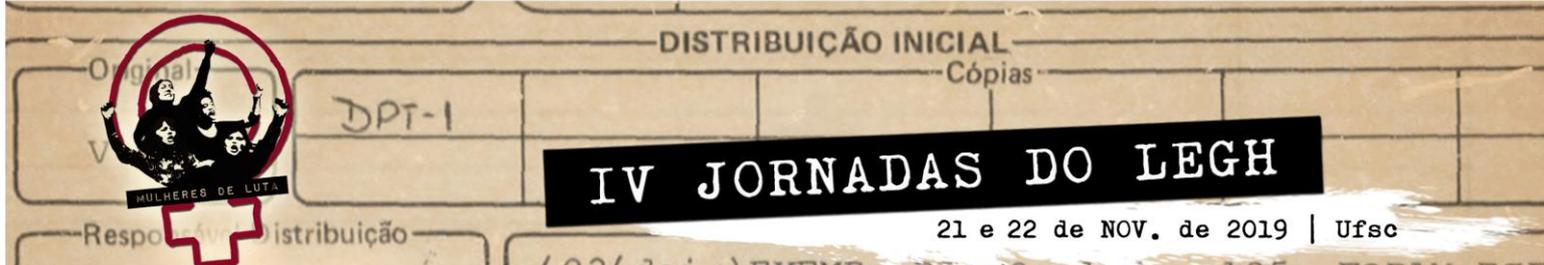
## “Que eu nasci pro samba, não posso parar”: potência política feminista nos grupos de samba formados por mulheres

Maria Clara Martins Cavalcanti (UNICAMP)

**Resumo:** O incentivo à criatividade e à criação foram um privilégio masculino durante muitos séculos. Virginia Woolf em seu *Um teto todo seu* (1928) aponta para o fato de que as musicistas eram alvos constantes de afirmativas como “você não pode fazer isto, você é incapaz de fazer aquilo”, tendo sua competência perseguida e apagada. Historicamente, tem sido esse também o caso do cenário musical do samba no Brasil, tradicionalmente dominado por compositores e musicistas homens, relegando às mulheres os papéis de musas e intérpretes. A inserção das mulheres como compositoras, musicistas e instrumentistas nesse ambiente tem sido cheia de entraves e as que, em algum momento na história, obtiveram algum sucesso, foram massivamente apagadas dos registros, com algumas exceções. Diante desse cenário, os últimos cinco anos têm sido palco para o surgimento de grupos de samba compostos apenas por mulheres em todo o Brasil. Esses grupos - em sua existência, discurso e música - vem denunciando o apagamento das mulheres no samba ainda hoje, reivindicando espaços e construindo pautas onde política e representação aparecem de formas indissociáveis. Este trabalho espera, portanto, a partir de entrevistas realizadas com alguns desses grupos nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, entender de que formas essas mulheres constroem uma potência política feminista, fazem releituras do passado, trazem à tona compositoras esquecidas e, assim, constituem ações transformadoras capazes de reinventar um cenário, uma história, um mundo possível. Além disso, espera-se aqui analisar como as questões de gênero e raça interpelam as trajetórias de vida, a produção musical e o caminho profissional das integrantes desses grupos. Dessa forma, são imprescindíveis para esta pesquisa as metodologias da História Oral, assim como as perspectivas teóricas feministas de autoras como Ana Carolina Murgel, bell hooks, Gloria Anzaldúa, etc.

**Palavras-chave:** Samba. Gênero. Raça. Feminismo.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



### “No morir por el chiste”: o humor feminista nos periódicos *Nós mulheres* (1976-1978) e *Persona* (1974-1986)

Maria da Conceição Francisca Pires (Unirio)

**Resumo:** A exposição propõe em explorar o diálogo estabelecido entre o humor gráfico e as questões discutidas nos grupos feministas durante o período de efervescência da Segunda Onda Feminista. Pretende-se colocar em relevo a produção de um humor feminista que encontrou espaço inédito para manifestação em publicações como o jornal brasileiro *Nós Mulheres* e a revista argentina *Persona*, periódicos que se mostraram pioneiros na valorização da produção gráfica de mulheres cartunistas. A análise empreendida se voltou especificamente para as charges e cartuns de autoria feminina presentes nas duas publicações, assinalando as temáticas eleitas e as relações estabelecidas com os artigos das referidas publicações, assim como as estratégias discursivas e estilísticas empregadas para produzir desenhos que se afastavam e criticavam as normas e padrões estabelecidos para as mulheres. A abordagem do humor feminista nos faz perceber possibilidades plurais de manifestação política, bem como dá a ver a ocupação de outros espaços políticos, para além dos espaços tradicionais de discussão feminista e de prática política. Trata-se, portanto, de uma forma inusual de expressão crítica dos padrões e modelos instituídos, assim como dos sistemas de ordenamento políticos e sociais estabelecidos, constituindo um humor emancipador, subversivo e político.

**Palavras-chave:** Humor gráfico. Feminismo. Política.

### “As presas do DOPS”: o Presídio Feminino Madre Pelletier e o encarceramento de mulheres militantes (Porto Alegre, 1969-1979)

Maria Eduarda Magro (UFRGS)

**Resumo:** “Uma das freiras me confessou que ia rezar na capela toda vez que o DOPS me levava, porque, segundo eles diziam, eu estava condenada a morrer”, escreveu Ignez Serpa Ramminger, em 1998, no relato de sua prisão anexado ao processo de indenização nº 6847-1200/98-0, movido em âmbito estadual. Em 2016, o local a que Ignez se referia – o Presídio Feminino Madre Pelletier – foi identificado com uma placa do projeto “Marcas da Memória”, responsável por demarcar espaços onde se praticou tortura e repressão durante a ditadura civil-militar brasileira. Entre outros locais demarcados pelo projeto na cidade de Porto Alegre, como o Presídio Central, o Palácio da Polícia e o Dopinha, o Madre Pelletier foi o único que abrigou exclusivamente mulheres durante a ditadura. A partir do estudo de caso do Presídio Feminino Madre Pelletier, o presente trabalho propõe-se a suprir algumas das lacunas observadas nos estudos do encarceramento de presas políticas em Porto Alegre durante a ditadura civil-militar brasileira. Partimos da análise dos processos indenizatórios movidos por essas mulheres nos últimos anos da década de 1990, quando instituiu-se a lei nº 11.042/97, que reconheceu a responsabilidade do Estado do Rio Grande do Sul pelos danos físicos e psicológicos causados contra pessoas relacionadas à militância política entre as décadas de 1960 e 1970. Nossa investigação volta-se, sobretudo, aos relatos de prisão escritos pelas próprias militantes ou redigidos por seus/as advogados/as. A documentação está disponível para consulta no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). Pelo estudo desses documentos, acessamos informações concernentes à rotina dessas mulheres, bem como ao tratamento que lhes era dispensado no cárcere, indicando as especificidades dessa instituição, então parte da Congregação Bom Pastor D’Angers. Ainda, nossa leitura do material busca compreender como se tecia o emaranhado de múltiplos sujeitos em convivência, e os tensionamentos, paradoxos e complexidades que povoavam esse cenário composto por presas “comuns”, presas políticas, freiras (administradoras do presídio), delegados (que realizavam visitas esporádicas às celas das presas políticas), soldados (que as vigiavam durante a noite) e agentes penitenciárias. Para além de proceder ao levantamento quantitativo das mulheres que lá foram

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e exemplares lá encontrados pelo SE-6



encarceradas por enquadramento na Lei de Segurança Nacional (Decreto-Lei nº 898/69), buscamos compreender qual o lugar ocupado pelo Madre Pelletier no aparato repressivo do Estado ditatorial brasileiro, bem como investigar a extensão das formas de violação sofridas pelas militantes, para além da tortura física.

**Palavras-chave:** Ditadura civil-militar brasileira. Presas políticas. Terrorismo de Estado. Presídio Feminino Madre Pelletier.

**Do Mulherio à Capitolina: retratos do feminismo na mídia brasileira**

Maria Laura Silveira dos Santos (UFSC), Luísa Costa Miguel (UFSC) e Raquel Barros Pinto Miguel (UFSC)

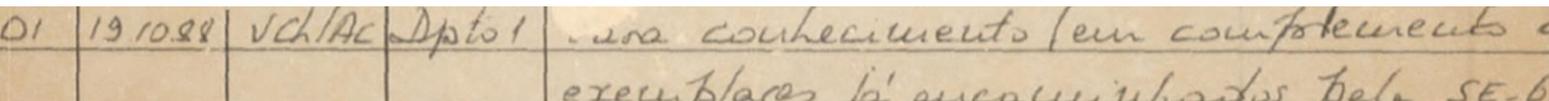
**Resumo:** Historicamente a imprensa feminista já se manifestou de diferentes formas, desde panfletos, jornais impressos, fanzines, bem como seções, em alguns periódicos tradicionais, que abordavam a questão da igualdade de gênero. Autoras que se debruçam sobre esse tema apontam as várias dificuldades encontradas pelas mulheres que produzem tais meios de comunicação, desde a questão financeira até a censura moral referente aos assuntos tratados. É em meio a "altos e baixos" que a história da imprensa feminista vem sendo escrita. Atualmente, tem sido possível observar a expansão de publicações que adotam uma perspectiva feminista: revistas online e impressas, blogs, páginas em redes sociais. Diante deste cenário, a presente pesquisa teve como objetivo debruçar-se sobre dois periódicos feministas que circularam/circulam no Brasil em diferentes momentos históricos, a fim de verificar possíveis permanências, bem como mudanças, tanto na forma como o feminismo se apropria dos meios de comunicação para fazer circular suas agendas, quanto nas pautas abordadas pelo movimento em diferentes momentos de nossa história. Para tanto, foram examinados exemplares do jornal *Mulherio*, veiculados nos anos 1980, e exemplares da revista digital *Capitolina*, lançada em 2014. Através da análise, foi possível verificar contrastes nos estilos dos materiais: no *Mulherio* percebeu-se uma proposta direcionada a um público já familiarizado com a temática, tratando com linguagem próxima à acadêmica de questões que ebuliam no período de fim da ditadura militar brasileira. Já na *Capitolina*, vê-se uma revista direcionada a um público mais jovem, que possibilita, através da utilização da plataforma digital, o acesso facilitado a um maior grupo, introduzindo as leitoras às problemáticas e reflexões que atravessam o feminismo, com uma comunicação mais popular. Cabe ressaltar que algumas pautas são abordadas por ambas publicações, mesmo que com enfoques diferentes. Espera-se, a partir de tais reflexões, contribuir para os estudos acerca da interface mídia e feminismos, em especial no que tange à imprensa feminista no Brasil.

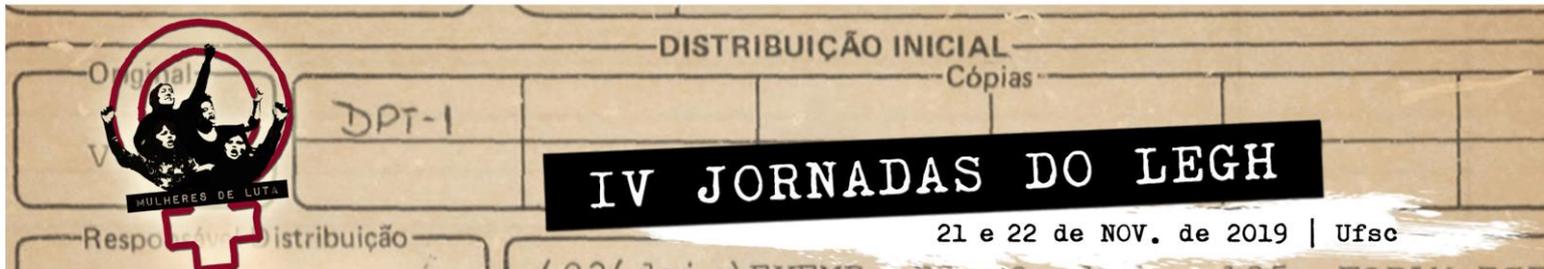
**Palavras-chave:** Feminismos. Mídia. Imprensa feminista.

**Ações de resistência ou experiência militante?: narrativas das participantes do Movimento Feminino Pela Anistia em Santa Catarina**

Mariane da Silva

**Resumo:** O Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA) se constituiu no contraste entre o discurso e a prática. Por um lado, o discurso conservador mobilizado pela líder do movimento, a advogada Therezinha Zerbine e, de outro, a possibilidade de se mobilizar politicamente diante de um cenário ditatorial. A partir da construção tradicional de gênero, onde condiciona às mulheres o "papel" do cuidado, da ternura, das emoções e da pacificação, o MFPA realizou denúncias à organismos internacionais, elaborou abaixo-assinados, organizou eventos, conferências constituindo um terreno fértil para a campanha pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita. As fontes utilizadas para análise são entrevistas com mulheres que integraram o núcleo catarinense do MFPA que, diante da busca por informações dos seus entes, construíram e





produziram diferentes subjetividades. De acordo com a autora Joan W. Scott: “precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência” (1999, p. 25). Ao refletir sobre a relação entre experiência e resistência que a memória fomenta, compreendo que essas mulheres não processam a sua vivência como resistência, por não serem socialmente reconhecidas como parte daquilo que se convencionou como resistência. O esquecimento, então, é uma forma de anular a experiência, de negá-la, de destituí-la das mulheres. No decorrer das entrevistas, abriu-se a possibilidade para explorar a dimensão do que era considerado ser mulher naquele período, bem como a subversão mesmo que inconsciente desses padrões de gênero. Emerge, assim, outras formas de ser mulher, de se fazer política e, principalmente, de se reconstruir e se reinventar. Nesse sentido, as ações cotidianas de resistência, permeadas pelas relações de gênero, operam como uma espécie de filtro: determinam o que é importante, o que é político e o que será salvaguardado na história.

**Palavras-chave:** História das Mulheres. Movimento Feminino pela Anistia. Santa Catarina. História Oral. Gênero.

### **Brasil, Uruguai e Cuba no Acervo Mala de Jorge Amado: atravessamentos militantes e biográficos**

Marina Siqueira Drey (UFSC)

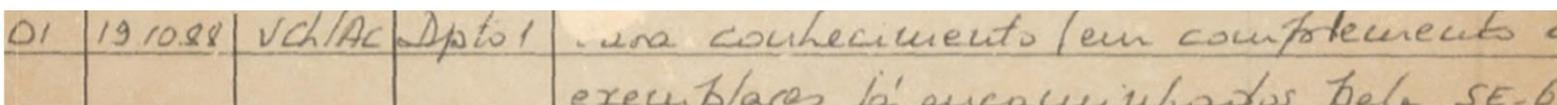
**Resumo:** Esta comunicação objetiva apresentar e analisar a presença de quatro militantes no Acervo *Mala de Jorge Amado*, são elas: Maria Cruz, Lygia Prestes, Sofia Arzarello e Mirta Aguirre. O recorte tem a intenção de discutir o papel dessas mulheres na constituição do Acervo em questão, cuja constituição foi motivada pela expatriação do escritor Jorge Amado nos anos de 1941-1942; período em que viveu nos vizinhos latino-americanos, Argentina e Uruguai, em razão da elaboração de uma biografia de Luís Carlos Prestes, encomendada pelo Partido Comunista. Nesse contexto, a presença dessas personagens se estabelece por meio de correspondência e poemas, os quais serão compartilhados e discutidos a fim de se descrever e delinear a importância que assumiram no contexto de produção que, posteriormente, constituiu o que ora se denomina *Acervo Mala de Jorge Amado*. A comunicação é resultado de um excerto da pesquisa em andamento que se detém naquilo que se intitulou “lacuna biográfica” do autor.

**Palavras-chave:** Maria Cruz. Lygia Prestes. Sofia Arzarello. Mirta Aguirre. Jorge Amado.

### **PL 352/2019: a internação psiquiátrica de mulheres em debate**

Marina Soares Oliveira (UFRRJ)

**Resumo:** No mês de junho de 2019, diversos veículos midiáticos publicaram notícias a respeito do Projeto de Lei 352/2019, apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo vereador Fernando Holiday, do partido Democratas. O PL permite a internação psiquiátrica de mulheres com “propensão ao abortamento” e o atendimento religioso, no caso das teístas, ou bioético, se tratando de agnósticas ou ateias, bem como prevê a autorização por escrito de genitores, tutores ou curadores em caso de ser a gestante “incapaz”. Além do mais, o Projeto também dificulta o aborto legal, isto é, em caso de anencefalia, risco à vida da mulher ou ter a gravidez origem em violência sexual, ao introduzir a necessidade de alvará judicial para sua realização. Diante de tantos pontos polêmicos, nos propomos a problematizar a questão da internação psiquiátrica de mulheres à luz de debates sobre a Reforma Psiquiátrica e a Antipsiquiatria e sob a ótica das relações de poder-saber, propostas por Michel Foucault, relacionadas à temática do gênero. Entendendo que o conceito de loucura – sinônimo de doença mental, passível de intervenção psiquiátrica – apresenta variabilidade social de acordo com o recorte espaço-temporal analisado, visamos alocar o PL no contexto





mais amplo do cenário político brasileiro atual, como também, com base nas noções de longa duração e pluralidade dos tempos na pesquisa histórica, estabelecer aproximações e distanciamentos em relação às internações psiquiátricas de mulheres durante os anos 1970 no Brasil, objeto de estudo na pesquisa de mestrado em andamento.

**Palavras-chave:** Internação psiquiátrica. Mulheres. Loucura. Relações de poder-saber. Brasil Contemporâneo.

### Afinal, o quintal é bom para pensar?

Marisangela Lins de Almeida (UFSC)

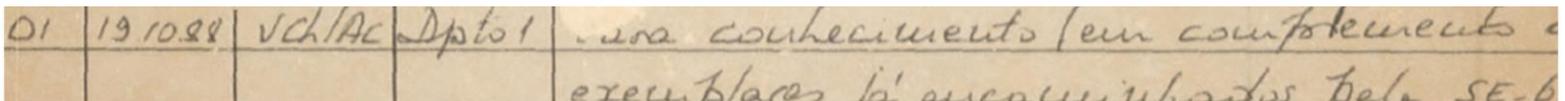
**Resumo:** Como observou Wedig e Menashe (2013), a comida pode ser compreendida para além de sua dimensão material e fisiológica, ela pode ser um elemento que possibilita analisar dimensões de família e gênero. A partir da forma como se produz e se consome os alimentos, pode-se reconhecer dimensões da vida social que referenciam modos de viver, indica aspectos familiares e relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, a proposta dessa comunicação é problematizar, a partir de fotografias e da metodologia de história oral, aspectos relacionados às paisagens, ao trabalho e conhecimentos das mulheres faxinalenses com sementes crioulas nos quintais, relacionando suas práticas tradicionais à categoria de autonomia camponesa e soberania alimentar. A realização da pesquisa se deu em duas comunidades rurais faxinalenses, na região Centro sul do Estado do Paraná, a saber: Faxinal do Salto- Rebouças e Faxinal Rio do Couro- Irati. Para além da produção e consumo dos alimentos, há nessas comunidades hierarquizações e classificações de gênero que envolvem o processo de trabalho, as quais investigamos.

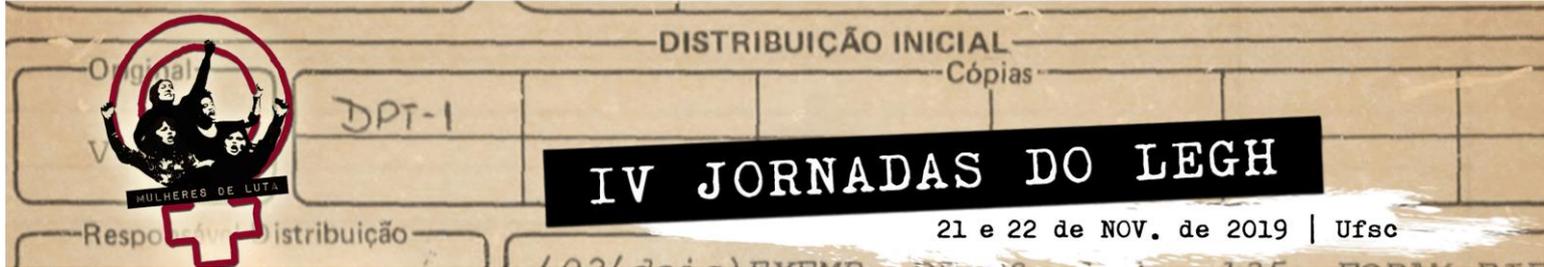
**Palavras-chave:** Faxinal. Quintal. Paisagem. Trabalho.

### Onde reside o problema do aborto?

Mateus Gustavo Coelho (UFSC)

**Resumo:** Segundo o artigo terceiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” (1948). Já, nossa Constituição Federal, enquanto baseada na DUDH, em seu artigo quinto diz: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” (1988). Assim, o direito à vida é uma garantia fundamental prevista em lei e, de forma estendida, é um direito inalienável garantido à toda a humanidade. É justamente no direito inalienável a vida que se encontram a maior parte dos debates em relação ao tema do aborto. Este debate abre lugar para duas concepções distintas, de um lado a posição “concepcionista”; de outro a “sencientista” ou “neurológica”. A questão do aborto vai muito além da discussão biológica em relação ao desenvolvimento humano, sendo abarcada por discussões de cunho moral e religioso e, é justamente na imbricação entre moralidade e religião que se encontram os argumentos mais ferrenhos contra a prática do aborto em qualquer circunstância. Mas além de ser problema de cunho biológico/filosófico/moral/religioso o aborto se constitui enquanto um problema de saúde, causando inúmeras consequências nas práticas sociais, visto que apenas em nosso país mais de um milhão de abortos são induzidos ao ano, sendo uma das principais causas de morte materna. Este trabalho pretende analisar a questão do aborto a partir de dois pontos: a visão ética proposta por Alcino Eduardo Bonella e enquanto problema de saúde pública a partir da leitura da antropóloga Débora Diniz. Em nosso país, uma crescente onda conservadora busca a criminalização de qualquer forma de aborto, indo além de um problema biológico/moral/religioso, constituindo-se enquanto uma questão relativa à manutenção do *status quo*.





**Palavras-chave:** Direitos Humanos. Moralidade. Religião. Dominação Masculina. Aborto.

### Uma proposta de ensino a partir da militância feminina na Ditadura de Segurança Nacional brasileira

Milena Rosa Araújo Ogawa (UFPel) e Camila de Almeida Silva (UFSM)

**Resumo:** Vivenciamos um momento de disputas ideológicas sobre a legitimidade e autoridade para escrever e/ou falar a respeito dos acontecimentos históricos. Os desafios para a produção da História do Tempo Presente se acirram, ciência e senso comum disputam os espaços disseminadores de informação. Nessa querela de disputas sobre o entendimento do período entre 1964-1985, o trabalho propõe discutir violência de gênero durante o período da Ditadura de Segurança Nacional brasileira e como interseccionar a temática com o ensino de História. Assim, propomos nesse trabalho apresentar um relato de experiência da oficina realizada no Curso Popular UP, Capão do Leão-RS durante as aulas de História. Para tal objetivo, utilizaremos como estudo de caso duas militantes, Nilce de Azevedo Cardoso e Dilma Rousseff, ambas organicamente envolvidas com organizações de esquerda e que foram vítimas do Estado que atuava como agente de terror. A oficina buscou tematizar o conteúdo e proporcionar o acesso a diferentes fontes, periódicos (Jornal do Comércio de 28.03.2013), sites (resistência em arquivo) e relatórios (Relatório Azul 2011 da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul) para que os educandos reflitam criticamente as torturas como categorias machistas e misóginas, bem como possam ler e interpretar diferentes documentações.

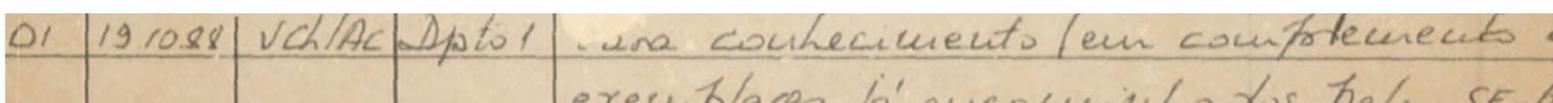
**Palavras-chave:** Ditadura de Segurança Nacional brasileira. Gênero. Nilce de Azevedo Cardoso. Dilma Rousseff.

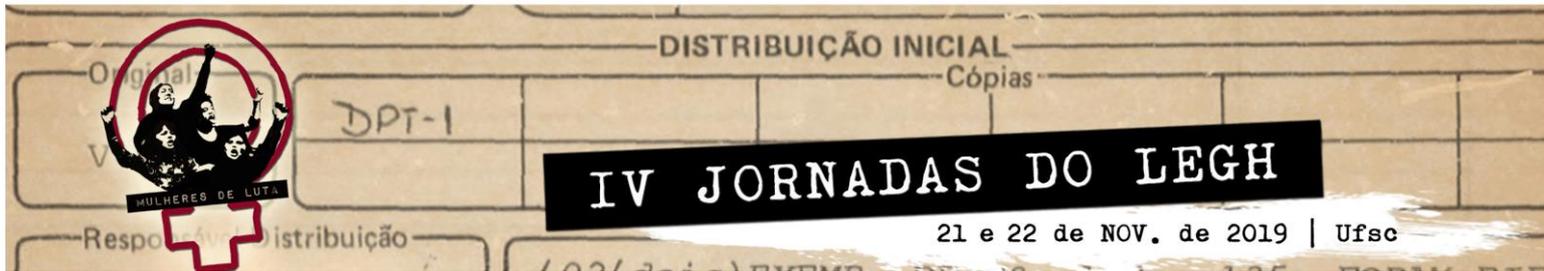
### Cidade polvo. São Paulo dos anos 1920 no quadrinho Sem Dó: modernidade, globalização e questões feministas

Monique Malcher de Carvalho (UFSC)

**Resumo:** Este artigo pretende fazer uma leitura do quadrinho *Sem Dó* da quadrinhista Luli Penna. Sem dó conta a história da arrumadeira Lola e de sua irmã Pilar. O pano de fundo é a cidade de São Paulo da década de 1920, que vive um processo de modernização e migração, com a construção de lugares como a Estação da Luz, que Luli Penna nos apresenta em detalhes arquitetônicos e iconográficos. Neste artigo busco explorar, utilizando revisão de literatura da cidade e com base nos estudos decoloniais sobre globalização e modernidade, além dos estudos feministas, os temas levantados nos anúncios, textos e imagens apresentadas pelo quadrinho, provenientes de jornais e revistas da época para falar sobre o processo de modernização da cidade de São Paulo, incluindo aspectos políticos, econômicos e questões de gênero. O quadrinho marca não só a estreia de Luli Penna como quadrinhista, mas um momento em que a produção das mulheres nesse meio tem conquistado um espaço significativo no meio dos quadrinhos brasileiros, sendo publicado por uma editora que não publica apenas quadrinhos ("Todavia"). A artista não dá voz para as mulheres trabalhadoras da década de 1920 em São Paulo, ela faz essas vozes ecoarem, pois sempre existiram, mas ainda não tinham sido contadas dessa forma, quase cinematográfica e sensível.

**Palavras-chave:** Quadrinhos. São Paulo. Sem Dó. Modernidade. Feminismo.





## N

### **Memória e gênero na historiografia da ditadura brasileira: implicações e desdobramentos sobre a noção de tempo histórico**

Nashla Aline Dahás Gomoziás (UDESC)

**Resumo:** Desde ao menos os anos 2000, a memória – como tema, problema, léxico, objeto ou fonte – vem adquirindo maior espaço na historiografia brasileira da última ditadura, e contribuindo para a aproximação tensa e conflituosa deste campo com o espaço público e com as disputas políticas. No interior desta nova condição, as mulheres adquiriram protagonismo como testemunhas diretas e indiretas das violências que marcaram o período autoritário; assim como o gênero emergiu expressivamente enquanto categoria de análise e crítica das principais bases epistêmicas que sustentavam a disciplina histórica – entre as quais destacamos o questionamento da linearidade evolucionista do tempo e a afirmação de legitimidade da politicidade da História. Diante disso, o objetivo desta comunicação é identificar e discutir alguns impactos e desdobramentos de tais circunstâncias, tomando a ditadura instaurada em 1964 como tema central para pensar sobreposições de temporalidades, a reconfiguração do estatuto da memória política na historiografia, e a radicalidade constituinte dos estudos de gênero e interseccionalidades na história do tempo presente.

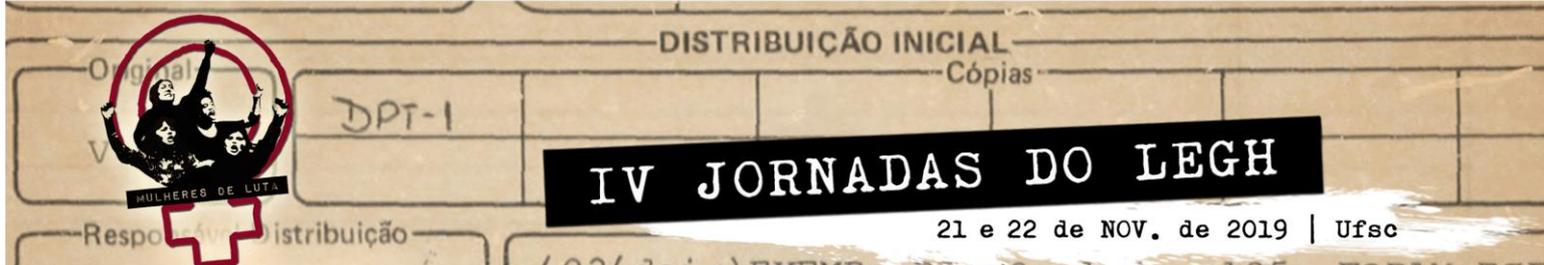
**Palavras-chave:** Ditadura de 1964. Gênero e história. Memória política.

### **Rezadeiras, erveiras e parteiras do cariri: o fio decolonial tecedor das práticas de cura-nascer na América Latina**

Nayara de Lima Monteiro (UFSC)

**Resumo:** Este trabalho aborda os saberes e práticas das rezadeiras, erveiras e parteiras como conhecimentos resistentes à colonização que passou o Cariri cearense, recorte territorial desse processo que aconteceu em toda Abya Yala. O foco será dado às mulheres mantenedoras desses saberes apresentando suas subjetividades específicas. A decolonialidade será o viés de análise na releitura desse contexto, pelos recortes de gênero, raça, classe, de cosmovisões e do local de enunciação desses saberes. O artigo ora proposto deriva, pois, de uma pesquisa finalizada e realizada nas cidades de Brejo Santo e Juazeiro do Norte, Ceará, nordeste brasileiro em nível de pós-graduação *lato sensu*. Porém, essa pesquisa continua em constante revisão e aprofundamento. A metodologia aplicada esteve permeada pelo diálogo de métodos e técnicas pensadas a partir das Epistemologias do Sul (metodologias outras) e de audiovisual para abraçar as memórias e vivências contadas por essas mulheres com forte tradição oral de repassar saberes de geração a geração.

**Palavras-chave:** Rezadeiras. Erveiras. Parteiras. Decolonialidade. Cariri cearense.



## P

### “Ideologia de gênero” e Educação no Brasil: debates atuais

Paula Biazetto Machado Sombrio (UFSC) e Raquel de Barros Pinto Miguel (UFSC)

**Resumo:** Dentro do contexto atual brasileiro, a chamada “ideologia de gênero” tem ganhado espaço na mídia, nos noticiários e nas conversas cotidianas. A fim de entender o que se tem produzido sobre essa temática no Brasil, foi pesquisado o termo “ideologia de gênero” nas bases de dados Scielo, periódicos CAPES e Pepsic. Foram selecionados artigos somente em português e que traziam a temática da educação como pano de fundo. Foram analisados nove artigos, e dessa forma, pretende-se trazer discussões e reflexões sobre esse conceito e problematizar as temáticas de gênero e sexualidade na escola no contexto atual brasileiro. A partir da leitura dos textos, foi possível compreender quando e como o conceito de “ideologia de gênero” foi criado e começou a ser difundido e quais as repercussões desse conceito nas políticas de educação brasileiras. Ficou perceptível que o combate à “ideologia de gênero” representa diferentes interesses para diversos grupos. Para a Igreja, representa uma vertente teórica e política que contesta sua hegemonia em fóruns internacionais, para seguidores/as religiosos/as, é uma noção que ameaça as concepções idealizadas sobre a família tradicional e, para agnósticos/as com interesses políticos ou econômicos à direita, representaria uma agenda oculta de doutrinação “marxista” e comunista (MOSKOLCI, 2018). O discurso da “ideologia de gênero” se mostra problemático, pois tem se convertido em uma forma de legitimação da violência contra pessoas que não se enquadram a um modelo ideal e fixo de feminilidade e masculinidade. Ao ser contra as temáticas de gênero e sexualidade dentro do ambiente escolar, esses discursos conservadores mobilizam uma suposta neutralidade educacional, sendo essa forma de apagamento das diferenças uma violência, pois legitima a violência contra qualquer pessoa que não se identifique à ideologia heteronormativa de gênero (FREIRE, 2018).

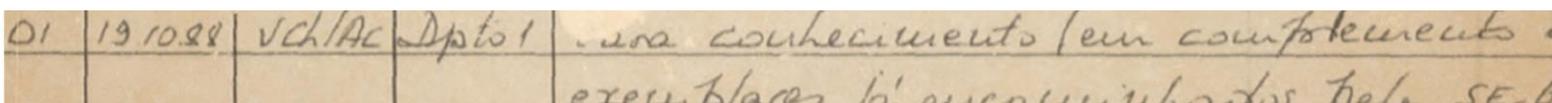
**Palavras-chave:** Ideologia de gênero. Educação. Sexualidade.

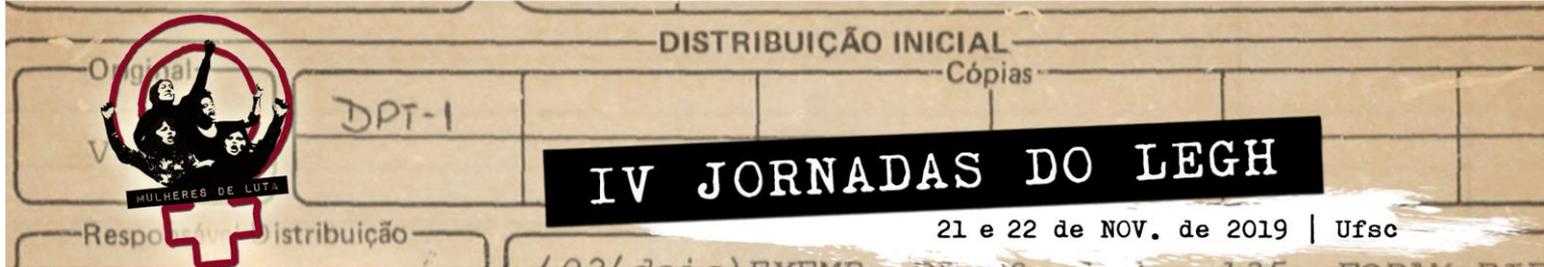
### A “proletarização” das militantes da AP: questões de gênero e militância (1967-1971)

Paula da Silva Ribeiro (UFRGS)

**Resumo:** O presente trabalho consiste em investigar as questões de gênero presentes na proletarização das mulheres pertencentes a organização política “Ação Popular” (AP) durante os anos de 1967 e 1971. Adicionalmente, buscou-se compreender como ocorreu a ida das militantes às fábricas além de suas atuais percepções dessa experiência. Para a produção deste estudo, foi realizado entrevistas de História Oral com duas militantes da organização, Antônia Mara Vieira Loguercio e Nilce Azevedo Cardoso. As entrevistas foram realizadas em setembro de 2018. Com Nilce foi realizada uma entrevista na casa da militante, já com Antonia Mara concedeu duas entrevistas em sua casa. Para a condução das entrevistas foi elaborado um roteiro de perguntas específicas para cada militante. Os roteiros abordam a vida e a trajetória de Nilce e Antônia Mara dentro da organização, privilegiando o período em que foram deslocadas para as fábricas. Dessa forma foi possível concluir que os motivos que levaram as duas militantes a se inserirem nas fábricas ocorreu tanto pela fuga da repressão após AI-5 quanto pela crença de que a revolução precisava ser feita junto com as(os) trabalhadoras(es). Colocaram também que viram de forma positiva o processo, assim como afirmaram também, que a experiência marcou suas vidas pessoal e profissional. Com relação às questões de gênero, percebemos que, dentro um lugar de contestação política, as militantes também contestaram os papéis atribuídos às mulheres de sua época.

**Palavras-chave:** Ação Popular. Gênero. Militância. Ditadura civil-militar.





## “Masculino não inclui o feminino” bell hooks e Paulo Freire: por uma linguagem inclusiva

Paulo Alberto Duarte Junior (UFFS) e Caio Afonso da Silva Brito (UFFS)

**Resumo:** O trabalho objetiva construir um olhar crítico e reflexivo sobre a linguagem em Freire e hooks, com base no campo da educação popular. *Educação como prática da liberdade, Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, de Freire e *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, de hooks foram analisadas para a construção das reflexões. As discutimos durante o grupo de estudos do Programa de Educação Tutorial, na Universidade Federal da Fronteira Sul campus Erechim. Inovando ao compreender a sociedade na chave multicultural, hooks faz a crítica à insuficiência de políticas baseadas em um multiculturalismo, tendo em vista suas experiências de vida e o lugar em que se situa. Essas políticas não consideravam as especificidades, pois aprofundaram as relações de poder entre gêneros, classes e etnias. As reflexões sobre sexismo, que Freire mobiliza em seus escritos durante o exílio, são frutos das críticas mobilizadas pela autora estadunidense em um encontro na Universidade de Santa Cruz, nos Estados Unidos. Ao se mostrar aberto a refletir e assumir suas deficiências de visão com disposição a mudanças, fato que ocorrera em *Pedagogia da pergunta* e *Pedagogia da Esperança: um reencontro com pedagogia do oprimido*, Freire evidencia sua participação nesse constante processo de aprendizagem que constitui sua formação enquanto sujeito. Observa a linguagem exercendo um papel importante em sala de aula, já que as diferentes perspectivas, ao se relacionarem, podem gerar distanciamentos que dificultam a comunicação entre as pessoas. Posto isso, podemos perceber que tanto para hooks quanto para Freire a linguagem não é neutra, carrega consigo aspectos políticos, sociais e de identidade. É importante frisar a pluralidade de perspectivas presentes no contexto multicultural hoje na América Latina, portanto, o trabalho do educador e da educadora deve sempre problematizar as estruturas da linguagem e as relações de poder que podem ser reproduzidas.

**Palavras-chave:** hooks. Freire. Linguagem.

## Um mundo em trânsito: a sociedade riograndense e as relações de gênero através do cortejo fúnebre de Júlio de Castilhos, em 1903

Paulo Gabriel Alves (UFRGS)

**Resumo:** Os momentos de morte são de grande ritualização no século XIX. Neles, buscava-se encenar uma sociedade ideal e idealizada: a importância do defunto, sua ligação com os demais e destes entre si. Através dos conceitos de imagem, de Jean-Claude Schmitt, e de gênero, de Joan Scott, proponho, pela análise da fotografia do cortejo fúnebre de Júlio de Castilhos (1860-1903), feitas por Ziul, compreender as relações de gênero ali performadas, entendidas como uma forma primeira de relações de poder.

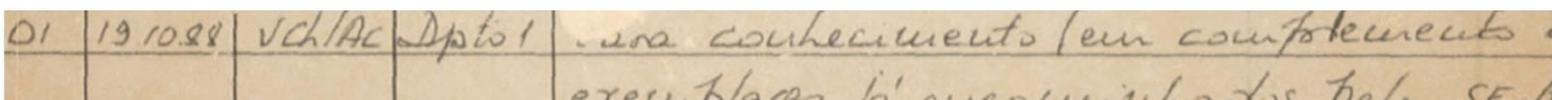
**Palavras-chave:** Fotografia. Moda. Rio Grande do Sul. Gênero.

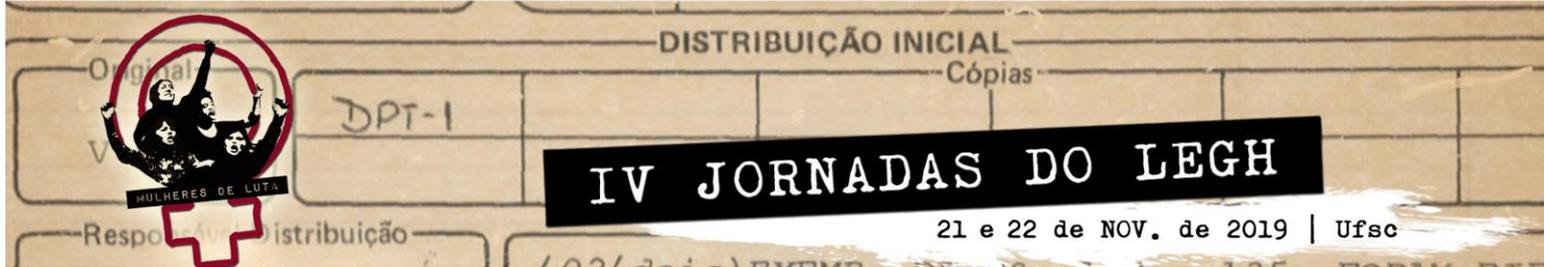
## R

### O Arquivo Oral de *Memoria Abierta* e testemunhos de militantes feministas argentinas

Rafaela de Melo Vasconcellos (UBA)

**Resumo:** O Arquivo Oral de *Memoria Abierta*, localizado em Buenos Aires, é o maior arquivo de entrevistas sobre a vida social e política da Argentina e tem como objetivo promover a memória sobre as violações dos direitos humanos do passado recente argentino, bem como as lutas e ações de resistência, para fortalecer a democracia. Criada no ano 2000, a organização reúne mais de 700 testemunhos gravados em vídeo de





presxs polítixs, exiladxs, sobreviventes dos centros de detenção, familiares de vítimas da repressão estatal, intelectuais, artistas e militantes. A produção desses relatos é marcada por narrativas reflexivas, tanto sobre as histórias e experiências pessoais das pessoas entrevistadas, como sobre os principais processos sociais, políticos e ideológicos do país (MEMORIA ABIERTA, 2011). Nesse sentido, o presente trabalho pretende analisar alguns testemunhos de ativistas feministas referentes argentinas, cuja militância perpassa o período da ditadura e transição democrática, no intuito de refletir sobre as características e desafios dos movimentos de mulheres dessa época.

**Palavras-chave:** Mulheres. Feminismo. Memória. Arquivo. Argentina.

### **O Lampião da Esquina (1978-1981) e as intersecções entre entendidos e bichas políticas**

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto (UFG)

**Resumo:** Inúmeras são as identidades homossexuais em circulação hoje e esta não é uma exceção histórica. Durante as décadas de 70 e 80 do último século três identidades homossexuais sobressaltavam no autodenominado gueto homossexual. Entre bofes, bichas/bonecas e entendidos um rizoma de possibilidades ganhava um regime de visibilidade nos tempos ditatoriais. Nosso objetivo neste texto é evidenciar aquilo que Green (2000), Fry e MacRae (1983) denominaram como identidade homossexual predominante no movimento em emergência. Utilizando *O Lampião da Esquina* (1978-1981) perspectivamos aqui, analisar as relações entre tais identidades e estabelecer os pontos de convergência e divergência entre a mentalidade que se instaurava através da militância gay daquele período e os discursos identitários que se instauraram no periódico. Dessa forma, dividiremos o nosso texto em dois eixos principais. O primeiro ponto estabelece uma relação entre as hierarquias identitárias edificadas a partir das sexualidades, Rubin (2017), representadas dentro do jornal. E o segundo ponto é destinado a compreender as aproximações entre o discurso lampiônico, e conseqüentemente a identidade que este defende em relação ao projeto de identidade homossexual defendido pelos movimentos contemporâneos ao periódico.

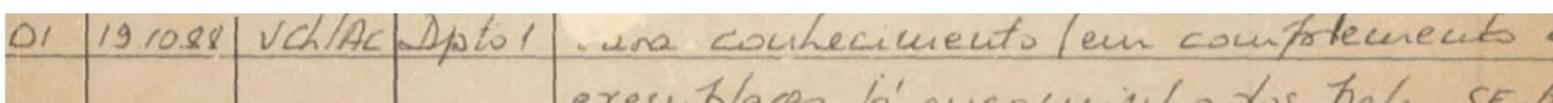
**Palavras-chave:** Lampião da Esquina. História das Homossexualidades. Ditadura civil-militar. Resistência homossexual.

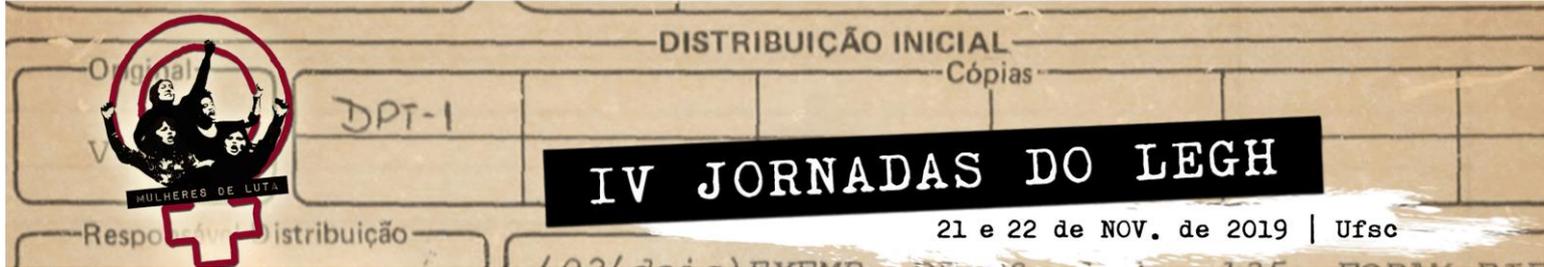
### **Entre Rosas e Marias: a resistência feminina nas correspondências do Acervo Jorge Amado**

Roberta de Fátima Martins (UFSC)

**Resumo:** A participação das mulheres como sujeito político e social, principalmente, na militância política, passa a ser percebida e reivindicada a partir do movimento feminista, na década de 1970. A história de militantes anterior a essa data ainda é pouco conhecida. Nesta pesquisa pretendo abordar a resistência feminina nas correspondências do Acervo Jorge Amado, abrigado no Núcleo de Literatura e Memória, da Universidade Federal de Santa Catarina. Mulheres que lutaram contra o fascismo e por mudanças sociais, mas que também precisavam lutar e reivindicar seu espaço dentro das organizações políticas, especificamente, o Partido Comunista Brasileiro, entre 1941-1942. Mulheres que não apresentavam comportamento esperado pelo Estado e pela sociedade da época. Destacarei a presença de militantes comunistas, como Maria Cruz, Rosa, além de outras personalidades, como Ligia e Leocádia Prestes. O objetivo, para além de trazer à tona a presença feminina num Acervo majoritariamente masculino, é apresentar de que mulheres falamos, como se comportavam, como contribuía para a causa comunista.

**Palavras-chave:** Mulheres. Resistência. 1941-1942.





## Gênero e Diversidade na aula de História: trajetórias, desafios e avanços

Robson Ferreira Fernandes (UFSC)

**Resumo:** Pela importância de se discutir os temas de gênero e diversidade na escola, especialmente nas aulas de História, esse resumo permite ter clareza do desenvolvimento teórico e empírico e pensar os objetivos que serão elencados nessa proposta. As pessoas estão em constante transformação, variando seus interesses e desejos, alterando práticas cotidianas e a forma como se percebem e como veem os outros. Durante muito tempo prevaleceu, na maior parte das sociedades, a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres eram naturais e definidas por diferenças nos corpos biológicos. As mulheres teriam nascido com uma aptidão maior para o cuidado com o lar e os filhos, enquanto os homens tinham maior facilidade para trabalhar fora, fazer maior esforço físico e assumir cargos de chefia, entre muitas outras concepções que marcaram as distinções entre os sexos. Esse mesmo discurso era, notadamente, utilizado para justificar a subordinação feminina e as relações desiguais entre homens e mulheres. A história marca um elo de manifestações no decorrer de seu tempo que possibilitam a reflexão crítica sobre essas práticas. Diante desse quadro que ainda rege as relações de gênero, as aulas de História no Ensino Básico precisam: conscientizar, sensibilizar e informar alunas/os, professoras/es, funcionárias/os, mães e pais sobre a necessidade urgente do trabalho com questões de gênero e diversidade na escola, contribuindo, desse modo, com a formação humana integral; estimular o debate e a reflexão sobre questões de gênero e diversidade na escola; desmistificar o trabalho com gênero e sexualidade na escola; diminuir situações de preconceito e injustiças no ambiente escolar; trabalhar com temas transversais e que estão contidos nos marcos legais do país. Com essa proposta, pretendo refletir sobre os impactos e desafios que o projeto “Gênero e Diversidade na Escola”, vinculado ao Papo Sério e NIGS – UFSC, atingiu em três escolas que lecionei: E.E.B. Coronel Antônio Lehmkuhl (Águas Mornas), E.E.F. Dom Jaime de Barros Câmara (Palhoça) e E.E.B. Irmã Maria Teresa (Palhoça). Acerca dessas temáticas, pensar nas falas dos sujeitos discentes e docentes que transitaram no projeto do concurso de cartazes; identificar os/as professores/as que inseriram esses conteúdos nas suas experiências didáticas e metodológicas para a sala de aula e se conscientizaram que há possibilidades de termos um mundo mais justo, humano, igual e tolerante. A escola que queremos e de que necessitamos precisa ser um ambiente onde todas e todos sejam respeitadas/os e sintam-se bem consigo mesmas/os. Acredito que é a partir da educação que também a sociedade tornar-se-á mais justa e igualitária. As questões de gênero e diversidade vivem na e habitam a escola. Muitas vezes, são essas mesmas questões as responsáveis por situações de violência, preconceito e injustiça no ambiente escolar. É função e responsabilidade da escola trabalhar com tais questões de modo que não seja a escola um espaço promotor de desigualdade, dor e sofrimento.

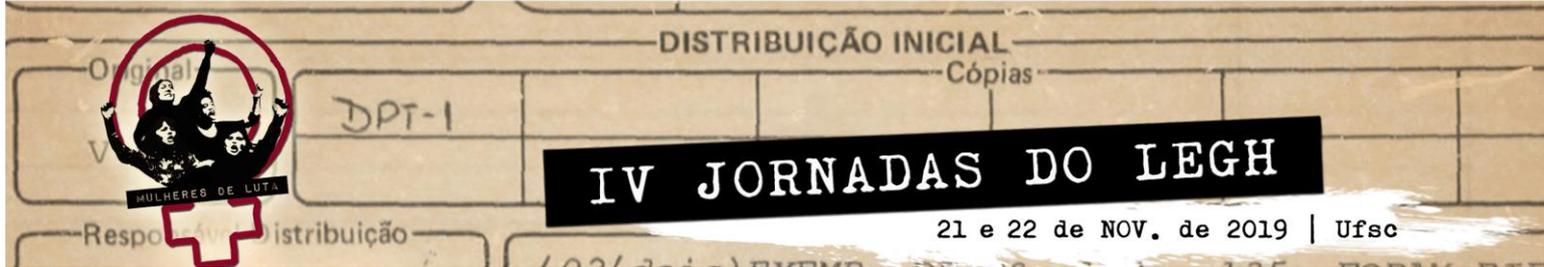
**Palavras-chave:** Gênero. Diversidade. Ensino. Aula de História.

## Mulheres negras na produção conhecimento nas ciências humanas: configuração de outros corpos

Rosana Vargas Fraga (UFSC) e Sílvia Regina Teixeira Christóvão (UFSC)

**Resumo:** Este artigo reflete sobre as desigualdades que são direcionadas as mulheres negras e como essas desigualdades são potencializadas pelas discriminações, que ocasionam as dificuldades de acesso e permanências aos locais de produção do conhecimento científico. Destaca-se que as oportunidades são diferenciadas, as mulheres negras são colocadas a ocupar um lugar de subalternidade e invisibilidade. Especificamente essa invisibilidade dessas mulheres, também é destacada por meio da rejeição de seus corpos nesses espaços, coagindo sua voz na afirmação da identidade negra feminina. Outro ponto relevante abordado nesse artigo é que, a mulher negra evidencia um conhecimento interseccional, que confronta as epistemologias hegemônicas, deslocando a forma de pensamento para além das estruturas

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... conhecimento (em componentes e exemplares) encaminhados pelo SE-6



patriarcal, branca e eurocêntrica. Provocando rupturas sociais. Metodologicamente baseiam-se nas referências bibliográficas de autores/as que vêm refletindo sobre essa temática, com destaque para: Gomes (2017, 2014) hooks, (2010, 1995, 2013), Adichie (2015), Ramos, (1995), Miranda (2006, 2014) entre outros. Que dialogam a perspectiva de que a inserção das mulheres negras no campo da pesquisa científica, precisa ser não mais como objetos de estudo, mas como sujeitos/as que estão produzindo conhecimento. Nesse sentido, as reflexões apontam que o enfrentamento à invisibilidade e o silenciamento das mulheres negras no espaço acadêmico, lança constante debate acerca da representação das subjetividades, das questões gênero e raça e de classe. Conduzem a crítica em relação à imparcialidade da pesquisa quando se definem seus objetos a partir do lugar de suas vivências. Além da contribuição no debate acerca dos feminismos, com destaque o feminismo negro.

**Palavras-chave:** Mulheres negras. Produção de conhecimento. Feminismos. Epistemologias.

## S

### Mulher na ciência e na tecnologia: um relato da escola

Samara Lais Zimmermann (UFSC) e Bianca Franchini da Silva (UFSC)

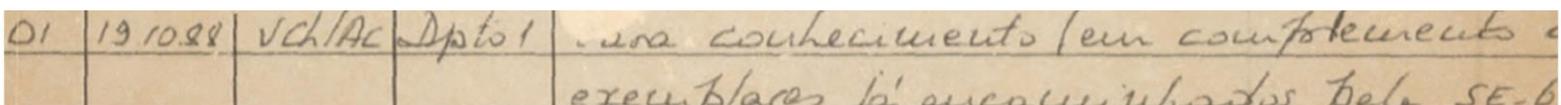
**Resumo:** Considerando nossa atuação em uma escola técnica durante o Estágio Obrigatório II de Licenciatura em Letras Português, em 2018, esse trabalho visa relatar nossa experiência ao escolhermos trabalhar com questões de gênero, mais especificamente, com o tema transversal "mulher na ciência e na tecnologia" nas aulas de Língua Portuguesa. Uma breve explicação sobre a escolha dessa temática se dá justamente pelo fato de a ciência sempre ser vista como atividade estritamente realizada por homens, e, durante séculos, a mulher teve de lutar e de quebrar grandes barreiras, seja de gênero, de capacidade, de qualidades/competências, de direitos, seja de representação social. Na atualidade, a luta ainda existe, pois as mulheres ainda continuam às margens, e, no caso dessa temática, às margens desde sua infância na educação familiar e escolar, em que são pouco estimuladas a brincarem e se imaginarem em carreiras relacionadas à tecnologia e à ciência, até a chegada à universidade ou cursos superiores encontrando o preconceito de gênero, bem como no mercado de trabalho que, atualmente, restringe essas áreas aos homens. Assim, este trabalho será uma maneira de debater e de dividir nossa caminhada no ensino público relacionada às questões de gênero.

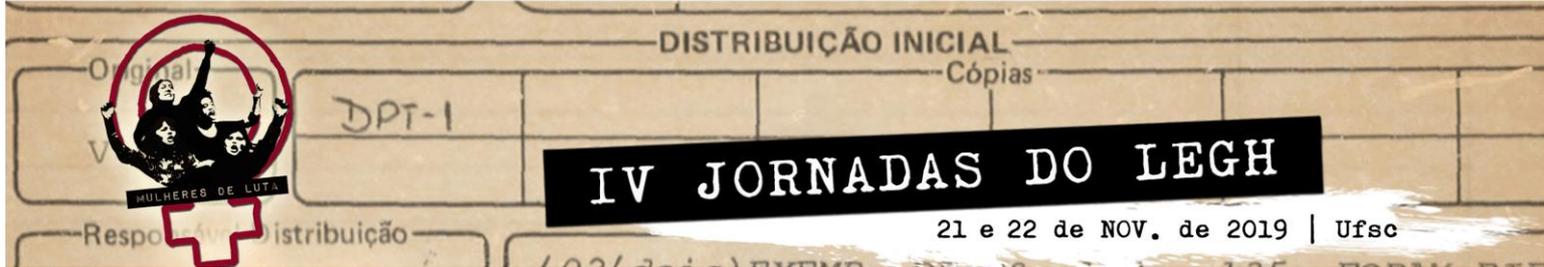
**Palavras-chave:** Gênero. Ensino de Português. Tecnologia.

### Quando o feminismo é aceitável: a perspicácia pós-feminista em tempos atuais

Simone Munir Dahleh (UFSM)

**Resumo:** A trajetória do movimento feminista não constitui um todo unificado. Mas, também, não há consenso sobre a divisão demarcada do movimento em ondas. Cientes desse problema, utilizaremos em nosso trabalho a delimitação das possíveis vertentes do feminismo – na Europa e no Brasil, principalmente a fim de demarcar o surgimento do pós-feminismo, fenômeno mais atual. Para Gill (2016), o pós-feminismo é utilizado de forma variada, ora para sinalizar uma ruptura epistemológica com o feminismo da segunda onda, ora como uma mudança histórica (para uma terceira onda) e, ainda, outras vezes como uma postura política regressiva, uma espécie de reação. Sabendo disso, o artigo busca delinear como o fenômeno do pós-feminismo surge na contemporaneidade e de que forma vai configurando discursos neoliberais ao sugerir que mudanças psicológicas e nas atitudes das mulheres são a solução para o fim da desigualdade de





gênero. O recente e aparente interesse do feminismo por parte da mídia e entre as mulheres mais jovens, nos faz pensar sobre que feminismo é esse que se está exaltando na mídia e quais os propósitos e consequências sociais que incitam, já que é demarcado e excludente (geralmente quem é a 'cara' desse movimento são mulheres brancas, ricas e heterossexuais). O pós-feminismo dedica-se, principalmente ao enfoque no indivíduo, na autovigilância, no sucesso e no esforço individual confluindo para o empoderamento. A partir das vertentes do feminismo, buscamos identificar suas possíveis configurações hoje a fim de situar a emergência do fenômeno pós-feminista nas representações midiáticas. O artigo apoia-se teoricamente, principalmente, nos escritos de Rosalind Gill, Angela McRobbie e Imelda Whelehan.

**Palavras-chave:** Mídia. Feminismo. Pós-feminismo.

## T

### Minha querida filha, quantas saudades tenho tuas!

Talita Gonçalves Medeiros (UFSC)

**Resumo:** Saudades, lembranças e recordações são assertivas constantes na escrita das correspondências enviadas da Baronesa Amélia para sua filha Amélia entre os anos de 1885 e 1917. A distância entre elas originou 130 (cento e trinta) cartas, que descreveram os desejos, as saudades, as faltas e as vontades da Baronesa Amélia, além das visitas da semana, dos passeios pela cidade, as compras na rua do Ouvidor, a falta de recursos para compra de uma casa, mas principalmente, o desejo da presença e permanência da filha, dos netos e netas na cidade do Rio de Janeiro. A escrita da Baronesa Amélia, oferece inúmeras abordagens de estudos, mas, sobretudo, articulações entre os estudos de gênero e os estudos sobre memórias. Com esse enfoque, a presente comunicação, possui como finalidade investigar como essa relação subjetiva é apresentada nas correspondências, especialmente observando como essas memórias são construídas e retratadas na escrita da Baronesa Amélia para sua filha Amélia.

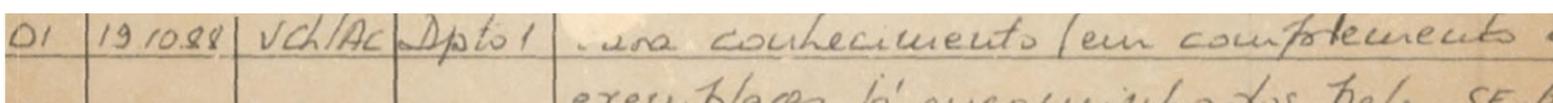
**Palavras-chave:** Gênero. Memórias. Cartas. Pelotas.

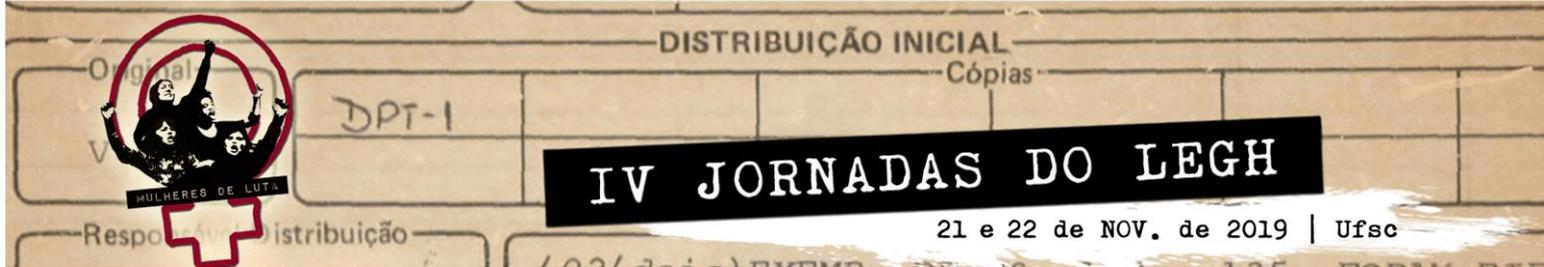
### Dos arquivos e das vozes silenciadas: mulheres na Mala

Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)

**Resumo:** Minha proposta de leitura é a de procurar entender como uma dezena de mulheres se inscreveram no contexto político, literário, partidário, cultural, histórico no Brasil, Argentina e Uruguai e como a solidariedade e afetividade repercutiram nas relações do exílio, como agiam e como se movimentavam nessas estratégias de trocas produzidas pela linguagem escrita, seja por cartas, seja pela própria literatura nas quase 1500 páginas de documentos (1941 – 1942) que se encontram no núcleo "Literatura e Memória" – nuLIME, UFSC, núcleo o qual coordeno no projeto intitulado *A Mala de Jorge Amado*. Como dar visibilidade a essas mulheres arquivadas, pessoas e personagens, nomes próprios principalmente, silenciadas nas relações de poder e militância comunista numa cultura política que se forjou no patriarcado e que reverbera até hoje?

**Palavras-chave:** Mala de Jorge Amado. Exílio 1941-1942. Arquivo memória mulheres.





## V

### “Mostrar a cara da prostituta para a sociedade”: prostituição e associativismo em Fortaleza-CE (1975-1992)

Valderiza Almeida Menezes (UFSC)

**Resumo:** O objetivo desta comunicação é discutir historicamente sobre a prostituição na cidade de Fortaleza-Ceará entre os anos de 1975-1992. Nossa atenção específica está na relação daquelas mulheres com seu corpo, com foco no trabalho, no direito à cidade, e na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, em um momento de liberação dos costumes, maior visibilidade da mulher nos espaços públicos, surgimento da AIDS e, igualmente, de fundamental importância para a organização, a nível nacional e internacional, das prostitutas. Foi no final do recorte mencionado, por exemplo, que foi criada a Associação das Prostitutas do Ceará (APROCE), com sede na cidade de Fortaleza, tendo como fundamental motivação para a sua constituição o surgimento da AIDS. As principais fontes utilizadas para nossa discussão são jornais de grande circulação na capital do Ceará (O Povo e Diário do Nordeste), documentos da BEMFAM – Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil –, entidade que atuava no controle de natalidade e, posteriormente, na conscientização contra a AIDS, bem como entrevistas realizadas com mulheres que trabalharam como prostitutas entre os anos mencionados. A pesquisa, que possui financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tem nos mostrado que algumas vivências das prostitutas mais as aproximavam do que as afastavam de mulheres não prostitutas, ainda que a figura da puta continuasse a ser constantemente acionada como o oposto da mulher ideal. Além disso, é possível constatar que, mesmo exacerbando o preconceito já existente em relação à sua atividade, foi a partir do surgimento da AIDS que as prostitutas conquistaram espaços e isso se fez a partir de um discurso de identidade. Os documentos elencados anteriormente nos permitem ainda identificar as prostitutas como sujeitos detentores de agência, que consideram suas demandas e visão de mundo, ainda que dentro de suas possibilidades.

**Palavras-chave:** Associativismo. Fortaleza. Prostituição.

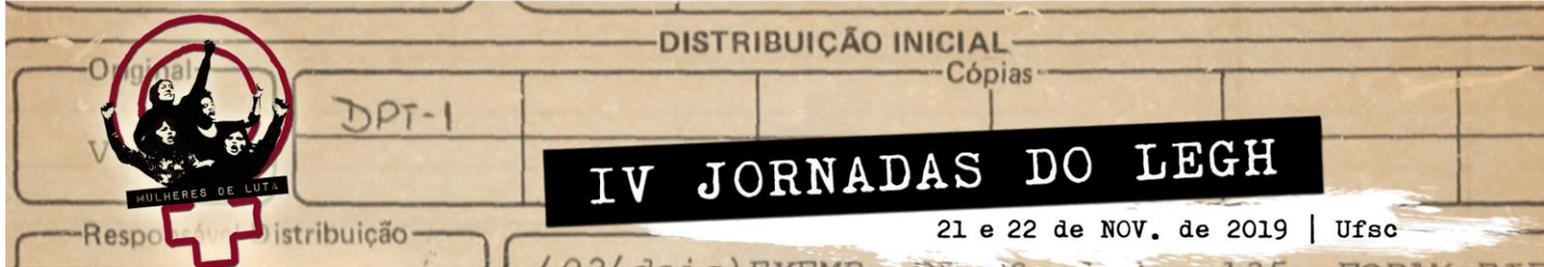
### *Kümedungun*: trajetórias de vida e a escrita de si de mulheres poetas Mapuche

Valentina Paz Bascur Molina (UFBA)

**Resumo:** A presente investigação pretende apresentar as trajetórias de vida de três escritoras Mapuche, que tem se destacado no cenário literário chileno nas últimas décadas: Maribel Mora Curriao, Graciela Huinao e Rayen Kvyeh. A partir do diálogo entre as suas trajetórias de vida e obras, cabe nos perguntar, como as mulheres poetas mapuche criam os seus processos de subjetividade? A partir das suas narrativas de vida, consideramos que elas, através da criação literária, expressam formas de vida que se contrapõem às identidades impostas, sejam sociais, raciais étnicas e de gênero. Nosso objetivo é refletir acerca da construção das suas subjetividades através do ofício de escrever-se. Acreditamos na importância das análises voltadas para as experiências e trajetórias de mulheres mapuche, pois elas podem contribuir com a desconstrução dos imaginários coloniais, racistas e sexistas. As narradoras, escritoras e poetas têm registrado a luta para que as expressões artísticas do povo mapuche sejam reconhecidas enquanto literatura, já que as dinâmicas de exclusão estão assentadas nas raízes da colonização europeia que valoriza a tradição escrita e o espanhol como língua oficial, e na formação dos Estados Nacionais que excluem as narrativas contra hegemônicas dos povos indígenas.

**Palavras-chave:** Mulheres Mapuche. Subjetividade. Escrita de si. Literatura.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares lá encontrados pelo SE-6



## Trabalho doméstico e feminismo no Movimento das Mulheres Camponesas de Santa Catarina

Valéria Machado (UFSC)

**Resumo:** Ao levar em conta como os movimentos sociais feministas têm se organizado no Brasil no que diz respeito às questões do trabalho doméstico das mulheres do campo, esta comunicação oral tem por objetivo principal perceber de que forma as membras do Movimento das Mulheres Camponesas de Santa Catarina (MMC/SC) ressignificaram a esfera doméstica e a divisão sexual do trabalho tornando-as instrumentos de poder e de luta, tanto no que diz respeito às opressões de gênero quanto às opressões de classe. A base desta pesquisa encontra-se principalmente na análise da história do MMC/SC, inserido no contexto brasileiro e latino-americano dos movimentos sociais do campo, na discussão teórica e histórica sobre o trabalho doméstico no Brasil, voltando-se especificamente para o trabalho doméstico no campo e na compreensão das especificidades do feminismo camponês presentes neste movimento. O estudo considera, além da pesquisa bibliográfica da vasta produção acadêmica sobre os temas, entrevistas realizadas com quatro membras do MMC/SC, em especial as questões voltadas sobre a forma com a qual suas experiências no âmbito doméstico influenciaram a imersão e participação política no movimento das camponesas dessas mulheres, bem como da análise documental de materiais produzidos pelo próprio movimento, tais como: cartilhas, livretos, folheto informativos, panfletos.

**Palavras-chave:** Trabalho doméstico. Movimento das mulheres camponesas. Feminismo.

## W

## A inabilidade da ministra Damares frente a efetividade de políticas combativas ao estupro em Marajó

Wanessa Assunção Ramos (PUCPR) e Daiana Alessi Nicoletti Alves (PUCPR)

**Resumo:** Em 24 de julho do ano corrente, a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, afirmou que os delitos de estupro ocorridos na Ilha de Marajó/PA tinham como um dos principais fatores a falta de roupa íntima (calcinha) para as meninas e ressaltou que a melhor forma de combater o crime seria levar fábricas de calcinhas para localidade (CARTA CAPITAL, 2019). Esse discurso, decorrente de uma sociedade de raízes patriarcais, que, em última instância, resulta na violência de gênero, que pode ser praticada através do estupro, e que culpabiliza a vítima pela prática de atos ilícitos está em dissonância aos diversos tratados internacionais ratificados pelo Brasil e direitos constitucionais previstos na Magna Carta. Desta forma, o presente trabalho possui como tema uma análise da ausência de políticas públicas para as vítimas de estupro evidenciadas pelo discurso da Ministra Damares. Possui como objetivos específicos: a) tratar acerca do delito de estupro; b) analisar a origem da sociedade brasileira com relação ao patriarcado; c) verificar a ausência de políticas públicas para as vítimas de estupro. Utilizar-se-á uma metodologia teórica, exploratória e qualitativa, aliada com a análise do discurso.

**Palavras-chave:** Mulheres. Políticas Públicas. Estupro.

DI 19/10/88 VCH/AC Dpt 01 ... sua conhecimentos (em computadores e  
exemplares de documentos pelo SE-6



# Y

## “Não sou gay, sou Marica!”: a ancestralidade marica além do LGBTQIA+

Yonier Alexander Orozco Marin (UFSC)

**Resumo:** Neste trabalho tenho por objetivo problematizar a identidade “Gay” a partir dos discursos, memória ancestral e exercício político de corpos racializados, pobres e dissidentes da América Latina que nos identificamos como maricas. Em uma perspectiva decolonial, e considerando a importância de renunciar a histórias únicas, brancas e eurocentradas sobre nossas realidades, existências e identidades, neste território denominado América Latina, pretendo desestabilizar a versão embranquecida da história que considera que: -O movimento LGBTQIA+ na América Latina aparece como uma importação de movimentos dos Estados Unidos gestados nas décadas dos 60s-70s, e -Que reforçam a ideia de que corpos dissidentes deste sul global aceitamos e assumimos passivamente as construções identitárias que viajaram desde o norte global. Primeiramente, abordo a dificuldade de procurar raízes e ancestralidades outras para as dissidências sexuais e de gênero na América Latina e da Afro-diáspora, considerando que um dos principais “sucessos” do projeto colonial foi apagar a existência de nossos corpos de qualquer memória indígena, de negritude, ou da classe trabalhadora. Porém, destaco também algumas fugas e porosidades que permitem que nos pensemos e identifiquemos em outros tempos, solos e bases. Posteriormente, abordo a questão da identidade marica em sua diversidade e em seus aspectos de consenso, a partir da análise e escuta sensível das falas de pessoas autoidentificadas como maricas no programa radial “Nación Marica” da Emissora *Radio Líder* na cidade de El Alto (Bolívia), programa dirigido pela coletiva “Movimiento Maricas Bolivia”. No meu ir-vir ser-estar marica, finalizo destacando os elementos da consciência de classe, da luta anticapitalista, antirracista, antimachista, anticapacitista e anticolonial que marca os corpos dissidentes deste sul latino que nos construímos e reafirmamos como maricas.

**Palavras-chave:** Corpo. Decolonialidade. Dissidência sexual. Teoria Queer.

